

Baião

Tiba Velasquez

Para Íris

“Toda moeda tem seu preço”

Foucault

“As palavras e as coisas”

Ouvindo aquilo Elvira depositou com pachorra os talheres encardidos sobre a toalha amarelenta da mesa e calou-se. Com gesto agressivo, afastou para longe de si, o prato de porcelana imunda que não chegara a tocar. Desdenhosa do mundo, deu-se conta de que no molho escarlate boiavam cebolas gordas como carambolas e feias fatias feitas de lombo suíno — que Zefa preparara com tanto esmero. Descobriu, com desgosto, que o contato nauseante do assado com o tempero vivo desenhava um bordado confuso em torno da superfície das lâminas de carne. O fenômeno prendeu a flutuante atenção da adolescente. Elvira o contemplou demoradamente num silêncio longo e sem vida.

Com o gesto brusco da menina, a mãe levantou-se de um pulo crispando com toda força o rosto de feições pesadas. Bastante amuada riscou com o corpo rígido uma curva em torno da cadeira de assento de palha onde se acomodara com dificuldade. Afastou-se endurecida, sem fazer ruído, e empurrou com esforço de volta para seu lugar o pesado móvel de madeira rústica. Apesar da alma desarmônica esmerava-se em ser o mais ritmada e melódica possível. Podiam-se ouvir suas costas arqueadas rangendo entre as pausas calculadas enquanto se deslocava. Carregava para longe da filha a gigantesca sela anônima dos desencontros de todos aqueles anos. Sozinha tentaria encontrar a paz talvez por alguns momentos.

Seu ser mecânico bateu em retirada do comedor para ir sentar-se no calor animal da poltrona estofada de veludo. Naquele canto sombrio apagada entre as pedras sujas de fuligem da sala de visitas solitária bordaria seu destino. Dormitaria ali diante do crepúsculo da vasta salina enquanto imprimia na cambraia branca piscando com olhos exaustos sobre o antigo bastidor o padrão exato de todas as tardes.

Um pequeno vaqueiro encourado de pele amarelada cortou a penumbra onde cabeceavam os olhos de Laurita. Correu para o fundo em direção ao cômodo contíguo onde a filha ficara sozinha contemplando

sua comida fria. Imediatamente voltou dali. Cavaleiro e cavalo perseguiram uma abastada novilha. A cena passou rápido na frente da mulher. Deixava contra os brilhos do vidro os rastros da cauda da montaria ajazeada de prata e vento. A rês ziguezagueava fugitiva das garras da fome de seu piquete magro e fugia em busca de capim melhor. Estava agora submetida ao laço do homem. Sem entregar-se atirava a cabeça inclinando-se e entortando o pescoço contra os ombros. Enfurecida tornava-se enroscada como um nó. A língua crescia para fora dos lábios. Ora espadejava coices ora subia no ar e se jogava contra o chão elevando a poeira da cena para dentro dos olhos de Laurita. Depois desapareceram por alguns segundos o vaqueiro e a bezerrona e então ressurgiram diante da janela esverdeada do lado direito da mulher. Correram para o outro lado e trouxeram seus cheiros para a modorra da sala de pé direito alto. Congelada a visão da mulher sobre o vidro da janela da esquerda a mão do vaqueiro atingiu uma das orelhas da garrota. O safanão fez a rês rolar no chão exibindo as pernas soltas para o céu. Seu rosto rosa e olhudo rangia de dor revelada nas feições petrificadas de Laurita. Assolada pela cena a mulher contraiu os olhos e mergulhou profundamente na sua poltrona. Reconfortada pela ausência de imagens deu-se conta de que o vaqueiro desaparecera com sua presa. Aquela luta entre o homem e a novilha era uma repetição da sua própria luta com a vida. Só não conseguiu definir com clareza quem era ela naquela cena se o vaqueiro a montaria ou a rês.

Ainda abatida pela questão sem resposta Laurita pode ouvir os passos da filha ecoando contra o silêncio do casarão. A menina abandonada pela mãe ia-se ocultar na solidão do seu quarto — o recôndito sem vida no corredor imerso em sombras. A mãe suspirou aliviada ao perceber que teria se livrado por alguns momentos do inferno da filha. E decidiu também ir deitar-se.

Recolhida ao leito Laurita foi novamente assolada pelos antigos sentimentos de inadequação ao mundo. Em momentos como aquele o réptil da miséria desce sobre sua presa. Laurita lutava contra a conhecida

imagem da vaca vermelha. Entrevia a cabeça do marido esmagada sob os pés da rês. Conseguiu afastar as memórias e tentava distrair-se com alguma coisa leviana. Quando era menina nunca fora a um circo. Aquilo era o palácio dos sonhos não realizados. A figura fina da tristeza furou sua carne. Deu-se conta dos anos loucos que vivera na infância. Perguntou-se por que, quando menina, nunca tinha visto de perto o trapezista. Imaginou se aquela vida dele não era também como a sua — um livro de medos! Vida de escrava menina sem gestos e sem gosto. Também nunca tinha visto uma bailarina. Nem escutado o som de uma fanfarra.

O que conhecia eram as salinas. O chão maciço o sol maduro os sapatos lixados pela calça. Os esquadros de sal empurrando o horizonte terras senhoriais correições de gente negra mulata miúda sofrendo os horrores do eito, perdendo seus ossos para senhores brancos. Homens sujos de terra nascidos na morte esperando a vida do consumo dos compradores de sal das mãos dos latifundiários. As dunas móveis estrangulando suas casas simples de barro bruto. Soterrando os móveis engasgando as crianças. Os gradis de ferro batido nas varandas das casas-grandes mantendo separados seus rostos dos jantares dos salões de chão polido.

Alcançou com a mão esquerda o terço do finado. A relíquia arrumada em cruz na mesinha de cabeceira se moveu entre seus dedos. Puxou o rosário para o peito num gesto devoto e o suor escorreu pelo ensartado de contas. Comandou a reza e percebeu que ao se dedicar vazaram as imagens do quarto para dentro dos seus olhos. Tentava lembrar-se da oração. Arrastou os dentes rangendo sílabas e pronunciou um mote mais fácil: *Sete Chagas do Senhor Crucificado*. Repetindo a jaculatória divisou aos pés da cama o rosto de um palhaço maltrapilho. Tomava pela mão uma bailarina verde com os pés sujos de lodo. Seus joelhos estavam esfolados e as pernas tortas para dentro. Encantada notou que tanto a pirralha como o palhaço sorriam para ela. Perdeu-se na decoreba e ao distrair-se as palavras surgiram na sua boca: *Creio em Deus Pai Todo Poderoso!*

Despertada ouviu a raiva dos porcos focinhando o chiqueiro. Era inevitável: os porcos invadiriam a sua cama. Subiriam como formigas pelas paredes. Devorariam os rostos das fotos de família penduradas como manchas nas paredes. O final feliz das suas orações seria na pocilga podre arrastada por grandes capados brancos. Já afundada na lama esperava que a próxima madrugada lhe trouxesse um pouco de paz. Madrugada que ela sabia não viria nunca. Com ânsia apertou mais ainda as contas do terço do rosário. Contraiu-se e forçou a recitação do Credo. Sabia de cor aquilo de que se esquecera! A crosta dura das cobertas agudizou o escuro das lamentações. Laurita compungiu-se e afundou a cabeça contra o travesseiro.

Se distraía a todo momento da reza imaginando a porta do casarão se abrindo e deixando passar aquele que ela desejou a vida toda. Se aquela porta existisse de fato ela poderia correr levando consigo Zukko pelas mãos e se estenderiam pelo cultivo cor de malva nos arredores do campo como uma menina na neblina da manhã. Chegaria a circundá-lo de beijos num bem-me-quer no alto da escadaria da igreja. Apesar de esforçar-se em manter o idílio com Zukko, sua memória foi levada para a gravura na parede detrás do piano. A carroça guiada pelo cocheiro e sua sinistra carga de bezerros malformados ela conhecia de cor. Seus olhos desceram e deram com a filha treinando as notas enquanto lia a partitura. Outra menina personagem da gravura nua da cintura para baixo tangia com a varinha de bambu o corpulento pato de carranca cinzenta. Coberta por abundante barrete a cabeça da ave sobressaía contra o capim escorrendo a crosta vermelha sobre seu bico de esmalte amarelo com a forma de uma colher. Laurita não consegue mais rezar nem fixar o olhar em coisa alguma. Seus olhos voltam para cima do tampo do piano. Vindo da janela do quarto um súbito sopro de ar frio avisa a densidade da noite.

Num átimo a mãe percebeu que ela também acompanhava as notas na partitura do Schubert. A menina repassa a mesma peça à mesma hora todas as tardes. Pingos numa poça de lama. A mulher se assusta ao reencontrar os braços longos da filha.

Explosiva, a menina fechou o álbum com as notas numa rajada de mão percebendo que a mãe a encarava. A coletânea de obras para piano do compositor alemão saltita na pequena estante acima das teclas e exhibe sua capa desgastada. Laurita odeia aquelas composições que ela também fora obrigada a dedilhar na infância. O ódio que sentia pela outra gravura que ilustra a capa do álbum volta à tona. A mulher se incorpora ao círculo de nobres que na imagem antiga acompanham o compositor famoso. Refestelado numa grande sala o convidado em destaque interpreta suas composições.

Diante dos olhos da mulher a carroça com o cocheiro invade a sala de concerto. No instante em que o homem apeia com dificuldade os corpos dos animais emaranhados um ao outro se contorcem costurados pelas carnes das costas. Mugidos delicados se sobrepõem aos acordes que o compositor arranca do piano. Os sons se elevam no amplo salão envidraçado e amontoam-se. Os bezerros agonizantes contemplam a distinta plateia do concerto dando a impressão de humanos miseráveis com as bocas pespontadas pelos dentes quebrados. As expressões de velhos contaminados pelo trabalho diário com muares e enxadas são comoventes. O cocheiro cheira a cavalos éguas e rebanhos. Todos os homens da sua estirpe são autômatos marcados por um funcionamento compulsório. Como os bezerros amarrados pelas costas esses homens serão carregados para o despejo ainda vivos. Submetidos às vontades dos poderosos, os seus destinos de bestas humanas também chegarão então ao fim.

O bezerro menor, camurça claro, tem o pelo quase da cor do cocheiro. O mais crescidinho é ainda mais pálido. Depois de beber um gole oferecido da mesa dos nobres o cocheiro firma as cordas que arrastam a carga sinistra. Evita apoiar o pé apodrecido na boleia da carroça e sobe com dificuldade. Estala o chicote com um velho grito e o escravizado cavalo de tiro se move com dificuldade. Quatro carcaças carcomidas chacoalham durante a marcha forçada. Andam devagar num solavanco atrás do outro: outro solavanco: um tiro seco: quase um tombo: outro solavanco: um som oco no chão chocho: outro som

soco no chão mocho. A sala se sacode aos ecos do som do piano dos bezerros e dos pêndulos. Todos se unem aos arcos esforçados contra as violas. Um outro quarteto de nobres retoma o movimento interrompido.

Os olhos semicerrados da mulher reencontraram as duas antigas fotos arranjadas em espelho oblíquo na mesinha de cabeceira. O homem morto -- ao lado da sua foto nova e viçosa -- lhe fazia companhia. Dera de presente ao marido ainda vivo o instantâneo que tirara durante a visita ao circo. Depois das longas temporadas de rogos e súplicas o velho vaqueiro finalmente proporcionou-lhe a liberdade e o dinheiro para a realização do sonho de menina. Estava incluso no pequeno tesouro enrolado num lenço de seda o trabalho do fotógrafo. O marido exigira uma prova cabal de sua presença no circo. Agora a preservava no porta-retratos retirado das relíquias da família.

Desistida do terço e sem ter com que se distrair Laurita resolveu sacrificar-se buscando pequenos pecados. Recorreu pesarosa à foto do marido ao seu lado. Deu de cara com a felicidade leviana de seus dias de juventude. Não podia negar isso ao olhar a própria fisionomia estampada na foto. Descarada como era bela quando jovem! – e resolveu examinar-se detidamente em sua nostalgia. Procurou com a mão os óculos e colheu o instrumento com gesto sonolento. Antes de vesti-los pode ver pela janela à luz da lua os mamões no tronco com poucas folhas. Pássaros no estio pensamentos de passagem se misturaram à figura vestida de couro imobilizada na moldura de madreperla. Mais uma vez chamou a atenção de Laurita a singularidade da foto do marido morto com sua imagem lépida e fagueira. Contemplava com orgulho sua figura de mulher sorridente e succulenta. Dona de si os ombros alvos num decote simulando esquecimento se destacavam no corpete negro e justo. Sobre as sombras em silêncio entre os seios se acrescentavam reflexos âmbar vindos do penteado: amarrado em corda por uma rodela de veludo negro valorizava o mármore do pescoço. Dali ela deixava cair vistosas mechas soltas desde o alto da cabeça sobre o decote ousado. Deitado num crepúsculo acima do braço esquerdo

sobressaía um gordo ramo de ouro. Maiores e mais claras que o fundo as pétalas se emaranhavam como farpas no fulgurante brinco de faiança francesa em forma de lis. Laurita desceu os óculos com esmero para a ponta do nariz cheio. Queria enxergar melhor e desfrutar mais delicadamente do adereço caro. Durante a imagem imponente pode reparar com olhos argutos dentro do nácar duas maçãs do amor refletidas na joia presa na orelha. No instantâneo fixado pelo artista a tão pura gema refletia a cabeça encapuzada do fotógrafo. Laurita percebeu com surpresa aquela cena nunca vista entre os seus reflexos. Experimentava aquilo pela primeira vez diante de seus olhos.

Curiosa resolveu investigar o fato mais detidamente. No miúdo detalhe da superfície espelhada um homem sorridente ao lado do fotógrafo segurava em longos palitos de bambu os reluzentes frutos proibidos. Dois suculentos e vermelhos globos cristalizados balançavam erguidos nas mãos de alguém. Associando a imagem aos traços fisionômicos do desconhecido reconheceu num relâmpago a figura de Zukko o pestanudo rapaz que se aproveitava da lavagem dos porcos. O mesmo tipo musculoso e malemolente que arremessava o feno para o alto quando as horas mortas cisalhavam o sino. E nas noites vazias ele deslumbrava o vão gritante de suas pernas solitárias e cotidianas. As ancas para cima numa coreografia brusca a fazia ressoar como o campanário da igreja rangendo no escuro da noite ente a palha fresca. No quase silêncio do celeiro velho os dois respiravam o aquecido cheiro de estrume novo.

Enquanto aguardava que a filha se decidisse a sentar-se para o jantar, Laurita observava com esmero os mimosos bordados da toalha da mesa. Descobriu com horror que estavam recheados de mentiras intragáveis. Em silêncio acariciou a superfície irregular da cadeira de palha onde se acomodara. Constatava sob o olho ácido com que enxergava a vida a substância de que consista seu corpo. A boca devolia uma massa pesada e visguenta num tom amargo e puxado para o verde. Aquela matéria dava contorno e consistência a todas

as coisas. As fazia latejar entre suas mãos como seres vivos. Lutou contra isso. O máximo que conseguiu foi fazer sua língua resvalar flácida para o canto da boca. Engoliu em seco e trincou os dentes para não despejar palavras insensatas reveladoras da sua íntima loucura.

A filha magricela destroçada como um graveto esperara a volta da mãe encostada no umbral da porta dupla da sala do casarão sem dizer palavra. Sua figura movediça se destacava contra o piano de cauda e debatia-se de um lado para o outro enquanto deslizava mansamente os olhos para Laurita. Sem ser correspondida balançou o corpo como uma bêbada estatelada na luz mortíça da tarde envolvendo o aposento sem lucerna. Nos dias de seu sofrimento as sobancelhas espessas como mariposas destacavam as olheiras. Se diferenciavam bruscamente da pele clara e sardenta. Os cabelos cor de cebola iluminavam a fisionomia infantil. Os amassados olhos de pupilas ovais e atônitos se nublaram como vidros sem som e sujos. As tranças malfeitas dos cabelos embaralhados divididos ao meio como os da mãe na juventude caíam pelos lados da cabeça — um pouco grande para a sua altura pouca. Paralisada contra a parede sem dizer palavra a menina repuxou algumas mechas do penteado desgrenhado. Cobriu o rosto com elas e as madeixas se misturaram ao ranho grosso escorrendo do nariz. A face dividida entre os olhos estrábicos e o penteado malfeito a encurralaram contra as sombras da sala sem saída.

A mãe reviu os olhos sem sentido da filha e entendeu que passara a manhã e a tarde parada ali a esperá-la. Tentava aproximá-la de si: “Sente-se aqui entre as minhas pernas. Vou desmanchar tuas tranças. Estás com elas desde a manhã. Se dormes assim terás quando acordares ah! sim! terás sobre a cabeça delicados caracóis com chifres cheios de mofo”. A menina piscou e foi vagando numa linha imaginária na direção da mãe. Ninguém a esperava abrindo os braços. Laurita imóvel insistiu com a menina para que se apressasse. Deveria representar mais uma vez o seu papel naquela cena fossilizada no cenário da sala de jantar de mau gosto. Laurita aguardou alguns

instantes parada diante da imagem da filha enquanto se esmerava em cuidados sem sentido. Escrupulosa buscava corrigir erros antigos e etéreos. A menina de costas se negava a concordar com ela. Obstinação voltava a gaguejar ainda de pé coisas sem sentido. O dialeto tartamudo favorecia a fuga de Laurita para longe da filha. Os olhos de cera da menina passaram então para dentro de Laurita. Cenas crimes escrúpulos crepúsculos manhãs quaresmas velas acesas mulheres sendo amaldiçoadas radiantes de ódio entre seus cabelos em desalinho e espessos rios de sombras rajadas rompendo as massas de nuvens que se quebravam atingidas por pensamentos caídos como folhas decíduas e oferecidas.

Depois de liberta dos olhos da mãe a menina finalmente correu num rompante veloz para sentar-se à mesa já posta por Zefa. Laurita tentou estender o braço para afastar a cadeira para a filha mas desistiu do gesto e acendeu a vela tosca grudada num pires carcomido. Era inútil aquela escuridão que aumentava os grãos sobre os móveis. A noite caía fazendo arder os olhos e roubando sua visão: então se entregou ao grande vazio que definia o salão da herdade.

Cheirando a mirra e canela

Esquecendo a esperança vindoura

Desabou cor de cenoura

O lábio inferior da donzela.

A menina moveu minimamente os pés diante da cadeira da mesa e se afastou um pouco sem se decidir a sentar-se. Eram os passos de uma dança de que não conseguia lembrar-se. Descreveu com o olhar um arco completo partindo do chão e percorrendo as cortinas da janela foi encontrar novamente os olhos da mãe. Finalmente Elvira girou o corpo na direção da mesa e sentou-se. Foi aproximando devagar o rosto contra o prato já posto num zigzague premeditado e exibiu a face cheia de espanto. Olhava a comida em silêncio parada no umbral do ato de comer. Solene fez uma mesura exagerada riscando o chão sob a mesa com a ponta dos pés. Exercia agora com os dois pés o indecifrado

arabesco de uma maldição que só ela conhecia. Os olhos mortos de Elvira tomaram a expressão de um animal em sofrimento. Depois de alguns instantes de indecisão, respirou fundo e inesperadamente decidiu comer.

Tomou os talheres e ergueu-os aprumando-se detidamente na cadeira. Como um pássaro que precisasse de som para lançar-se ao voo a menina tocou agressiva usando os talheres como baquetas sobre o tambor improvisado do guardanapo. Tirava do instrumento um som seco de surdinas. Entre um e outro golpe ajeitava a comida dentro do prato em repartidos quadrados simétricos que sorvia durante as pausas um depois do outro. Antes de um novo ataque fazia a louça retinir com o som dos garfos de metal e mastigava com calma. Então engolia com exagero todo o bolo da sua boca. Solene, parou a função e declarou: - "Não, não quero me comportar dessa maneira adequada! Ainda não..." Disse tateando os dedos e abrindo o último botão da blusa próximo ao pescoço. Mostrou a pele da clavícula envolta numa berrante echarpe amarela que surgia um pouco suja da roupa simples. Elvira fechou acintosamente os olhos. Aquele detalhe simples da echarpe de que não abria mão davam ao seu corpo uma radical expressão de humanidade. Momentaneamente cega por vontade própria conferia abria e fechava a casa do último botão com uma avidez que parecia que ia levá-lo à boca junto com a comida. Voltava e voltava mais uma vez a tirar a velha conta da presilha de linha grossa já gasta pelo hábito. Desiludida do brinquedo sem graça passava de uma mão para a outra um delicado anel de coral grande para seu dedo que tinha roubado da caixa de joias da mãe. Retirava e voltava a colocar o adereço no dedo mínimo. Alternando as mãos durante o passatempo disse casual: - "Eis que neste pequeno aro está guardada toda a minha alma. Assim!" - Ainda de olhos fechados exibia e escondia a pequena argola dentro da mão. "Ora a tenho ora não a posso ter." Disse num tom sério e comovente abrindo os olhos e novamente desafiando o olhar vazio da mãe.

Colérica Laurita gritou: "Você pode fazer o quiser com a sua alma Elvira! Isso é problema seu! Não meu!" E

completou: “Mas se não quer comer não come! E foda-se!”

Entre o caos do meu quarto nas noites chuvosas ouvindo o silêncio do escuro ainda pressinto mamãe no quintal. Cambaleia sem ruído entre os ramos da arruda brava. Metamorfoseia-se no que foi esquecido. Seus grandes chifres expostos. Os pés deformados descalços pisam as goiabas brancas. Ela conserta o gorro de lã e me observa com aquele corpo cheio de ameaças. O mar detrás dela reverbera o inesquecível. Os velhos mariscos de bronze recendendo sobre o lençol do areal. Depois ela vai se tornando cada vez mais madura. Nesses dias muda os penteados e as unhas de acordo com a idade que apresenta. Os farrapos de cabelos fracos e lisos completamente curtos vão se tingindo com aquele vermelho de fungos. Mesmo assim sempre bela: o ar de pássaro de fogo sobre pessegueiros chineses em flor. A pele com matizes de musgo nos ombros marcados pelo trabalho como os das mulheres que exibem os seios sentadas na soleira dos bordéis à beira-mar. Despida despudorada dentro do vestido aberto deitada num leito de urzes mamãe se vicia fácil nisso e naquilo. Os pensamentos dentro das mornas carnes lhe rondam as noites silvestres. Debaixo das roupas sentada no degrau da escada é comovida pela hera que balança e invade e abraça e rasga os muros e as pedras do pátio. Com cheiros corporais premeditados medita horas a fio seus momentos de requinte. Deixa as louças na gordura e o trabalho na cozinha por fazer. Deitada aos pés da cama os olhos cor de âmbar o corpo envolto numa pele de carneiro negro às altas horas da noite se abre com uma faca. Nua em pelo se arrasta em ondas permanentemente mansas pelas pedras do chão. Num murmúrio a expressão animal reforça o excelente par de coxas. As mãos decoradas entre o jade e o rosa as pérolas barrocas espalhadas no rosto passam entre seus lábios o colar de contas que ela saboreia com volúpia. A boca úmida entreaberta ela arranca os grandes brilhantes azulados do porta-joias e os experimenta com a língua bífida. Ao acaso tudo passa por seus olhos. Em seus dedos tudo se torna mágica antes de voltar

a assumir de novo sua função bestial e ordinária. Antes disso ela gira a pequena violeta de ouro branco entre seus dedos. As unhas cheiram a anis novo como ela diz. E assim reencontra o que procura. Seu corpo agarra o velho alfinete de marfim entre os dentes primitivos. Enquanto ajeita os cabelos para mais uma vez prendê-los delicia-se consigo mesma antes de fechar os olhos. Nas rugas de vidro de seu rosto cansado passa um anjo no sonho mofado. Dois anjos. Três anjos.

Amarrada sobre a cama a menina mostra o mesmo tipo físico da mãe: apenas um pouco mais generosa de carnes. Destacam-se nela a anca cheia larga mas não pronunciada e os bem desenhados seios jovens. Seriam belos de ver não fosse aquela pele riscada de vergões consequência das correias que a mantém presa às grades das laterais do leito. Amofinado pelo prejuízo que a chuva acarreta aos montes de sal já colhido e estimulado pelo horror que a menina sente de raios e trovões o avô ordenou à serva naquela minúscula manhã que de novo atasse a menina à cama. Também seria mais um teste para a segurança das correias. O Coronel Antenor — senhor de terras e gentes — tem refletido repetidas vezes sobre o fato amargo de que mesmo em detrimento da segurança da família precisa mudar esse hábito de manter a neta contida por fivelas. Por outro lado pensa com perspicácia no perigo que todos correm. Com o tempo o suor abundante que a menina exsuda certamente romperá as correias e os arreios da velha charrete. O que será mais perigoso ainda como os fatos evidenciam já de maneira excessiva. Também é claro o desconforto causado pelas tiras de couro que a contém. Mas que remédio o sacrifício é sempre compensado pela felicidade que proporciona à família e a ela própria. Nada supera o risco de ver alguém mutilado por um ataque inesperado! A virulência da moléstia é uma constante ameaça à segurança familiar. Segurança diga-se de passagem que o Coronel sempre primou em construir para si e os seus. Desvelos da sua parte necessários mormente porque no momento em que se torna possuída a menina é tomada por força muito superior às defesas

do velho caudilho. Outra preocupação é vê-la entrando desnuda pela janela da casa de um colono. Isso não seria improvável mesmo que tivesse que correr alguns metros pelo mato: os loucos se deslocam como fogo na palha. Ou saltasse de novo sobre a mesa da família como um felino imprevisível. O Coronel Agenor acentua com esgares o termo felino. Sabe Deus o que o Coronel já não aguentou por conta dessa loucura da neta! Mas Agenor tem outra preocupação: desde a manhã a chuva sazonal e clara depois da pesada saraiva cai com dedos finos sobre todo o território salineiro. Fruto do Verão que entra e alimenta os mananciais as águas impedem a coleta de sal. Dessa umidade enjoativa sopra pelas janelas uma aragem molhada tornando difíceis as manobras no interior da herdade. Mesmo assim o perigo de uma fuga súbita é cada vez maior. Como aquela deliciosa peripécia de uma semana atrás. Aí pelas dez da manhã por conta de Zefa atarantada com chaleiras e toalhas a porta do banheiro ficou aberta. Num espetáculo grotesco até para corações fortes o Coronel Agenor viu de sua mesa de trabalho no estúdio envidraçado a menina nua se espojando carnavalesca na pocilga dos capados. Sorria encharcada de fezes e enlameada. Elvira agitava os braços roliços contra os corpos pesados dos animais constrangidos por verem sua imunda intimidade violada por uma estranha. Com gritos esgares e volteios de cadeiras ela exigia dos tímidos animais carícias e afeto. Mas debalde por índole os porcos caipiras resistem obstinadamente a qualquer tipo de perversão humana. Agora cuidadosa Zefa aproveita o mau tempo para cuidar da higiene da Elvira. Daí para frente tomará banho ali mesmo atada à cama — duro cativo necessário para prevenir futuros desatinos. O Coronel sensato sempre acrescenta: — Até que se pense coisa melhor.

“Gosto do Ósto!” — Elvira disse com voz clara enquanto Zefa posicionava seus braços para o asseio. Lembrava-se de Washington o rapaz das redondezas que recolhe as entranhas dos porcos abatidos. Eram as primeiras palavras que a menina pronunciava depois que Zefa contrariando as ordens do avô lhe afrouxara as fivelas. “O que se tem é o que se ama!”

— Elvira acrescentou em tom de confissão amorosa. Com o rosto pálido se inclinou para Zefa e a encarou fixamente. Seus lábios pendem pesados devido à fraca coordenação. A menina muitas vezes murmura frases como estas e vê coisas que não existem. Descreve o que enxerga apontando para as imagens flutuantes sobre a cama mal cheirosa. Confundida pela colcha com brocados a mente se perde oscilando na partícula humana. Lança um fluxo de luz sem brilho através dos olhos vidrados. Ouve-se o marulho do seu coração. Com o eco das chuvas estourando por detrás dos morros azuis circundando a planície Elvira se encolhe. O aguaceiro agora retine golpes nos telhados macios do casarão. A menina imagina o som de conchas mastigadas como se ouvisse ameaças e se assusta com a tempestade. Lamenta-se em voz alta por causa do pobre do cachorrinho molhado exposto aos elementos no quintal. O cão ecoando a loucura da menina retorna suas súplicas baixinho para ela em sonetos de serrote cansado: serro serra cerro perro! As águas de todos os domínios e arredores caem do alto das calhas como saias brancas nas janelas coloniais. A chuva escura esconde o quadriculado das salinas. Os vidros embaçados pelo calor humano tornam-se novamente opacos. Em meio ao fartum do quarto ouvem-se os miúdos gemidos de prazer de Elvira exalados durante seu banho presa nas correias.

Àquela hora da tarde fresca em meio às chuvas finas que o vento de sudeste ainda impõe uma aquecida réstia de sol passeia pelas folhas cinzentas do velho tamarineiro à beira-mar. É a hora mais encantadora do dia. Todos ficariam felizes se pudessem tomar um fresco perto das docas pelas mãos das vendeiras e merceeiras desbocadas do cais. Mulheres de fala fácil e maneiras rudes que gostam de tagarelar à toa sacudindo as frutas e as verduras lavadas pelas águas da fonte clara ali do lado. Escrupulosas antes de servirem as bebidas e atenderem os clientes secam os dedos com cuidado na bainha das saias. Os tecidos leves estampados sempre em florões amarelos sobre fundo vermelho lhes chegam aos pés varrendo o pó das pedras do piso do mole. Todos os padrões imitam as vestes das ciganas de que elas certamente

descendem. Mulheres de rostos duros que sempre surgem para nos enganar com homens louros vindos do destino. E algum dinheiro alto que com certeza vamos receber na semana que vem! Eu usaria meu chapéu de abas largas cor de sombras que inesperadamente escolho no meu armário de necessidades para dias de sonhos especiais. Vou me debruçar por mais um domingo na amurada de grossos matacões de rocha lisa balançando as pernas entre as mãos fechadas em concha. Verei os veleiros vindo e indo e vindo lançando para longe meus olhos de alto-mar. "Como eu ficaria Vovô tomando um refresco no convés animado de um saveiro?" — ela pergunta envaidecida de si mesma. Para escutar melhor as doidices da neta o velho se ajeita como pode por detrás de Zefa seu pequeno escudo humano e debruça-se branco com medo nítido sobre o corpo desperto e contido de Elvira. Estará sob controle e inofensiva por debaixo daquela conversa sobre o cais e seus chapéus sem sol?

O mar o mar o mar se debate furioso nos cortinados das janelas. Nas revoadas das cortinas ela ouve o nome mágico: "Zukko!" Elvira não quer pensar nele agora só no mar. Mas vê-se novamente nua no centro da praça dos chiqueiros podres sobre as pedras pretas do pátio perto da porteira dos estábulos. Uma estátua fêmea da alegria de chafariz feliz com as canecadas que a mucama Zefa lhe derrama devagar. Com os socos suaves de água a pele de seus ombros grossos e opacos se arrepia. Feliz como uma lombriga o vento vindo dos veios de areia das dunas brancas. Nuas como ela os grandes morros de pó móvel se deitam com seus volumes casuais sobre a enseada verdejante. Esquecendo por alguns momentos o mar e o cais de domingo Elvira está feliz apesar de presa contra a cama com as correias da carroça. Regozija-se em imagens no meio a bagunça do quarto com aquelas suas aquarelas os livros de figuras antigas e o rádio sem pilha que só toca Beethoven. — Viu aquele pássaro Zefa? Azul saíra! E aquele vermelho? Vermelho sangue-de-boi! Como ele se alegrou quando me viu o danadinho! E essa alegria! alegria! alegria! com que ele agora me alegra. Bica e devora as sementes também vermelhas que a minha mão lhe

estende. O bichinho se derrama balançando trotando de galho em galho no seu delicado equilíbrio. Dança nas extremidades flutuantes da palha do feno. Um equilibrista nos vórtices nos veios das vagens como um cão que se coça numa para: um galo uma galha um gaio uma gralha! Três gaios! Tomai fôlego irmãos! Engasgada com as lágrimas que caem sobre seu rosto retoma a falação quase sem ar.

— Não! São tiês são três tiês tia Zefa! São três tiês tristes! Agora tão belos são tão finos. Mas emporcalham minhas flores de pano com as suas concavidades intestinais! Agora é o meu pássaro predileto que canta: anuncia a chegada de alguém que já vem vindo. Alguém se desatrelando dos estribos. Se destacando contra a sebe clara das curvas da paisagem morena e do barro louro: Zukko! Ele vem no seu arado de prata a pele cansada puxada pelo surrado cavalo branco. Cambaios os pés descalços forcejam os arreios de metal e madeira escura. Ele vem todo nu seu ser de mármore manchado do sangue das últimas batalhas. Lavado de vitórias ele vem das temporadas de lutas contra os mouros de Antuérpia e Madagascar. Zukko o Inominável! Custa a passar pelas mãos pesadas o canhão das luvas bordado de safiras macias. Ele limpa com os braços imundos o exausto açafão do deserto que a poeira de seu rosto exsuda. Arranca da barba e dos supercílios grossos alguns espinhos dos ossos dos turcos mortos. Oh! Zukko! À noite a tua grande e dura língua vermelha perfura vulvas como uma lança viva escorrendo meu sangue virginal. Sobre o vosso leito de almofadas de linho e leite eu dormiria nos detalhes de cerejas das sedas brancas.

Vovô me tortura por causa de meu grande amor por Zukko o Herói. Com as unhas arrancadas na raiz dos dedos eu me arrasto pelas pedras do chão gritando teu nome aos quatro ventos: Zukko! Sacudo-me e me debato gritando teu nome desperdiçada: Zukko! Espero a morte pelas mãos duras de Vovô. Com a cabeça ensanguentada batendo contra as pedras lascadas pelos solavancos do meu corpo tirado pelo cavalo de suplício as amplas asas do falcão negro ameaçam cobrir a taça dos meus olhos miúdos: Zukko! As pálpebras de cetim forradas de plumas

cintilantes: Zukko! Envolvida em saliva ele remexe com a língua de víbora todos os meus sentidos dormindo dentro das pernas. Zukko! Brotam de dentro de mim me fazendo voar tuas asas de águia. Os teus sonhos descobertos olham para mim me fazendo sonhar. E caio com as cinzas quentes da noite. Sem ti trêmula de frio de fome e de feiura pulso choques vindo dos peixes que me perfuram os seio no fundo.

Aproveitando uma breve estiagem o Coronel em sua cadeira de rodas abandona o posto de comando no ponto central da sala de onde pode ver tudo. Sentindo-se seguro pelas correias que impedem os movimentos da neta improvisa também uma higiene rápida no pátio espanhol. Banha-se às canecadas. Instalada aquela figura no centro da construção umbigo do mundo aberto em torno de si constata-se a abjeção histórica da herdade: o banho do velho tirano pernetas num cenário paradisíaco. As frondosas cerejeiras carregadas àquela época envolvem a fonte de onde ele enche sua velha caneca de latão. A árvore já deita frutos meio amassados que as rodas do veículo do velho repisam quando se movem. Quando voltar para a cozinha os cabelos grisalhos pingando nas lajes da área interna arrastará um sulco vermelho: a marca de sua longa carreira de crimes. Mas que para ele sugere apenas o caráter corrompido da mulher que se entrega pela primeira vez a um homem. Primavera que a neta jamais conhecerá. A menos que arrefeçam seus delírios e Washington — o Pestana Branca como o Coronel o chama — decida desposá-la meio louca.

Terminados os banhos o Coronel e Zefa voltam para seus postos de observação. Agenor como um gato ágil passa da cadeira de rodas para sua poltrona predileta. O móvel com o encosto guarnecido por abas laterais sempre traz à mão um dos livros da repleta estante. O coronel contempla com tristeza além da menina a forte chuva que volta a cair e derrete os montes de sal. Monturos de dinheiro que se dissolve. Zefa acomodada no seu borralho enfia os pés debaixo do armário de vinhos. Assim duplamente vigiada Elvira passará mais um dia cativa em seu leito grudento e mal cheiroso amarrada com a arreata

da carroça.

No duro crepúsculo de outrora durante as tormentas da primavera durante a lama o entulho os galhos rompidos como braços frágeis se acumulam rápido nos lagos. Redobram-se como rugas da idade avançada e debruçam-se com as mãos no rosto contra a ravina baixa. O anúncio do surto dos desejos e dos dejetos se resumia principalmente ao espaço miserável da laguna dos fundos da casa e à própria casa onde era vital todo o sangue dos matadouros. E abundavam o abrangente mosqueiro e o odor pestilento. Com desgraças por todo lado os porcos filhos do lar naqueles dias inquietos de ímpeto e trambolhões anunciaram os inícios da loucura de Elvira. Os porcos ainda conseguiam se alimentar porque o pobre Zukko o Pestana Branca não se esquecia nunca das latadas de lavagem. Desde que soube da piora da menina sua viera socorrer a companheira de infância nas tarefas digestivas dos suínos. Socorria sua amiga Elvira aquela criança que como ele carregava sobre os ombros desde que já pode andar a incumbência de distribuir os restos da cozinha e da horta aos animais. A menina branca escrava de tigre carregou sobre os ombros cotidianamente durante seus anos de infância e início da adolescência as pesadas cargas imundas e fétidas. Até que um dia a loucura a tomou para si.

Para o Coronel Agenor ao contrário o que lhe chamava sempre a atenção era a gritante magreza dos animais provocada pela má qualidade do serviço da neta e agravada pela preguiçada do Pestana Branca. Preguiça que era evidente em cada gesto seu. Na modorra com que exercia toda tarefa caracterizava-se como um definitivo imprestável imundo. Se levantaria ele mesmo o velho de sua cadeira de rodas se pudesse para carregar nas próprias costas as bateladas de comida azeda. O ódio por tudo e por todos a cada dia aumentava a olhos vistos. Isso tinha como consequência entre outras coisas o fato de que aquela emoção histórica lhe carcomia as entranhas como cupins. Surgia em grandes feridas purulentas cada vez maiores alargando as escaras adquiridas pela obrigação de viver sentado. Aquele tormento se estendia por longos

períodos de tempo num dia a dia cada vez mais longo. Nas últimas semanas passou mesmo a sentir mesmo ao vivo com benevolência e resignação os bichos roendo dentro dele. Negros e brilhantes as traças brancas comem-lhe as carnes da perna esquerda. Invadindo as nádegas acarretam o lançamento de gases fétidos dos lugares onde a proliferação dos animais carnívoros é mais evidente. Por outro lado apesar do desconforto e diante do fato de temer a moléstia maligna da neta achacada esses dias como nunca precisava manter sempre à mão para se proteger a dois canos. Conhecia aquela moléstia como a palma da sua mão -- sem calos diga-se de passagem: a neta era herdeira da loucura da própria mãe filha do coronel. A fruta cai perto do pé!

Sempre que a fome do inválido solitário lhe ataca -- a mulher por não suportar mais suas loucuras exóticas o abandonara assim que o velho terminara a obra da construção do enorme casarão -- ele vai se arrastando com os pés e as mãos como pode pela cadeira de roda contra a pia da cozinha suja. Descasca com gestos trêmulos e relances de olhos cheios de medo um par de batatas roxas que dão vômito de tão velhas. Para economizar e não gastar batatas novas e frescas guardadas a sete chaves para o inverno quando a cigarra fica com fome usa os frutos passados de alguma estação que se foi há muito tempo. Volta e meia rápido ríspido rodando a cadeira rangente traz no colo o prato de guisado de carneiro gordo. A serva deixa a ceia cevada preparada antes de dormir na conserva de gordura quente. Num esforço hercúleo o coronel consegue se mudar da cadeira de rodas para a grande poltrona de estofamento roto que foi vermelha um dia -- a dois canos sempre ao seu lado. Agora o móvel tem olhos perfurados esbugalhados para todos os lados de onde surgem e espreitam suas vísceras de palha fina. Os amplos vazios arrancados pelos insistentes dentes dos ratos nas horas mortas lhes servem de munição fresca para seus ninhinhos abscônditos recheados de filhotes de mamíferos roedores graciosos. Saciado a boca cheia de baba ele se esboja recostado no pequeno travesseiro sustentado por um fio de barbante gasto e amarelado detrás de sua cabeça cheirando a mofo

e cabelo velho queimado. Quando percebe o cochilo a espingarda vai contra o peito. Ali firme agarrada dorme em madornas cheias de espanto e horror. Vai que vigia Elvira delirando vai que sente-se entre o devaneio de estar atento e o pânico de ficar para sempre atado na cadeira sem defesa sendo atacado pela neta. Lembra-se da louça por lavar que por nojo não permite que a serva escravizada com suas mãos sujas lave para ele. Desperta assustado e associa os vermes que crescem sobre a pia com os bichos que mergulham nas suas nádegas rasgando as suas carnes. Mas acalma-se entre dois sonos cheios de cismas: a menina permanece contida por correias graças a Deus! Ele apenas pode ouvi-la se agitar sobre a cama do quarto confrontante com o quintal dos lados da casa. As fivelas da arreata da carroça badalam como guizos a cada movimento da neta. Olhando lá para dentro onde por uma fresta escondida e mantendo uma distância segura ele pode controlar todos os seus perigosos movimentos. No caso de que ela escape da cama Agenor terá tempo de sobra para contê-la com uma boa saraivada preventiva de chumbo nas pernas. Não vai matar a menina como a um porco claro não seria capaz disso! Mas a Remington Doble fica sempre destravada e pronta. Assim ele espera que se passe mais uma daquelas tardes de medo varridas com suas pestanas pesadas na poltrona contra o sono da uma vida.

Naquela hora de temporais na sala ampla guelras de chumbo comprimem seus pulmões ardidos. Ele sofre com os ventos úmidos daquelas esperas entre calafrios sufocantes. As fornalhas sazonais vêm incendiar os telhados de latas reaproveitadas tornando as tardes de calmaria cheias de pó onipresente. Na vigília embriagante o coronel vê pela janela os animais dóceis débeis e dúbios na paisagem cristalizada de sal e vidro. Percebiam seus olhares se esquivando e os olhos baixos na relação desigual com o mundo. Dentro das nuvens verdes diluídas na renda da sebe florida ouviu se afastando gritos de galinhas de penas de mármore. Aquela natureza opaca e movediça quase oculta é um ornamento de luxo naquele museu de ruínas que se espalha dentro do círculo de poder do Coronel. Agora ele nada vê

mais nada enquanto dorme mas ainda domina o que diante de si. Desde a morte violenta do pai de tiros muitos dos rifles da tocaia quando assumiu o latifúndio muito novo ainda também contratou e botou jagunços armados nas varandas. A vida não tem lei segura não é mesmo? Agora abrandados os barulhos dali de onde está sentado quando acorda atônito com alegria pode adivinhar pelo estardalhaço o galo flamejante e marcial espantando as frangas afoitas com suas correrias fálicas. Os gritos da ave repetem urros desajeitados como os da morte que ele conhece. Seus saltos suas penas jorrando do ventre da terra contaminam com o zinabre a tarde. Um calango de mau agouro ruim e enjoativo é entoado pela a velha serva. Uma canção semimorta rima com a estação cansada. Tudo aquilo se arrasta ali na sua frente igual todos os dias sem tirar nem pôr: a salina o vale verde e esbranquiçado a paisagem exausta.

Antigos homens passam diante da janela num esquife de barro em forma de barco suas roupas estão bordadas pela noite. Agenor se revira na poltrona de escombros e em pânico mira com a dois canos o coração da neta que o ataca com uma faca. Desperta desesperado e gira o olhar duro para o outro lado do cômodo. Não era nada! Lá estão a mesma árvore a menina e os mesmos porcos que ele conhece. Indecisos focinham lado a lado. Contra o veludo do espaldar esburacado e dos braços da cadeira o grande espelho de prata envelhecida orna a parede do fundo da sala. O velho sente-se desdobrar junto com o dia e se estica como pode afetado pela umidade que lhe chega pelas lâminas da porta pesada. Os relevos desiguais da parede rústica criam jogos de nuances escuras. Tudo antecipa o poente como uma grande cadela que abrisse a boca sonolenta: mesmo nublado o poente surgirá vermelho e implacável. O corredor sem fundo escorrega lentamente para a noite. As sombras se viram para a direita onde o mais noturno dia recebe a pouca luz do fim do vitral. A claraboia de vidro verde das tardes engarrafadas se fecha contra o jardim das urtigas. Por pouco se consegue ver encarapitadas umas sobre as outras as doninhas brancas mornas em suas carapaças de camurça fina. Todos os pequenos seres com chilreios

cheios de angústia mergulham cada vez mais lentamente nas trevas inumanas.

Com a noite o Coronel desfruta como pode de algum repouso no inferno. A cabeça ainda recostada naquela sua almofada pendurada naquele barbante podre na mesma grande poltrona em cacos defronte das pedras imundas pela fuligem da lareira. Raras horas sem ratos ali crepita o fogo obsceno. A lenha dá trabalho e o cavalariaço não tem boa vontade. Desse posto o Coronel vigia toda a sua propriedade em silêncio e nas trevas. Mas o quarto da menina louca sempre é sua maior preocupação. Com pouca necessidade de espaço para se deitar a seus pés um Anão de circo que debandou e perambulava por ali lhe serve de mordomo improvisado. Pau para toda obra que se precise é sua nova muleta — apesar do nojo que o coronel sente também por ele. Mas tem coisas que não se pode evitar. Deitado apenas no chão frio o pequeno homem esconde-se perfeitamente debaixo do bruto armário de louças no fundo do cômodo. O batente de angelim da sua porta alta é o apoio de cabeça do pequenito que se faz de mudo para sobreviver por ali. Fala quando pode responde quando lhe perguntam e luta para tirar escondido algumas madornas na noite silenciosa. Quando consegue um pouco de sossego vigia o coronel que cabeceia e não o vê. Vigia também o sono da menina que não pode ver nada mergulhada que foi em pesados narcóticos. A dobradiça da porta onde o Anão apoia a cabeça acumula uma profusão de cabelos saídos dos restos da calva do nanico. E segundo o Coronel — que reclama de tudo — não é impossível que rebrotem dali inesperadamente numa fusão criadora entre a natureza criada e a incriada calvície destruidora do rapaz. De fato tão próximas pois o velho considera o Anão pouco mais que um animal doméstico. Sim o anão constata enquanto pode olhar em volta sem o controle do olhar de Agenor: há muitas janelas naquela sala todas altas todas de ruivo angelim maduro. Sim em todas elas surge a árvore equívoca oscilando entre o loureiro e o manacá selvagem. Forte imponente indecifrada ela se ergue e lança seus braços magros e negros iluminados pela lua contra o submisso espelho.

Imagens poderosas vigorosas em suas consequências trazem o esquecimento da miséria da sala sonolenta. Ao fundo do espelho na contraluz o chiqueiro quase vazio o estábulo a ponto de regurgitar o último animal de tiro. Do lado direito do estábulo as laranjeiras com a lepra visível dos musgos. As leiras das lajotas apodrecidas a horta morta e decepcionada. Àquela hora ali mesmo agora medram o joio e a fanática mostarda — sobrevivendo com sua teimosa contra a vontade humana. Por cima de todas essas desgraças brilham numa luz indescritível que a lua traz solidões fora de foco e solidão incomum. Uma camada de limo rosa avinagrado transborda com os reflexos baços temperando o salão com imagens imóveis e comoventes. No chão calado o anão percebe que apesar da maciça presença das pedras predomina entremeada em mosaicos negros a madeira dos paus-ferros. Largos espelhos vazados nos vidros das janelas ocupam o rosto sombrio do senhor avesso e branco que sonha:

Espancando seus negros macios

Por culpa de teimosias nuas

E famosas melancolias

Fazia fatias das costas suas

Com o surto de sábado à noite o boticário Alves — óculos de lentes grossas e mortijas pendurado na ponta do nariz chato e largo um pouco bêbado pela hora da urgência — foi obrigado a ministrar uma dose bem forte de láudano. Como a droga não fizesse efeito algum. Em último caso então não houve jeito! A morfina que se evitava fora usada. Paralisada sobre a cama o Anão sente falta da menina rodando corrupios pela casa. Aquela centelha viva celerada mas viva e acordada o fascina. Ao invés desse sono quase infinito que dá a impressão do eterno de cada momento. Nenhum temor nenhum torpor nenhum horror de ser atacado por ela. Nem desgosto ele sente mas se ressenete e entristece quando não a tem por perto. Aí dias depois de morta ela desperta sonâmbula sorrindo na alegria de ver os seus guizos saltando do barrete vermelho. Tudo volta ele pulula.

Provisoriamente enquanto os dias de alegria não chegam o Anão para se divertir liberta em segredo a amiga de folguedos das correias do cativo. Na hora em que Zefa lhe deu banho isso sim a fez escapar para o chiqueiro — não os descuidos da mucama. Isso sim a verdadeira causa da sua fuga para o romance com os porcos na semana passada.

Ela dança nua entre os porcos enlameada de fezes e sua loucura transforma-se de novo no velho caso de amor pelo Anão — seu número predileto. Todos riem Zefa o Nanico e a menina feliz dentro do chiqueiro. Assim se refaz na alegria e na fanfarra o caminho inverso do atônito do abandono e do ódio dos outros entranhado na sua carne que a levaram a perambular pela loucura. O Anão já não dorme mais durante essas noites de cativo e solidão — precisa vê-la! A imagem da criança brincando no sol com sua boneca de pano sem os olhos de botão debaixo da janela do quarto. Seus brinquedos quebradiços espalhados sobre a colcha de quadrados em tons vivos. Os reflexos dos vidros nas colunas da cama reforçando os claro-escuros da bela tapeçaria que reveste o chão diante do leito. A presença maciça da grande arca encostada à parede atravessada pela luz poeirenta do fim da tarde. As nuances arrancam das pedras do chão rugas em vermelho que fazem subir aos olhos do Anão as imagens dos belos dias. Voltarão as luzes que sobram dos sonhos. Diante da lareira central ele olha o fogo pensando na menina. Durante a madrugada imagina-a como uma velha tecelã como uma filha silenciosa com suas manias distraídas. Filha de olhos sangrentos pelo trabalho e arregalados. Filha de olhos fixos sem vida. Combustão de imagens espontâneas através do silêncio quando os dois despertam à mesma hora dos mesmos pesadelos. Naquele estado da noite desejam os mesmos sonhos. Correm de mãos dadas em alegria pelos canteiros circulares e envolventes. Brincam com os farelos da relva recém-podada. Aconchegam-se no dorso côncavo dos colchões de feno amarelo que as mãos comoventes do Anão tantas vezes engendram para ela mesma num canto escondido do quarto. Ali se encontram quando a lucidez permite e a vigilância cochila animaizinhos de

cocho em coitos rápidos de roedores. E aquilo é tudo que a vida pode oferecer de melhor: o grande amor entre um anão e uma menina louca.

Ele precisa vê-la de novo sussurrá-la. E desabrido vai encontrá-la num descuido do Coronel: a mesma lebre fria deitada de borco sobre os lábios de lado abertos e crispados. Carnes pálidas vermelho escuro nacos sobressaltados rasgam dois dentes miúdos na sua frente de faces abaulada. Acomodada num sobre o travesseiro de cetim amarelo derrama uma mancha forte de saliva fluida. Tem a cabeça emoldurada pelos cabelos gelados de um cão sem vida. Embebidos em suor os grandes olhos pardacentos entreabertos sobressaem das pálpebras graúdas. As faces estivais encovadas sobre o corpo cor de sabão são uma sombra única dentro do quarto sem vida. O galho florido horizontal se estende do tamarineiro em direção à janela. E se enfia pelo quarto adentro balançando da parede do fundo sobre a cama. A sua estante exhibe o pequeno exército das bonecas de pano engendradas para desempenhar a dupla função de fantoches e espantalhos de horror. Concebidas como aves de rapina e ficção desengonçam dos ombros contra a parede suas pequenas cabeças mal desenhadas e desconexas. À noite os brinquedos tomam vida e se transformam em horripilantes górgonas medonhas e assustadoras diante da imaginação corrompida da menina. Uma pequena ópera sinistra misto de circo e bestiário apresenta o espetáculo que ameaça e ao mesmo tempo encanta e devora como todo teatro verdadeiro. Por outras vezes ao contrário quando é obrigado a adentrar o quarto sob as ordens do Coronel tudo aquilo se transforma de aventura amorosa em grande suplício. Não o medo de ser morto mordido ou estapeado ou mesmo golpeado com os socos e pontapés violentos que são os terrores do velho. Mas sim a grande dor de ver a menina mergulhada em morte privada das possibilidades que não deixam vestígios.

Açulado pelo agulhão de gado que o Coronel empunha o Anão vai à frente testa de ferro preparando-se para a invasão. Contornam em silêncio a grande lareira do salão — onde o velho assa aos domingos suas batatas-doces e costeletas de

carneiro — e se dirigem para o quarto da menina. O Coronel tem um medo desproporcional e percebe suas mãos de inseto geladas apertando com força os dedos contra a roda da cadeira. Procura a todo momento a arma que leva no colo. O pânico faz o velho imaginar o som de uma música que não ouve: enjoativo um cego faz soar seu realejo à beira do córrego. Lavando o sal bruto barato e escuro a imunda melodia engrossa os pântanos em volta da casa em silêncio. O Coronel nota ruídos novos talvez perto da janela porcos focinhando flores amarelas de mostardas selvagens pendoadas. Talvez caniços magros das flores do trigo se dobrando lutando uns contra os outros. Sempre soam sons sinistros que não ouvia antes dentro de sua cabeça. É quando o Coronel Agenor ordena ao Anão que se aproxime dos aposentos da menina. O medo transformando seus músculos em palha numa confusão de destinos o Coronel grita: “Para a freeente Cabeçudo!”

Pela expressão desabada do salineiro seus ossos são fracos trapos úmidos. Velas abandonadas ao vento as partes mais moles de seu corpo transgridem a pele e se esparramam para fora pelas roupas. No estômago as batatas-doces e as amêndoas torradas com que recheia as carnes do capado confundidas com o agridoce do açafraão e do tomilho se retorcem mal digeridas no péssimo organismo em pânico. Um gosto amargo de vinho velho surge na sua boca. Carrega no distúrbio gástrico um companheiro nesses tempos de sofrimento junto com a erisipela que adquiriu como evolução maligna da ferida causada pelo coice de seu burro pedrês brabo e predileto. O pássaro à beira da morte os rolamentos do mundo fora das suas órbitas os rugidos do tamarineiro contra os batentes cansados da janela em pleno vento. Agenor se acalma um pouco ao ver o Anão parado na porta do quarto. Esconde o corpo por detrás do homúnculo e matreiro se posiciona bem rente à parede. Dali pode ter uma visão ampla do aposento e usar o Anão como escudo. “Cabeçudo um passo à freeente!” Então o pelotão dos dois homens entra na sofisticada masmorra. O salineiro tem horror ao que encontra diante dos olhos e tenta traçar rotas de fuga para deixar o Anão sozinho nas

mãos da neta louca e assassina. No entanto inútil nada disso é preciso. A dose mais forte ainda faz seu efeito e apenas suaves espasmos sacodem vez ou outra o corpo inerte pálido e gelado de Elvira. Um teatro trágico num irônico cenário. Em torno da doente imersa em trevas a luminosa janela de imbuia e cristal inunda o ambiente com a mais diáfana luz de vida. A claridade perpassa imóvel pelas janelas de vidros azuis quadriculados dando para o pátio de pedra lá fora indo e voltando. Numa olhar rápido o Anão percebe o chão do quintal novamente coalhado pelas pétalas caídas das cerejeiras em flor e supõe carinhosamente que essa visão associada à ilusão de ótica do galho de salgueiro com os pequenos melros pintados na parede traria alegria àquela pessoa querida inconsciente ali diante dele. Alguém que teve a vida estrangulada pelo cordão umbilical do destino agora dos remédios. Ironia trágica na bordadura das curvas da colcha de brocados cobre e dourado que azuleja partes do corpo de Elvira. As cegonhas aplicadas em laranja vivos equilibram-se reais nas suas franjas tocando com os dedos o chão de tábuas enceradas pela mucama. As aves pernaltas mergulham e voltam no corpo da menina erguendo nos bicos os rostos compridos dos peixes voadores e suas asas de feltro.

O corpo de cera da menina muge detrás de seus voos. As plumas das aves roçam seu rosto branco. Meio-dia: os sinos! Elvira sempre amou essas sonatas vazias que nos fazem esquecer as nossas misérias! “Rejubilam-nos aos gritos os seus algozes de bronze” — ela grita. “Dois desertos cheios de espinhos é o que os sinos querem realmente nos contar” — o Anão reflete. O grande campanário da igreja do povoado soa dentro do quarto redobrando aquelas horas de pesadelo. Quem controla definitivamente as cordas os toques as horas e os hábitos? O Coronel percebe o enleio do Anão diante do dobar dos sinos e crê numa suposta confraria acusando-o sub-repticiamente de heresia. Os movimentos trêmulos dos olhos de Elvira causados pelo facho límpido que a nuvem esgarça e deixa passar dissipa a ilusão de ótica do galho e das aves. Os sinos silenciam e a menina percebe a concreta presença dos dois.

A dois metros de distância da neta a única segurança para o Velho são as fivelas da arreata da mula que contém o pescoço e o corpo de Elvira. Apertadas em excesso como precaução provocam vergões vermelhos nas pernas e com mais profundidade nódoas roxas nos pulsos e nas canelas. Os bordados de contumazes e antigas feridas e cicatrizes se espalham pelos braços. Surgem para fora da colcha esplêndida de paisagens sem brilho. Elvira grogue engole em seco com dificuldade contida pelos medicamentos e pelas ferramentas de tortura impedindo seus movimentos. A primitiva camisa de força do cabresto do animal de tiro lhe trava a traqueia. Ela parece se engasgar com algo que comeu: um inseto incômodo subindo pela narina ou descendo para o estômago. Uma cigarra que não canta ainda muda talvez. Os sinos ressurgem escondidos pelo vento e depois de algum tempo se requebram em revelações um a um:

!!!!!!!!!!!! !!!!!!!!!!!!!!! !!!!!!!!!!!!!!! !!!!!!!!!!!!!!!
!!!!!!!!!!!!!!

— "Jaqueline Jaqueline" — Elvira timbra os lábios trêmulos abrindo e fechando as mãos vermelhas de suor. Duas palavras úmidas rebatem nos seus lábios embebidos na luz clara do aposento. Então os raios de sol se desfazem e deslizam para fora apesar da hora morta do dia. O quarto fica envolto numa meia sombra e já não há nenhuma Jaqueline por ali. A menina delira confunde os seres próximos com alguém distante que ela nunca conheceu em seus olhos turbados. Vai revelando os sonhos que rumina e se aproximam. Tem uma expressão assustadora que os denuncia. Agenor não consegue deixar de sentir medo diante da cena medonha que presencia apesar de armado e da certeza de que a menina não se livrará das correias facilmente. Elvira agora insiste em lançar uma ponte para a vida: os grandes olhos subindo imagens pelas paredes pesadas do abismo. Memórias que o corpo transborda e bombardeia desde o fígado comprometido trazem um suor pastoso para sua pele transformam em pedras os seus ossos frágeis. — "O doutor ontem esteve aqui Elvira. A febre alta é das tuas amígdalas inflamadas." — mente o Anão com voz

fraca e fraternal. A menina gira os olhos de gesso pelas órbitas opacas e o marfim flácido que os sustenta ocupa toda a vaga área das fendas oblíquas do crânio. Máscara coberta por sobranceiras invisíveis de anjo demônio do vazio de um rosto sem pupilas. A menina reconstrói com dificuldade a sua verdadeira face na tentativa de encontrar a própria imagem. Lambe com o avesso dos lábios os ressecados dentes de coelho indelével caminho para o próprio humano. O que poderia ter sido já agora não tinha futuro. "Não posso convidar Jaqueline para passar a tarde conosco Vovô?" — Elvira sussurra tomada por uma súbita alegria. A sensação de desproteção contamina o avô e o velho busca uma posição mais segura. Agora — Mais longe dos pés da cama! — disparou a ordem para o Anão que ele usa como escudo. — "Mais looonge Cabeçudo! Mais looonge!" — "Vovô não se lembra da boneca de porcelana que me deu na festa dos meus quinze anos? Ou está com preguiça de se erguer até à terceira prateleira ao lado da janela? Não pode pegar a quarta bonequinha para mim? Sim pode pegar delicadamente a marinheirinha? Traga ela para entre suas ondas por favor Vovô!" — Elvira de novo fita o vazio e fala sem parar como dirigindo-se a alguém que estivesse dentro da parede. Aumentando o tom da voz dispara: — "Preguiçoso! Vem todas as tardes me olhar esse homem tão sério. Sempre esquece de me beijar! Não pode esquecer Vovô! Faça uma carinha bonita para mim arrisque tente vencer sua preguiça. Me traga o brinquedinho agora Vovô. Eu sinto falta dela! Jaqueline sempre me faz companhia na janela quando contemplamos os veleiros vazando a enseada. Depois dobram logo ali a proa em direção à amurada do ancoradouro. Jaqueline e eu navegamos juntas o verão passado inteiro quando recebemos a visita dos homens das ilhas. O vento do mar agora aquece meu quarto entrando pela janela escancarada. Me dá vontade de navegar de novo. Mas o Vovô não gosta tem medo de me perder num naufrágio. Pode afrouxar um pouco o espartilho Vovô? Tenho falta de ar e gostaria de ir até à janela ver como está o mar hoje!" — Elvira balbucia as palavras como uma máquina com um sorriso fixado no canto da boca. Extática ela olha seu

encantamento fixando e girando os olhos estrábicos entre os guizos flácidos pendurados no velho barrete do Anão.

Despertada pela aragem fria que entra pela janela do aposento a urina doce e nauseante inunda a cama e fica mais viva e presente. A menina volta a se mexer e domina todo o quarto com nítidos e rápidos olhares inseguros. O Anão e o Velho ficam paralisados com aqueles dois grandes olhos demoníacos e doces à flor da face fixados neles: Elvira agora os enxerga. O Coronel teme a possibilidade de ter que fazer uma manobra brusca com a cadeira de rodas e isso faz correr por todo o corpo do velho uma corrente de metal gelado. Numa preparação para a retirada totalmente desprotegido tenta defender a perna doente com as mãos e escuta o remancheio da neta: — “Não pode afrouxar o espartilho Vovô? Não pode me trazer Jacqueline Vovô?” — A menina se lamenta num tom dorido. As correias estão firmes não há a mínima possibilidade de afrouxá-las!

Num ataque surpresa toda a equipe já estava dentro do casarão. O que chamava a atenção da Assistente Social eram as grades góticas. Ela as contemplava encantada desviando os olhos para as paisagens nas paredes. Celeste imaginava perder sua virgindade num lugar como aquele. Tinha trinta anos e nunca raspava um pelo do corpo. Seguia a educação ameaçadora da Mãe: “Mulher que se raspa é puta! Quer acabar lá?” Ao examinar o aposento onde a agressora se encontrava Celeste indagava-se: “Deus invisível cria o mundo visível.” De frente para a laguna olhando as montanhas o cômodo lá dentro recebera gaivotas nas paredes que saciavam a obsessão de Elvira pelo mar. A doente era acometida por delírios com viagens frenéticas em barcos à vela. Emoldurando o horizonte um tronco de amoreira detrás da cama ostentava frutos cor do vinho. A cena poderia associar Elvira a uma cortesã de Baco. A menina era apenas uma possessa entregue nas mãos de um carrasco impiedoso. Motivada por tal cenário o Coronel buscava que Elvira acreditasse na própria felicidade e vivesse no melhor dos mundos. O que o

velho queria de fato era que a menina ficasse em silêncio — o que todo tirano espera! Para reforçar a ama contava-lhe histórias onde ela passeava nas nuvens. Para o cúmulo do ilusionismo eram-lhe fornecidas amoras verdadeiras. As frutas úmidas ficavam escondidas entre as cortinas. Esperavam que a menina acreditasse colher os frutos enquanto escutava as narrativas sobre o frescor da relva onde caminhava. A falsidade da cena contrastava com a liberdade dos marrecos irerês vistos pela janela. Picotados entre os quadriculados sinistros das grades deslizavam na superfície da laguna viva. — Eu sou militar abaixem as armas! — gritou o Coronel para a tropa. — Girando diante da Comissão em sua cadeira de rodas Agenor arrotava a patente de coronel. Era o senhor da menor salina de Charque do Norte. Exigiu que a tropa se perfilasse e batesse continência. Não atendido adotou um comportamento que primava pela polidez. — Os senhores podem entrar — disse malemolengo num rapapé submisso. Desnecessário! estavam todos lá dentro. — Mas muito cuidado ela está furiosa hoje — e imitava um cão danado.

Contida em seu leito por brutas correias Elvira foi imobilizada pelas fivelas da arreata da mula. — Qual a sensação que você tem quando se aproxima de um ser humano nesse estado? A minha é de total horror — sussurrou a Assistente Social para o Delegado. Distribuídos em torno do catre maravilhados pelo fausto da decoração os membros da Comissão de Ordem e Saúde — nada intimidada pela patente de Coroné — começou o interrogatório: — A doente tem carteira de saúde? — inquiriu o Tenente de Polícia ajeitando num gesto inclinado o quepe cor de terra. — Qual a queixa que o senhor apresenta para convocar a Junta Máxima? — acrescentou fingindo inteligência o Escrivão. Distraído pela opulência dos santos barrocos esqueceu-se de ouvir a resposta. — Ela apresenta sintomas de banditismo e mania de esmolar na porta da igreja — disse o avô acusador. O velho ainda mais queixudo pela máscara que construía com o ódio das entranhas mostrava o que sentia por aquele lixo humano na sua frente. — Já bateu carteira se embriagou em dia santo ou xingou

o padre? — acrescentou o Delegado dirigindo para o Escrivão um gesto para que voltasse a prestar atenção. Agenor olhou o Delegado e cuspiu no chão um catarro tão espesso de sarro de cigarro. Diante da ameaça o Delegado desistiu da pergunta. Voltou-se para o Escrivão e gaguejou: — "Tome o depoimento da menina Capistrano." — Eu falo por ela atalhou o Coronel. — Menina moça na minha casa não tem voz! — O Tenente tossiu alto lançando forte sombra sobre a castidade de Elvira. — Não pode afrouxar a mordança assim ouviríamos a própria suspeita falar? — acrescentou o Escrivão. Arriscava-se a contrariar o herdeiro da salina. — Só vai registrar palavras! — cuspiu novamente o velho. — Se esse é o caso eu mesmo posso lhe xingar. — rematou Agenor com desdém. — Não posso encaminhar nada ao Juiz sem que haja ao menos um pronunciamento da própria. — insistia o funcionário. — Ô xente eu já não disse que falo por ela! — engrossou o Coronel com voz metálica. Estava sem saída e arriscava tudo para fazer valer seu poder de pequeno latifundiário. A Assistente Social vestida num modelinho de chita vermelha baixou os olhos miúdos. A Virgem se arrepiava ao som do mais ingênuo palavrão. Mas demasiada humana Celeste mantinha a atenção presa na menina. Tentava estabelecer com ela uma relação afetuosa. Poderia ser encarada como impertinente: "Nos nossos abrigos temos instalações confortáveis. Poderia ser contida e perdoada. E até ser punida se fosse o caso." O Tenente pensou mas não falou. As ideias de perdão e de punição nasceram em Celeste junto com o medo da morte. Era isso que a profissional experimentara desde que crescera naqueles sertões cheios de balas e padres que cortavam as carnes confessavam e enterravam as pessoas. Mortes que levavam homens mulheres e crianças embora para sempre. "Ótimo ela é toda sua leve ela para a sua esbórnica atalhou o Escrivão! Mas antes eu preciso fazer um boletim de ocorrência." — E procurou nos bolsos a caneta que guardara antes de sair às pressas. — Confere Comando? — Sim claro disse o Delegado tirando dos olhos o suor. — Sem ocorrência não haverá boletim. Sem boletim não haverá ocorrência. Esta é a máxima do direito penal complementou o Comando. — Afinal qual é a queixa

Coronel? — arriscou o Delegado. Estufou o peito e procurou seu melhor personagem enquanto buscava no seu antagonista alguma esperança de resposta. Usava um chapéu simplório que ajeitava involuntariamente. Enfim como o velho não desse de si o Delegado se arrependeu da empáfia. Numa demonstração animal reconhecia a superioridade do Coronel Agenor. Não era obrigado a responder merda de pergunta nenhuma. — Ela tentou me matar — disse o velho cinicamente diante da submissão do Delegado. Falava como se espantasse uma mosca nos pães velhos. Ajeitou-se na cadeira de rodas para parecer mais alto e gritou para o fundo da cena: "Zé Bedelho traga a dois canos! Com cuidado porque eu sempre ando com ela carregada!" — Voltando-se para o Delegado acrescentou: "Vou lhe apresentar a arma do crime Doutor." — Para impressionar gritou novamente: "Traga logo a merda da arma ôxe! E bem aberta para não assustar os doutores!" Homens brutos acostumados a lidar com o lado difícil da vida! O Delegado não suportou a humilhação: — Nada me assusta Coronel — disse entredentes. — É bom mesmo que a arma esteja carregada. Ela pode ser usada a qualquer momento. — Nunca se sabe quando vai se precisar usar uma arma não é verdade Coronel? — pegou carona o Tenente. E arriscou uma pergunta direta: "Não se poderia aproveitar a menina como prisioneira operária? Acrescentaríamos mão de obra às fundações do novo quartel." — Ela morde — disse o Coronel quase devorando o Tenente. — Passe a mão ali na altura da boquinha da criança seu Tenente. — Essa última apelação à baixa patente do militar fez com que ele evitasse os olhos de Agenor. — Poderia atacar os outros operários nos causaria problemas sindicais — disse o Delegado. E acrescentou: "Essa merda desse psiquiatra que não chega!" — O Gouveia é médico legista doutor sussurrou o Escrivão. — Que me importa! Desde que assine o laudo! — Sem laudo não há boletim — repetiu o que já havia sido dito o Tenente. — Mas ela ainda não é um cadáver para se precisar de um médico legista — disse com cautela a Assistente Social segurando as saias levantadas por um vento súbito. — Devemos prever o futuro. — disse o Escrivão enquanto não desviava os olhos das pernas da

beldade. — Isso é caso de polícia — disse o Tenente perdendo a calma. Já tinha transferido para a cadeia municipal e dava-lhe um bom pau. De arara entendasse! — cantava de galo o pouco graduado oficial. O Velho Agenor aproveitou a confusão para descobrir também umas cadeiras polpudas na gordinha bem intencionada. O fato erótico ficara patente para todos. Tentando desviar a atenção do Velho o Tenente atacou de novo: — "Ela chegou a atirar em vosmicê Coronel?" — Acariciava como um ator de chanchada a peça metálica que surgia do coldre. Como a resposta não veio acrescentou: — Há marcas de projéteis nas paredes? Caso se confirme já posso encaminhar o caso. — Vendo-se deslocado o Delegado não quis ficar para trás: — "Há ainda que se fazer análises precisas da real situação do fato" — disse matematizando a questão. — "Preciso incluir isso no boletim senão o Juiz nem olha pros papéis" — rosnou o Delegado perdendo a paciência. — Estupro assassinato desinteligência? — Eram as últimas tentativas para solucionar o caso. — Doença venérea caboclo! Ela é um poço de gonorreia! — explodiu o Coronel perdendo a paciência. Fez-se um duro silêncio de botas que se moviam umas contra as outras. Doença venérea era o mais grave no Condado. Uma pequena faísca poderia acender o pus nos xibius e cacetes de todo o município. Uma verba fora liberada para a higienização das trinta casas de tolerância. Ali se concentrava a maior parte da mão de obra ativa do condado. Onde também grassavam subversivos que defendiam melhores condições de trabalho e salários justos para as quengas. Vai que essa gonorreia da neta do Coronel Agenor não fora tramada por eles?!

O Clínico Geral finalmente entrou pela porta. Tão estapafúrdio homem teria entre trinta e trinta e cinco anos. Usava cabelos lustrosos à brilhantina aparados com rigor. Exalava uma desmedida assepsia digna de ser encontrada num monstro. Óculos grandes envergava um terno de gabardine branca. Cinto camurça adornado com motivos florais. A fivela dourada ostentava em verde o caduceu de Mercúrio. Sapatos negros de verniz arrebicados por sinal de debique com o povo descalço. Medalhas de prata

sobre o peito significavam o poder da medicina. *Oh! flaneur demoníaco!* A cara zarolha feia como a de uma gôrgona zunia maldições no seu silêncio impenetrável. Vinha se deslocando mecanicamente em direção ao quarto de Elvira. Ouviu-se o entrecortado baticum de seus saltos. Exagerado e aprumado para a missa de domingo o presunçoso estudantezinho da capital. Oriundo de tradicional família do latifúndio salineiro tornara-se naquilo que esperavam dele. Pronto para defender o poder do Condado Meridional que submetia o Centro e o Norte. “Sal e Cocol!” o lema atravessava o quadrado azul da bandeira da vergonha enquanto matavam indiscriminadamente homens mulheres e crianças que ousassem se meter na sua frente. O Príncipe Cangaceiro fizera questão de arcar com as despesas dos estudos do rapaz na capital. O caudilho era tio-avô do rapazinho de nariz empinado — Doutor Ramiro Saraiva Freitas dos Guedes Cirurgião Plástico de Hemorroidas como o povo galhardamente se referia a ele. Um dos Saraiva Freitas dos Guedes pertencia ao ramo que tinha entrado em peso para o banditismo — o bandoleirismo e cangaceirismo. O próprio Deocleciano Saraiva Freitas dos Guedes o diabo em pessoa recebera do Antigo Poder Monárquico de Além-Mar uma sesmariazinha de merda como ele mesmo fazia questão de chamar. Na delicadeza republicana de rifles e jagunços transformara seu quintal no vasto império do Charque do Sul. Diagramado pelos caixilhos as salinas estendiam-se de onde para onde. Naquelas branquidões empapadas de água suja reinara o Velho Guedes — senhor das pontilhadas aves vermelhas que disputavam espaço com sapos-boi sonolentos. Inimigos dos Guedes o pai do Coronel Agenor Coronelão Agenor o Velho bebia de cair em cima do revólver sempre na cinta. Casou com uma das mucamas Dagmar pobrezinha de pai e mãe. Discriminado pelos brancos católicos da família o nosso Agenor foi passado para trás no inventário. Coubera-lhe o feudo enfiado entre brejos mortiços onde nasceu e vivia. A família não iria repartir seus torrões com o filho de uma negra — única coisa boa que trouxe do destino. O Coronel Agenorzinho era agora aquele salineiro cujo problema que tinha para

resolver era a neta louca. E a solução viria de um inimigo político: o médico que entrara como uma alegoria do poder pela sua casa. Vinha para decidir o destino dos dois envolvidos naquele drama: Agenor e Elvira.

O médico fitava a menina temeroso e surpreso. Ordenou ao Escrivão que lhe oferecesse um cigarro. O pito de fábrica exalava uma fumaça difusa. O Médico notara que o quarto se igualava ao ambiente *sfumato* que caracteriza a Amsterdam do séc. XVII. Recurso plástico que Rembrandt em oposição ao *chiaroscuro* da Escola Italiana — magistralmente explorado por Giotto (Hauser 1972.) — soube tão bem reproduzir na sua obra. Especialmente a neblina que emoldura a grande muralha da esquerda e o foco de luz sobre o cachorro perdigueiro na sua “Ronda Noturna”. — Como é o seu nome minha filha? — perguntou o doutor Ramiro. Elvira bafou com prazer: — Elvira Juliana Natália Solange — disse num tom seco e cavo. O médico retornou outra pergunta preocupado por ter que encarcerar alguém que só tinha nomes próprios: — Você não tem nome minha filha só sobrenome? — O Coronel salvou a situação: — Ela não foi batizada. A falecida mãe não quis. E quando as duas vieram morar comigo essa daí já tava quase desse jeito. — Acrescentou irônico com uma risada de desprezo: — Novinha já comia os besouros que espocavam nas janelas. Agora piorou de vez. Ela mastiga é pedra! — A Assistente Social que assistia ruminou umas frases em silêncio. Rezava pela alma de Elvira. — E como é que eu chamo a menina Coronel Agenor? — o Delegado inquiriu já um pouco amargo. — Assobie que é melhor. Vosmicê não se confunde e ela atende na hora — disse o avô num tom agressivo. O Chefe da Junta recebeu a ofensa como um delicado coice de adversários políticos. — Você quer um refrigerante minha filha? — Inquiriu o médico. Elvira petelecou a guimba pela janela aproveitando a deixa de ar puro que Zefa fizera entrar pelas grades contrariando as ordens do Coronel. Estalando a boca Elvira disse: “Não paixão prefiro uma dose de gim.” E emendou: “Zefa por favor ajuste as ligas das minhas meias. Não tiveram ainda oportunidade de apreciar as minhas pernas.”

Acrescentou vaidosa simulando surpresa: “Estou um pouco gorda é verdade. Mesmo assim vou dançar hoje à noite.” E sorriu num esgar triste valorizando a boca carnuda. — Vai beber de novo? Ó Elvira o que que tu já arrumou com a bebedeira de sábado à noite!” Virando-se para o Doutor Ramiro que impassível deixava as cenas correrem no palco Zefa confessou: “Ela só tá presa assim Doutor porque ficou bêba! Quando bebe quem manda aqui é ela. O Coroné teve que enfiá um remedinho no caldo dela! E então bem feito procê! Ele amarrou ela todinha com o arreio da carroça véia. Já disse e torno a repetir bem feito procê Elvirinha dos Porcos!” O médico ia dizer alguma coisa mas Zefa atacou de novo: “O que é pra ser dito doutor seja dito ela é terrível! Otro dia vai que eu falo mesmo bateu na cara do Coronel e derrubou ele da cadeira de rodas dele. Eu tava no currali e ele ficou aí no chão estrebuchando todo nervoso. Estatelado como um cachorro se mijando com o rabo entre as pernas. E eu é que tive que vim consertar o homem.” Zefa interpretava teatralmente acompanhada por uma mímica que revelava o nojo que sentia daquele homem. “Mas que que eu vou fazer eu sou só a empregada” O Coronel impassível ficou: aquilo não lhe dizia respeito. Zefa não esperava coisa diferente. “Vou pegar teu gim agorinha minha filha. Quer que eu bote um gelinho?” Acovardada pela expressão de ódio da menina Zefa saiu às pressas. Corria levantando as saias sugando a poeira do soalho com seu corpo servil e vilipendiado. O Tenente magriço atalhou a tempo de alcançá-la: “Zefinha o meu pode ser sem gelo. Mas não precisa correr querida.” — Eram primos e amásios. Zefinha tinha sido dele e ele dela. Deixaram saudades a dose sairia caprichada. Todos sabiam agora que era a mucama Zefa quem mandava naquela espelunca — o Coroné estava desmoralizado e a menina só tinha nome. Sem se deixar impressionar o velho se revirou na sua cadeira de rodas. Abriu os botões da camisa estendendo para o Delegado um labirinto de hematomas e fundos arranhões. Vinham em várias gradações do roxo começando nos mamilos e subindo até a raiz do pescoço. — Sabe o que é isso Saraiva? — interpelou o coronel chamando o médico pelo nome de batismo. A prova estava ali e se dissipara a dúvida

entre réu e vítima. O médico precisava mover sua peça e escapou com brilhantismo casuístico: “Se não conseguirmos nada mais concreto contra ela podemos usar a mesma estratégia de Rembrandt contra Geertje Dircx — disse o médico. Sem explicar nada demonstrava uma cultura que calava aquela impressionada plateia. Mas o fato é que aqui como lá em Amsterdam tudo ficava na mesma! A única coisa que Agenor podia alegar era uma altercaçõzinha. Porrada ali era coisa comum. — Comportamentos instáveis é o que se sabe até agora — disse com segurança o Escrivão. — Sim são a raiz de todo o mal mas não servem para um inquérito. — Rematou o médico olhando com ar desdenhoso para o Escrivão. A jogada espetaculosa do Coronel fora em vão. Elvira exibia um ar de grande júbilo misto de gozo sensual e deboche. Respirava aliviada supondo que tudo se resolveria a seu favor. A empregada voltou com a bandeja e a bebida foi servida para a menina e o Tenente. O Velho vendo os ódios de família acendrados e seus objetivos dissolvidos pelo Escrivão baixou a guarda: “Me deixe essa bandeja aqui Josefina e traga uísque para todo mundo. Na minha casa ninguém entra sem beber uns tragos. Quem sair daqui andando reto é corno!” — Aquela grosseria não atingia somente a Purificada Assistente Social. Ela sabia logo todos estariam embriagados. Girando a cadeira de rodas o Coronel deu de cara com Zé Bedelho. O homenzito mostrava o cérebro aberto de vergonha. O médico ficou encantado com a semelhança entre a cabeça rompida do serviçal e o personagem de outra tela de Rembrandt. Concluiu que Joris "Black Jack" Fonteijn o alfaiate holandês fora realmente assassinado pelo pintor. O silencioso olhar do médico insuflou no velho novas forças: "E você mula velha! Nunca tinha percebido que o teu menino é a minha cara?!" O velho aprumou-se para se defender de um golpe que nunca viria. "Vá pegar a travessa de torresmo e traga aqui para as nossas visitas." Zé Bedelho foi-se imbricado em silêncios gordurosos: carregava o mundo nas costas. Caminhou para o fundo da sala com o pequeno cérebro exposto. Saía também da vida — a partir daquele momento passava a odiar o filho. A quem dedicara todos os seus sonhos e o suor de seus dias.

Quebrando o silêncio Elvira disse caprichando na pronúncia: "Não podemos ouvir Beethoven? Sei uma que combina com gim-tônica! Por favor coloque a Sonata para piano na interpretação de Wilhelm Kempft." Falava fluida como um apresentador de rádio de música erudita. Zefa imediatamente trouxe o rádio de pilha e o posicionou no ouvido de Elvira. A menina exibia no rosto o objeto puro que era a música. Com a mão Elvira regia a criação de sua própria alma. No quarto do surto da doente como um lume o silêncio oscilante envolvia a penumbra e circulava os homens. Todos suavam na tarde das salinas. Um pouco embriagado pelo uísque barato o Médico Chefe ocultava seu nojo por tudo aquilo. Lançava olhares e demonstrava um temor que ainda não tinha revelado. O doutorzinho da capital sentia medo quando bebia. Desmontava-se pela primeira vez a farsa daquela pose onipotente. — "Ela se comporta bem quando lhe retiramos os arreios?" — sussurrou? Daqui para frente estaria sob os seus cuidados. "Sim no geral ela é mansa." disse com desprezo o Coronel. "Gosta de conversar e de cantar. E se derruba uns tragos é possível que dance o flamengo para nós." Os olhos de verdes carambolas do Tenente se fixaram nas ancas sobressaltadas da menina convalescente já as imaginando em ação sobre o palco. Zefa entrou no quarto carregando no braço esquerdo o vestido negro e o pesado xale de viúva espanhola. Na mão direita uma escova e uma barra de sabão em pedra. — Hoje é sábado Elvira! Vestido de baile e xale à espanhola — Zefa disse. — Quem sabe não damos uns passos para nossas visitas? — O sorriso forçado de Zefa nem de longe convencia o diabo de que Deus era bom. Mas estava feliz por ver a menina livre das correias. Elvira exibiu os dentes como sujos rododendros de plástico.

A pesada noite circular ameaçava cair sobre a mesa que o Coronel fizera montar pelas mãos exaustas de Zé. Os homens da Comissão se empanturravam com as viandas e quitutes preparados pelo suor dos dois trabalhadores. O Médico usava um terno branco amassado pelas manobras desenvolvidas no calor da tarde. Abusavam das bebidas fortes num vai e vem de bandejas e garrafas. Sentada na cadeira onde a

ama costumava contar-lhe suas histórias o olhar inclinado para o chão Elvira se deliciava com as invenções de Beethoven. Ouvia com deleite estático um rádio que nem com as pilhas poderia lhe dizer alguma coisa. No rosto do profissional responsável pelo laudo ficava clara que todos esperavam dele uma solução para o caso. E davam mostras de uma embriaguez que aumentava de gravidade a olhos vistos. O Delegado pediu licença ao Coronel para afrouxar o cinto. O Tenente secundou o Delegado no pedido de abrandamento do protocolo. Alegou calor provocado pela falta de sono. Receberam o Delegado e o Tenente permissão do velho para ficarem em mangas de camisa. A Assistente Social bebia feito homem. O Escrivão homem de olhar seco e depreciador contemplava aquela bacanal com estupor estoico. O médico se destacava no meio daquela balbúrdia de pequenos burgueses militares e funcionários públicos. Alguns de inteligência medíocre outros de medíocre inteligência outros completamente medíocres e sem inteligência nenhuma. Sob o disfarce de cumprirem suas funções esperadas pelo Estado se refestelavam na esbórnia de uma tarde de bebelança e comilanças.

Elvira deitou a cabeça para o lado ao mesmo tempo que manteve os olhos fixos nas tábuas do soalho. Numa expressão muito sonora que visava o ouvido do Avô disse: “Se o tema do nosso banquete dessa noite for novamente o Amor precisamos encomendar as Flautistas.” — Dispense as flautistas Elvira e vá tomar seu banho. O Doutor quer examinar você. — Retrucou Agenor num tom casual. O fato era que desde que a menina fora libertada dos arreios o Coronel mudara bastante. Já não se atrevia a encará-la ou a desafiá-la. Percebendo que o motivo de tão surpreendente mudança era a liberdade de movimentos de Elvira todos constataram que o Coronel era de fato um covarde! Os homens da Comissão apesar de comerem e beberem à sua mesa — e às suas custas — não tiveram como evitar essa constatação. Mesmo eles que também temiam a menina louca

A roleta girava a favor da menina. Pressionada pelo patrão e temendo aborrecer Elvira Zefa aproximou-se dela. A menina fechada num mutismo de pedra era

vista por todos como um animal perigoso. Tomando todo o cuidado a ama transpassou a mão pela cintura da afilhada. Enlaçou-a como se a convidasse para uma valsa dogmática. E a ergueu da cadeira onde jazia morta. Assim que percebeu o envolvimento Elvira jogou-se lânguida nos braços de Zefa. Inclinou a cabeça como um cachorro que se coça e revirou os olhos quase lúbrica. Zefa conhecia aquilo bem. Afinadas cantaram o mote composto por Elvira no registro metálico dos loucos.

Num minueto de matar

Encontrei meu par

Era um homem

Era um homem

Era o forte homem

Que ondula o mar.

Solfejavam engasgadas mas não saíam do lugar. Zefa falou baixinho e passou a mão carinhosa no rosto da parceira. — Tá com ideia de se meter com fogo Elvira? O Coronel quer que você vá tomar banho fria. Os doutores precisam ouvir você e querem te examinar. Ajuda a amiga Zefa vai.” Desta vez Elvira cantou sozinha:

Enchova sardinha

Corvina tainha

A sereia mais bonita

Serei euzinha?

Zefa perdeu a paciência e puxou a menina com mais rigor. Pesou o quanto seria difícil o trajeto até o cômodo onde lhes esperavam a banheira e o trocador de roupas. Trazendo a cabeça para frente e quase desequilibrando Zefa a menina debruçou-se sobre o ombro direito da mucama. Levava os lábios bem próximos da orelha da mulher e sussurrou no tom que usava quando queria irritar o Coronel:

Vermelhos bois de canga

Empunham chifres de alabastro

Soando sinos de ouro

Nos suaves testículos de couro

As duas se derramaram numa larga gargalhada e provocaram um acesso de tosse no Coronel Agenor. Depois que o velho recuperou a calma dirigiu-se à Zefa: — Josefina me leve essa menina para longe daqui agora! — Zefa soltou um muxoxo surdo bufando um "ôxe!" automático e novamente abraçou-se com Elvira. A menina não se movia fincando com mais volúpia os pés fundos no chão. As duas agora se abraçavam numa cena de filme romântico. Seus olhos miravam langorosamente uma em direção à outra. Quebrando enleio Elvira preparou-se para o papel que iria representar. Cacarejou alto numa voz esganiçada imitando os trejeitos da galinha:

Cocó cocó cocó...

Quantos circos

Se revezam nos meus sonhos?

Cocó cocó cocó...

Dessa vez Zefa não riu. Sabia a que aquilo se referia. E que uma vez que a menina seguisse por aquele caminho não haveria volta. Diante de uma tão poderosa plateia de gente com mando de vida e de morte poderia pôr a perder a vida do Coronel de Terras e Gentes. E da própria Zefa! Eram árias que o homem cantava enquanto cumpria seus requintes sexuais com a mucama. Sussurrados por ele entre dentes tomavam a forma de perversões que ressoavam pelas paredes do casarão vazio. Mergulhada na sua loucura a menina escutava aquilo sem poder evitar. Conhecia todo um repertório desses impropérios. Os repetia sozinha pelos cantos baixinho para si mesma por horas a fio com todos os tons do desprezo que ouvia. Agora louca imitava com finura as sevícias imaginárias do homem são quando possuído por sua luxúria.

Zefa fincou os olhos com força contra a menina. Num tom que usava quando precisava implorar-lhe um pedido disse baixinho: — Dândár! Ô! Pra ganhar têm-têm? Olê? — Que aquele fandango tivesse o poder de criar uma metamorfose na alma de Elvira Zefa sabia de antemão! — Quero quero quero! — exultou a menina. Trepou um pé sobre cada pé de Zefa. E foram

as duas aos pulos como aqueles comediantes abraçados com uma boneca de pano. Os pés costurados em seus sapatos exibiam-se pelos tablados do corredor. Desapareceram enquanto saíam de cena na luz difusa do fundo da sala. No magnífico número de teatro popular Elvira deixava-se levar vivamente pela ama para dentro do catre escuro.

Dân-dâr! Ô! Pra ganhar têm-têm!

Dân-dâr! Ô! Pra ganhar têm-têm!

Dân-dâr! Ô! Pra ganhar têm-têm!

— Mais uma rodada de xerez Coronel? — gritou o Médico Presidente da Junta. Agenor não se mexeu. Limitou-se a dar de mão numa curta curva e dispôs a garrafa deixando cair o braço contra o guardanapo. Alcançou com as pontas dos dedos de forma despreocupada o tecido grosso. Agarrando o trapo levou-o até à boca e raspou com asco a crosta de gordura que se acumulara ali. Indicava com aquele gesto de desdém a moléstia que sentia por toda aquela gente. Depois de clarear os beiços atirou sobre a mesa o guardanapo pintado de tomate e de ferrugem de molho do capado. Movendo os olhos injetados gritou para o médico com voz de pedra: "A garrafa está em cima da mesa Doutor! Para que todos bebam até se fartar!" Ramiro não se deu por rogado e foi diplomático. Pegou com delicadeza o frasco e o rolou derramando nos copos dos seus subordinados o precioso licor. Tentando o melhor tom de voz Ramiro ergueu o copo e disse: "Acho que posso compartilhar com vocês minha alegria. Não é todo dia que vemos um espetáculo tão exuberante. Nos leva a memória para a Roma e seus imortais mosaicos!" Todos esticaram seus copos para o Cirurgião. Ramiro voltou a encher os copos de maneira pródiga diante dos olhos amuados do Coroné. O Presidente da Junta continuou: "Para celebrarmos nossa imensa alegria por esse espinhoso trabalho proponho uma boa quadrilha a quatro vozes! Cinco se o Coronel quiser nos acompanhar. Nossos famosos bordões todos já conhecem!"

— Hurra! Hurra! Hurra! — gritava a pequena turba

engalanada. Adoravam as quadrilhas do Açougueiro quando se embriagava nas Operações de Ordem Social. O Médico era um exímio mímico na reprodução de semblantes caricatos que todos conheciam. Suas fanfarras estavam voltadas para o deboche de toda a população. — Pode ser o Jeca-tatu Chefe? — Sim Sim Sim! — gritou o Médico. Olhando para o Coronel de forma significativa acrescentou alegoricamente: — Acho que vem bem a calhar com a situação em que nos encontramos! — Todos riram e o Tenente acrescentou encarando o Coronel — O Jeca é um dos nossos prediletos e está bem ensaiadinho. Rio muito comigo mesmo! — Sim Chefe disse o Escrivão podemos usar a coreografia do dia de São João. Todo mundo conhece de cor. — A pedidos o Jeca-Tatu com a coreografia do dia de São João! — disse o Médico erguendo os braços e os agitando. — Todos a postos! — gritou novamente o Médico com voz de comando. — Celeste Andrade nossa Assistente Social fica encarregada do soprano. O Delegado Waldir defende o baixo. Tenente André Rebouças altamente competente fica com o contralto. E o Escrivão Amarelo e eu ficamos com o tenor. Nosso Coronel pode escolher a parte que quiser. Afinal o homem é o dono da casa! — Todos aplaudiram freneticamente.

O Médico ajeitou as calças com duas mãos firmes. Jogou os panos do cós e o cinto num rompante circular e se moveu de um lado para o outro. Não descontinuou até que as fraldas do tecido estivessem arrumadas na cintura. Inteiriçou-se e rosnou: "Tudo pronto canalha?" — Todos esvaziaram os copos engolindo o que sobrara de seus goles. Apesar do estado de embriaguez conseguiram formar uma fila por dois. Deslocaram-se para o salão principal. Na frente ia o Médico mula velha florão-da-tropa. O doutorzinho empunhava um espeto de churrasco que lhe servia como batuta. O Coronel indo com eles afastou a cadeira de rodas para o fundo do aposento. Esperar para ver onde a coisa ia dar.

Marchavam sem se deslocar soavam tempos fortes e duras divisões de compasso. Requebravam ancas debicando descaradamente da cara do velho salineiro. O Médico levantou o espeto-batuta. Foi

seguido pelo brado do tenente: "Avançar!"

Os coreutas iam em frente saudavam uma plateia imaginária onde estariam o Czar Cangaceiro e a Primeira-Dama do Sal. O cortejo encantava o salão principal preparando-se para fechar a primeira volta. Imitando o repto dos taróis os primeiros a atacar os bordões foram os tenores:

jeca jeca

jeca jerereca

(duas pausas simples)

jeca jeca

jeca jerereca

Esticando o pescoço como uma pequena cegonha a Assistente Social atirou seu gorjeio metálico. Ela remedava um clarim:

jeeeca jeeeca

jee ree ree ca

Em seguida no ribombar do bumbo os baixos:

peeega peeega

Completando a fanfarra entraram as caixas trazendo uma comoção ao cortejo.

Taaa tuuuuuuuuuuu

Taaa tuuuuuuuuuuu

Não é que a coisa funcionava mesmo!

jeca jeca

jerereca

pega pega

taaatu

taaatu

Todos estavam impecáveis nas marcações do bailado. Enquanto treinavam a quadrilha exerciam as funções públicas recebendo gordos salários do governo. Tramoias combinadas em surdina faziam deles uma máfia exemplar. O Coronel acabou sendo

contagiando pela suarenta e musical tropelia. Esqueceu-se de que estavam ali para decidir do destino de sua neta e foi seguindo o cordão. Rodopiava atrás da fanfarra como uma piorra doida. Fazendo rolar a velha cadeira de rodas o Coronel revelava um volúvel traço de personalidade.

Dragonas coturnos quepes cinturões e coldres recheados de pistolas e sabres combinavam perfeitamente com sedas linho e cabelos à gomalina. Se exibiam imaginando-se heróis da Batalha do Riachuelo surgindo naquela cena mítica. Tudo estava saindo às mil maravilhas quando uma espécie de pântano surgiu dentro da cena: o Chefe da Fanfarra tropeçou no tapete. Fazia piruetas para manter-se de pé sobre um chão que lhe fugia. Os sentidos embotados pelo álcool ajudaram na falta de prumo físico e emocional. O homem arribava e desmontava como numa coisa feita de que não conseguisse se livrar. Com muito esforço curado da epidemia das diagonais que lhe atormentavam retornou à posição vertical. E ergueu o bastão de comando.

No mesmo instante um frenesi de endemoniados se apoderou do corpo do Chefe da Junta. Arrepanhou os panos das bainhas das calças como uma lavadeira e iniciou uma dança primitiva. Aquelas maluquices davam a impressão de que o médico cismara de imitar o desespero final da ave do paraíso. Marcava o chão com o salto dos sapatos e vez por outra atacava o solo com a biqueira. Repetiu aquilo no mesmo lugar infinitas vezes

Uma poeira fina e sufocante se ergueu do avermelhado tapete persa. As pancadas agudizavam-se sobre as pranchas de madeira. Ele fremia como um leão enquanto entortava as mãos de moribundo e esticava a língua para obter mais equilíbrio. Ora encurtava os golpes ora alongava as pausas. Em seguida disparou uma sequência de sopapos com os pés. Esmagava contra o chão um matraquear de castanholas seus sapatos pisavam nas próprias solas. Então ele parou. Parado!

Olhava o chão estatelado num único ponto imóvel. Suando dobrou a cabeça em direção ao solo. Inclinou-se ao nível dos pés enxergando de cabeça

para baixo as fisionomias da plateia. O que se seguiu ninguém poderia imaginar: o potentado descobrira algo que faria mover toda a poderosa engrenagem da tirania da Junta do Poder. Levantou a voz opaca e emitiu frase breve:

"Enrolem essa merda desse tapete na direção dos meus pés!"

Os assistentes se esmeravam em cumprir aquela ordem. Passaram a peça de pano rápido por debaixo de seus pés. Com a liberação da cobertura espessa o Cirurgião voltou a pular. Ouviu-se nitidamente um som oco. Todos estatelaram os olhos em direção ao monstro que havia sido descoberto.

As tábuas regulares acusavam uma diferença diagonal e oblíqua. Era isso! Ele parou calmo e disse para o Tenente Rebouças: "Me empresta teu punhal Claudinho André." O militar retirou submissamente a arma branca e a estendeu para o superior. Gouveia abaixou-se e fincou a faca entre as costelas das pranchas. Olhava com frieza para os subordinados. Forçou a faca usando o vértice de uma tábua como apoio. Crispou o rosto e se utilizou de toda a sua força disponível. A tábua rangeu rangeu e cedeu! O Ramiro Gouveia se ergueu: era um alçapão.

— Grampo nele Claudinho! — gritou para o Tenente.

— Não posso algemar o Coronel Agenor Eustáquio Ferreira Furtado de Freitas Chefe! Ele é sobrinho-neto do irmão do falecido prefeito.

— Isso foi antes do golpe! Grampo nele já disse Tenente. Eu mando prender e matar o prefeito e toda a família dele.

Todos temeram aquela atitude destemperada. O Médico raramente fazia o uso ostensivo da força.

— Vamos descer! Alertem os homens da varanda! Coluna por um armas na mão. A Assistente Social vai por último — disse o Gouveia com nojo veemente. O Capataz Geral estava visivelmente alterado por aquilo que descobrira

Debaixo das botas do Tenente já estava jogado no chão e algemado o Coroné. Viam-se os adornos reluzentes das grossas algemas que esperaram por

ele durante todo o tempo da comilança. O alçapão viera a calhar! O descendente de poderosos estava nas mãos de um poder obscuro. Manietado e atado ao seu veículo de tração humana o velho impotente assistia à invasão de seu aposento secreto.

A cova escura ocupava toda a extensão do porão. Podia-se distinguir sob a luz baça que escoava por duas claraboias laterais um bem trabalhado tapete de brocado vermelho. Desenhada à mão destacava-se a efígie da Águia de Duas Cabeças. No centro da tapeçaria erguia-se um enorme forno alquímico — o atanaor dos árabes. Aceso durante todos os anos em que se trabalhava ali empregava na operação o tempo que lhe era necessário. Sobre o atanaor pousava a retorta com seu pescoço de cisne. Em suas circunvoluções deixava escorrer o substrato que ia deitar-se numa cabaça de abóbora d'água improvisada.

Jaziam sob as entradas de luz estantes apinhadas de livros e instrumentos de laboratório. Numa mesinha ao lado do alambique o *Mutus Liber* numa encadernação exuberante. Na ala do fundo em contraste com tudo aquilo um cintilante atelier de pintura. Sobre seu cavalete um facho de luz delicada passava por uma rachadura entre as pedras do teto. Na parede oposta ao alçapão uma infinidade de quadros eróticos exibia a camponesa Zefa participando das mais variadas perversões que se possa imaginar. Quem a via coberta com aqueles andrajões cinzentos não imaginava o colorido das formas de seu colo. Zefa vivia agora para sempre naquelas telas. Podia orgulhar-se de ver seu corpo maltratado pelo trabalho. Era agora vingado pela perfeição de uma camada de gotículas de suor que o seu artista imprimia em cada obra.

Lágrimas em camadas vertiam de seus olhos quando sodomizada com requintes no auge da patifaria. Zefinha ninfa era roliça e adelgada. Era uma camponesa de seios à mostra e mãos delicadas apascentado um bode negro e lascivo. Sobre o busto nu Zefa era um *Dejeneur sur l'erbe* sem necessidade de cesta de piquenique.

— Não acredito! — gritou a Assistente Social Celina. —

Quem imaginava que esse traste velho tinha tanta imaginação diante de um xibiu! — Lamentou-se a puritana filha da viúva.

Ato contínuo Celina capotou de pernas para o ar. O Médico franziu o cenho com uma ponta de medo. Procurou o Delegado com os olhos e acenou impondo ordem. Branco e apático o policial civil não esboçou reação. Não tocaria naquele corpo enlouquecido por nada desse mundo. O Médico insistiu! Como os olhares não fossem suficientes precisou fazer uso de sua voz de comando: “Contenham a Assistente Social!”. Sem outro remédio o Delegado cutucou o Escrivão. Não tendo jeito de descumprir ordens superiores Waldir Amarelo desferiu um sonoro tapa na cara da mocinha caída no chão. Ato contínuo sua mão começou a agir por vontade própria. Trejeitos efeminados surgiam em gestos que o Escrivão lutava para dissimular: “Meu braço não me obedece Doutor!” O Delegado desferiu um violento soco no queixo do Amarelo Escrivão que caiu no chão. Assustado começou a chorar num tom de boneca de porcelana: “Titia ele me bateu! Aquele monstro! Aquele monstro Titia!”. O Delegado contaminado pelo próprio soco que desferira começou a vomitar todo o porco que devorara no festim do Coronel.

Súbito um vento gelado atravessou as paredes. A lufada de ar desfolhava e arrancava páginas inteiras dos alfarrábios alquímicos. A aragem atingiu o Delegado revestindo seu rosto com luz verde limão. — A síndrome dos alquimistas! — gritou o Médico alarmado. — Envenenamento por mercúrio. — Abaixou-se e ao tocar no corpo do Delegado tomou uma descarga que o jogou num dos cantos do porão. O Tenente quase instintivamente meteu a mão no coldre sacou a pistola e fez fogo três vezes. Com o impacto uma bala deslocou uma trave atingindo-o na cabeça.

Na sala de cima ouviu-se a rascante risada do Coronel. Uma vez sozinho se utilizara de um velho truque circense e se livrara das algemas. Agenor girou a cadeira de rodas até a entrada do alçapão. Dali assistia embevecido a submissão das leis dos homens às forças imponderáveis dos seus seres

obscuros. Ato contínuo dirigiu-se à varanda para avisar os homens do Choque da gravidade do incidente ocorrido.

No fundo do porão os homens da Comissão tiravam a sorte para decidir quem seria o primeiro a possuir a Celeste Cabaço. A putinha já estava com a blusa aberta uma perna apoiada no banco das alquimias e um baita de um peitão rosado para fora do seu califon vermelho. Anos mais tarde o Coronel contaria cheio de orgulho que de fato a funcionária pública naquele momento foi encontrada completamente nua e a pleno vapor. Ao contrário do que os homens da Comissão tentaram fazer crer às autoridades o cenário onde tudo ocorrera fora apenas um porão vazio. Úmido e sem qualquer apelo romântico. Quando o Médico e seus subordinados falaram em seus depoimentos sobre pintura eróticas e instrumental alquímico foram tratados eles sim como loucos por embriaguez.

Mais uma vez o Coronel Agenor Ferreira Furtado de Freitas provara que seus poderes sobre aqueles longes não tinham limites.

Laurita ajeitou a panela avermelhada pelo fogo. Com a mão dura usando para se proteger um pano surrado equilibrou a pesada cacimba de ferro. O vasilhame acumulara a água do poço e borbulhava. O fogão era de boa qualidade as achas crepitavam como crianças aos gritos. Saiu para buscar a franga nova alimentada com ração dobrada. Logo voltou o peso agarrado pelos pés. A ave cantava seu mote último — lúgubre e fúnebre — gritava a singela sabedora do que ia acontecer.

O sol vai nascer pra mais tarde. Laurita de carnes fartas fala sozinha torcendo as roupas no escuro da grotta. Êgua clara urinando contra a lua a água ilumina os pelos crespos as pernas brancas esquatejadas ajudando no esforço. Por cima do telhado miserável a fumaça desprendida das achas crepita no salgueiro. No fogão primitivo as labaredas dominam o ambiente estúpido do cômodo. A calíça fina desce do teto e acumula-se nos lábios brancos

da criança que dorme guardada num caixote debaixo da mesa. A mesma mesa onde jaz a galinha morta. O berço de vime rústico fica vazio num canto da cozinha. Debaixo do vão aberto nas tábuas cor de leite da mesa as pernas de Laurita embalam o improvisado cocho da criança. As ramagens acinzentadas da árvore morta que Laurita amassa com as mãos e joga no fogo desmontam o alinhamento das cortinas de sacaria branca sem imagens. Pespontadas pelos furos do tecido remendado os panos balançam ao sabor da fumaça. Numa onda suave piscando os olhos pequenos de gansa marcados em cima e embaixo por linhas negras de cílios ásperos Laurita interrompeu a dilaceração da ave. Limpando uma na outra as mãos frias como os tentáculos de um inseto lento. Compassiva debruçou-se sobre a menina dormente e rabiscou com o olhar em riste todo o interior do rancho. Tosse tosse tosse! Enquanto volta a despedaçar a galinha Laurita tenta empurrar esse silêncio para longe. Se esforça para escutar como se ouvisse alguém quem chorasse. Adivinha o cheiro de vísceras e reses afogadas naquela tosse da menina. Uma rola cor de figo pousada no umbral encardido da janela como um cachorro sombrio veio para olhar a menina e arrulhou três vezes. Laurita viu o pássaro do destino da filha naquela ave que reinava e ia-se para sempre. Sentiu o asco das entranhas da galinha lambuzando suas mãos de terra e sangue Percebeu-se entretida pela semelhança da sua pele com a crosta enrugada no pescoço da franga. Voltou novamente os olhos preocupados para o rosto de menina morta. Ela ainda estava viva. As únicas partes visíveis daquele rosto exibiam as bochechas vermelhas. Envolta em um espesso xale de papel crepom cor de mostarda Elvira respirava com os lábios sem lamentos.

O limoeiro cravo ressecado emoldura sua figura resalta como brinco exagerado ao redor do rosto as esferas ocre e escuras. Dali sobe um perfume bruto de pedras velhas de gosto acre. Outros bulbos mais foscos repetem a madrugada da vegetação: o mamoeiro repleto de pássaros em chamas. Seus grandes seios nauseantes amarelados e flácidos

sustentam os sangues-de-boi se sobrepondo ao negro dos melros mixando suas plumagens. Chafurdam nervosos naqueles âmagos de seivas e cremes. Laurita assiste embasbacada o banquete e se encanta com a pintura dos tiês. Diante das árvores frias três equinos flutuam embrulhados sobre a grama. Deslocam as orelhas felpudas como peixes na neblina que a luz arranca do calor do pasto. Suas caudas são uníssonas denunciando a linhagem familiar: tendem todas para o louro. Clareando um pouco a paisagem Laurita tem os sentidos aguçados. Sua atenção se desloca do olfato e do esterco espalhado por todo o quintal para o que os seus olhos veem. São os sinais daquele dia que sempre voltam.

Como não lhe custaram caro todas aquelas manhãs sucessivas. Toda aquela pestilência grudada na pele voltava a ser farejada! Turbantes negros de nuvens cinzas o odor das romãs os verdes cansados. A pouca luz confundia as folhas secas e as saias rasgadas. No entanto essa mesma Laurita um dia fora vaidosa e avantajada de busto. Sem excessos tresandava aos jasmims dos crepúsculos. Todo aquele cheiro no ar ao cair da noite vinha dela. Os acentos árabes que ela fazia entender ao passar debaixo do ipê do quintal. Agora cheirava um ranço estranho e pouco banho por culpa do maldito perfume licoroso que o marido comprava do prestamista do Sul.

Enjoava fácil às vezes e às tardes aos vômitos a mesma fragrante e olorosa Laurita se exauria no sabão e na bacia velha emaciada cor de coalhada por artes e ofícios do fastio e da retribuição das poucas flores quase nenhuma que nunca recebia e da pouca comida que não comia o tempo todo o que lhe dava de sobra era apenas um pouco de gordura nas carnes que sempre teve e não perderia por nada desse mundo para arear as panelas pretas de ferro do fogão de fogo que lhe ardiam os olhos pela soda das roupas alvejadas depois enxaguadas torcidas as anáguas estendidas como pássaros mortos no quarto da barrela escaldante às vezes magra e ossuda às vezes cantante e branca regendo o espaço vazio entre as paredes com socos de punhadas fechadas desferidos contra o ar puro da madrugada ela punha para secar aquilo tudo embaralhado amarfanhado ainda pesado

de água todo dia depois de casar depois de quorar as camisolas limpas lisas de um lírio branco de um limbo fino de olhos puros de altar maldito o marfim de um contínuo liso até o meio-dia transparente quando o animal de carga andava parado de um lado para o outro cambaleante para trás e para frente sem sair do lugar sem estardalhaço um esfregaço nas saias levantadas de longas listras ziguezagueando pelos cômodos pelo terreiro pelo curral em desterro sem destino sem descanso no barro seco no saibro leve nos laivos do leite do homem nas pernas escorrendo emparedada sob os caibros grossos do telheiro do terreiro transportava os trastes os troncos os porcos os fardos de feno farto fresco ágil os amarrados de lenha revestida de camurça amarga e leitosa a pátina fria dos musgos finos oscilando no meio do dia rimavam com o balançar dos rabos de peixe das andorinhas imóveis nos feixes firmes pesados sobre os ombros com cantigas amenas de sinhãs donzelas que aliviam os pesos dos homens em seus ombros leves com antigos versos onde escondiam os olhos para não verem nem serem vistas nem se distraírem com os súbitos laranjas vivos e câquis amarelados entre as rochas e as achas se revezando e revelando no pó ao pé do fogão que a denunciava a quem estivesse por perto ai vai!

Desmanchava a tralha no chão num estardalhaço de estilhaços num pequeno incêndio rápido com a mão ágil de mulher astuta tudo aceso e descansava deixando o homem velho exausto sem ar no terreiro das mangueiras descascava os imenso inhames brancos brabos róseos para a ceia do leitão de natal que se tornava a cada dia mais branco mais róseo mais alimentado remarcava a rês remoía a cana remordia o gozo que o homem não lhe dava e só lhe cabia debulhar o milho torrar o café estocar o fubá esboçar um sonho e lembra-se das coisas todas das dores todas nas costas nas ancas duras regurgitando saudades desde o primeiro noivado Laurita esperava sentir saudades mas era apenas o sol que vinha novamente para reabastecer seu corpo com mingau para do mesmo jeito descascar aquele dia como antes que se fosse morta de sono novamente quase junto à noite nascer antes do dia e caminhar até o poço à

roça ao fosso colher água que a terra tosse forte fria e dava de graça de boa vontade carregá-la até à tina à pia à fossa junto com os novos excrementos frescos ainda vivos daquela manhã fedida se despedindo da vida a cada dia esquecendo-se de si como um lagarto frio ao sol esperando para mergulhar na toca da pedra aberta e ter seu calor absorvido nela de uma vez para sempre se livrando de todos os movimentos surdos que fazia não fossem nesse momento todas as horas mortas de fadiga e alegria e de medo de ser descoberta nos braços de Zukko entre a sebe a terra e a hera manchada de figos frescos que o caipira brabo de olhos tortos lhe trazia o caolho o pestana branca atravessava todos os seus dias carregando a cruz de um corpo que entrava e saía de novo de sua toca como um lagarto quente esperando a lua que ainda lhe inchasse os seios tardios e grandes e enchesse seus sonhos de noites mal dormidas: com Zukko!

Barro é melhor que bosta. Grudento desse jeito foi praga de alguém. Feitiçaria! Melhor o batebem do esguicho da teta no balde o mel do cupim a furta-cor do galo índio. Pena solta preparar a charrete cocoricór no meu ouvido. Coragem para uivar e viver de dor de dormir debaixo de Tiãozito. Noites de amarelo magro e medo. Domingos de breganha fumaças de cisco o cheiro do porco na banha da lata. Conversas longas enquanto eles trocam. Olho escondido com aquele moço bonito que trouxe a cabra. Miudinho e encantado com sua gaitinha mal soprada faltando nota e dente. E os zói nas minhas coxa. Ah! Tião Zito Zê cê nunca vê nada na tua muié! Maluquice de casamento de homem sempre dormindo. As galinhas no Domingo bem passadinhas quer que eu faça? Ah! meus frangões temperados com cebolas inteiras. Farofas íntimas meladas de azeites as batatas fartas da venda da vila. Fritas fumegando franzidas. As alegrias dos cabelos de feno do potro do Zukko! Deitamos ambos no limbo da várzea doce onde as abelhas melam e as macelas brancam. Os meus guizos de cetim sob os teus ombros de giz. Peitinho marelo na tua boca indo e voltando — um marmelo. Toda molhada de mim sussurrando raivosa. Sussuro grosso: tua puta! A

buceta de onça nos teus olhos negros. Me vendo com fome de dizer besteira. Pede! Aquelas ânsias que vão e vem. E ele falava de novo. A boca inchada leitosa com cheiro de rum de jasmim. Debaixo da árvore de louça o mesmo pensamento de mulher pedindo. Manacá uma perna enganchada no galho e a outra mergulhada no inferno. Eu pedia.

Corpulenta por força da lida Laurita entrou pela porta cozinha. Jogou a galinha destroncada no chão perto do vazadouro de água onde pisou com força as suas asas. Notou sem gosto as unhas crescidas do espatulado pé esquerdo descalço. Já iam comidas pelos fungos das valas do chiqueiro e pelos bichos de pé que passeavam por tudo aquilo. Alcançou num impulso a lança presa em cima do fogão. Tomou a lâmina com firmeza na mão e com ela deu três pancadinhas no pescoço da franga. Arrancou um pequeno tufo na penumbra da penugem clara e assoprou forte tudo aquilo para longe dela. Mais três pancadinhas secas no clarão aberto na cerviz da ave. E num movimento seco e brusco antecipou o final. Um jorro viçoso se esparramou dentro do coité esperando ao lado dos pés. Os grandes olhos da mulher encararam a cara feia da ave que agonizava. Esperava que a membrana fosca despedisse o olhar da galinha. Laurita experimentava um prazer obscuro ao passar o gume branco da faca no pescoço da franga. Sentia-se mais leve cada vez que via correr o sangue contra a cuia que o aguardava. Os afrouxamentos do corpo os estertores e estava feito. Laurita também relaxava. Dobrado como uma mangueira de água velha do quintal o pescoço flácido da ave tremelicava e esguichava o que ainda lhe restava de vida.

O macho dormitava de barriga para cima. Surgiam seus pesados pelos prateados pelos furos de tiros falhados na camisa parda. Adivinhavam-se os exageros da sua carne engordada. Fracos fios de barba deixavam escorrer um ranho de baba grossa. A pobre fronha de chitão desbotado delineava um rio contínuo e sem curvas. A roupa de trabalho fedia a ranço de curral que ele não tirava nunca. Dormia sem banho sarnento atravessando como um marinheiro esmolambado e bêbado o sono no convés.

Balançando entre um dia e outro dormindo grunhiu algumas coisas. Virou sem se jogar para o outro lado puxando o travesseiro para o meio das coxas. Esticava a perna chutando o cachorro que lhe abocanhava o sonho. A Laurita abandonou na beirada da tigela o pescoço da ave abatida. Ajeitou sua crista lá dentro equilibrando como pode as duas partes de seu corpo fraturado. O sangue virava molho e a terra virava erva. Passou as costas das mãos sobre a saia amolando os dedos para passar no pescoço do homem que dormia. Desviou os olhos daquela cena nojenta de um homem dormindo. Esticando o braço alcançou o bule de café. O metal esmaltado fumegava na trempe. Depois de desprender do gancho uma caneca encheu-a da bebida quente. Estendeu o braço surrado em direção à cama. Sem olhar para o corpo que se contorcia disse: — Hum! — Ainda lutando com o travesseiro o homem tateou. Adivinhava onde Laurita estendia a caneca. — Levanta! Vai sujar a merda da cama toda! Depois eu que tenho que limpar. — Liberta da obrigação de ter que adoçar com o corpo o amanhecer daquele nojento Laurita despejou do pescoço da galinha dentro do coité as últimas oferendas de sangue. Com uma mão o velho arrancou o travesseiro das pernas e o colocou debaixo da nuca. Num gesto arrastado apoiou a cabeça contra o espaldar da cama. Com a outra mão equilibrava a caneca diante da boca. Soprava lentamente enchendo o quarto de uma fumaça doce e pagã. Fincou os pés no meio do colchão e lutou com a cama tentando encaixar a cabeçorra para cima do espaldar. Aproximou a caneca da boca e antes de levá-la aos lábios abriu finalmente os olhos: duas grandes olheiras negras de cachorro velho. Grunhiu novamente: — Deixa esfriar... — Não posso me mexer agora! — Laurita disse. Fechando novamente os olhos o homem exibiu as bochechas flácidas manchadas pela barba sem fazer. Esticou mais ainda os olhos para fora da janela e os contraiu: — Meda de garoa! Nunca que para! — Pra quem fica na cama até às sete tanto faz que se chova ou que se pegue a fazer sol! — Laurita disse com desprezo sem se importar se seria ouvida ou não.

A mulher arrancava com raiva a pelagem fumegante

da franga. Depois a soltava na lata improvisada ao lado do fogão. Com um sacolejo brusco mergulhou a franga na água fervendo. — Só tenho serviço segunda feira. Esse fim de semana fico em casa pro mode dajudá vosmicezinha. — mentiu o homem. Bochechou com o café para tirar a gosma. — “Grandes merda a tua ajuda” Laurita pensou. Os resíduos da penugem no animal cor de terra se desmanchavam dentro da panela escaldante. Laurita ia enchendo com aquela massa o velho depósito. Depois que as penas desapareceram Laurita tirou a panela do fogo. Pegou o animal pelo pés e pelo pescoço e chamoscou ali mesmo o que sobrava agarrado no couro arrepiado. Deitando a franga gorda sobre uma tábua escura a mulher com golpes rápidos decepou-lhe as garras arremessando-as pela janela. Ouviu o ruído ríspido do massacrar dos ossos crocitando. — Vou tomar meu banho — disse o homem levantando-se — De pé jogou a caneca sobre a mesa e tentava encontrar o chinelo velho. Reclamando da neblina no pasto negro entrou no banheiro. Laurita ouviu o ruído cricrilante da urina no fundo imundo da fossa. A água gelada caindo da mangueira presa nos caibros do teto anteciparam os gritos. O frio arrancava da garganta do homem um sopro fino. — Diabo de Julho que só entra a esfriá! — Falou mais alto para impressionar Laurita. — Pegando o pasto do João da Neia pra roçá mando botar uma serpentina nessa merda. Tô injuado de tomar banho gelado feito capivara. — Laurita riu em silêncio descrente e enfiou a faca com ódio na virilha da galinha. Começava a trinchá-la. Enquanto rasgava cantava repetindo o refrão:

Óia só seu moço

O que se deu pra lá

Das Minas das Gerais.

Entre as roças

De feijão guanduuu

Depois de beijar uns tais.

Aquela moça da quirina russa

Quem diria!

Tá mojaaanduuu...

Tá mojaaanduuu...

Tá mojaaanduuu...

Mojandú

Viuvinha nova saliente e bem servida de carnes Laurita passou a fazer parte das preocupações da mãe. Vasculhando a memória lembrou-se de um compadre que tinha umas vaquinhas de leite em Cataguases. Nem pobre nem rico era um tipo honesto. Cartas trocadas o velho falava alto. Canivete no lugar da cartucheira chapelão branco embebido em lavanda o matuto tinha um ranchinho simples mas um rancho honesto. Passava os dias batendo o pasto cortando o trato rapando curral e tirava um leitinho pra despesa. Ainda dava pra vender um golinho pra compra o querosene da lamparina. Então não era rico mas quem sabe fazia gosto na menina. Mas se ela aceitasse esse velho cocho como seu marido! Um pequeno aleijão de nascença repuxava a perna esquerda do cabra. Capaz! Lorita não pensou duas vezes nunca tinha visto uma vaca na vida. Mãe e filha pegaram um trem na semana seguinte e foram parar em Cataguases. Casados num certo cartório comeram galinha com quiabo e juntaram os panos numa missa simples. Missa de primo padre na casa da irmã do noivo. Tudo aconteceu muito rápido mas a mãe de Laurita ainda teve tempo de perceber que o noivo era um pouco baixo para a largura dos ombros. Esperava que a desigualdade não atingisse seus futuros netos.

Já de noitinha rumaram em direção ao pedaço de terra onde Zé Tião dizque mourejava com as vacas. No começo da vereda ao caminhar pela picada de terra o velho revelava-se mais manco por ter o dedão arrancado pelo de uma vaca. Laurita então assumiu seu lar. À noite esquentava a cama. Um velho mas um touro. Três meses depois engravidou dos gêmeos. — O estéril era o falecido Orfeu — não te disse minha filha! — Apesar de todos os cuidados só Elvira sobreviveu. A avó assustada com a morte de seu neto encomendou no armarinho da cidade amarrados de papel crepom macio. Os artesanatos da avó

encheram os olhos de Laurita e a deixavam feliz quando dava de cara com a filha. Aquela decoração corporal lembrava-lhe a estampa de um palhacinho o que a fazia amar ainda mais Elvira. No entanto caía dia e noite sobre a criança a calça fumegante do fogão. Obrigada a manter-se envolvida naquele figurino de cores variadas Elvira fedia à fuligem e à linguiça defumada. O hálito da madeira branca exalado pelo fogo ressecava os lábios abertos da criança.

Na falta de capim as rês escorria para as beira dos bréus. Buscava as praia de pouca água dos barranquinho. O homem reclamara com Laurita: era o pior tempo da estação para qualquer gado. Zé Tião partiu bem cedo nessa situação. Ia veiáco se prevenia dos atolamentos. Já já encontrou o que procurava: a rês adiantada. Chegadinha a produzir estava enfiada no juncal pesado. A água bordando seu corpo todo em volta da barriga. Envolvida até o bucho por aquela cipoada brava era impedida de seus movimentos. Abafava uns mugidinhos frouxos canção de socorro e misericórdia. Depois de tantos esforços para livrá-la do pântano o homem voltou ao curral para buscar ajuda. Com uma corda e a mula de carga na volta passou a dita aquela que trouxe bem por debaixo dos sovacos da vaca. Amarrou a outra ponta na cangalha da mula. Esperando parada em hora de serviço no seco olhava tudo com calma. Depois de várias tentativas Tião Zito resolveu amarrar também os chifres. Para além de tudo num derradeiro esforço – o sangue congela com o frio – meteu-se ele também numa espécie de arreio. O animal de tração o homem a corda e a mula eram agora uma roda a fiar. Começaram a puxar. Então a novilha aproveitou fez firmeza de apoio do casco num lugarzinho mais bão. E deu um salto sobressaltado sobre Zé Tião Zito inteiro.

De um chofre o desequilíbrio jogava ele no charco. Por todo o lodo do bréu com a barriga pra baixo Tião Zito caçou a morte com as próprias mãos. Tá lá as marca até hoje é só ir lá olhar! A vaca caiu por cima da perna ruim dele. Ressuscitada pisou tudo. Homem mula fundo e chão a vaca agora era roda a fiar. Na ânsia da morte puxou mais forte os laços da

canga no pescoço do Zé. Sinhá? Se findava o noivo. Sem espécie alguma de volta entre as cordas boas que o prendiam. Um mergulho no borco do lodo do brêu afundando afundando e a respiração sem vida. A mulinha cinzazinha fumaça com aquela fita bonita descendo do corpanzil. Liberta por si mesma da canga voltava cabisbaixa sem receber o milho de todo dia. Laurita correu dando alarme de morte. Zé já tava gelado há muito tempo respirando lama.

A cor avinagrada do tecido dos almofadões e da colcha de tafetá imitando fogo selvagem os restos das roupas íntimas enrodilhadas sobre a cama de laca vermelha coberta com a impecável pincelada de um lençol creme entre as pernas eram a paisagem perfeita para o desejável e avantajado corpo branco da mulher de meia idade. Sua carne estava coberta apenas pelas meias cor de café com ligas azuis de seda que o amante pedira que ela mantivesse por mais alguns momentos. A fêmea madura desdenhava o hábito pudico das noivas e se entregava para ser penetrada. Os dois berloques de brilhantes baratos balançavam aos solavancos nas suas orelhas ajaezadas grandes e abanadas. Os ninhos de fios de ovos dos cabelos se insinuavam em cacheados rápidos. Soltos emolduravam a testa redonda e fugidia suarenta em pequenas pérolas claras. Às vezes crispava-se numa dor rápida que esquecia e se deleitava. O movimento lhe transmitia um distraído ar de ingenuidade de menina perdida. Agora mais pesada descansava atarefada o rosto de lado no travesseiro que agarrava com as duas mãos se acolchoando docemente para amortecer os impactos do homem dentro dela. Seus cachos consoantes oscilavam num ruído inaudível de vai e vem de brincos de madrepérolas se remexendo de maquiagem ruiva dissonante. A malacacheta opaca refletindo sobre o rosto ovalado e oriental cada vez mais transmitia o transtorno do prazer e da dor. As sobranceiras forçadamente inclinadas exageravam a tintura do lápis e compartilhavam a luz bordada do abajur. Contra os arabescos do papel das paredes as

luzes baratas do quarto do motel imprimiam em seus fortes braços e na sua pele desgastada pequenos veios de mármore. Enquanto seu sangue se esforçava em todas as direções o corpo disponível para a dor fazia surgir em pequenos bocados o prazer dentro dela.

Escureceram as luzes na janela do cruzamento entre as avenidas litorâneas. Vazias e noturnas sempre chuvosas e à beira mar as luzes dos postes refulgiam o alabastro cinzento da lua sobre a cama. Ajeitou os cabelos nua por dentro olhando estrepitosa a maré alta que rebentava entre os véus da cortina um pouco aberta do motel. Rosa e veludo vermelho quebrava na fresta da janela escondida metade mulher. Com seu tecido balançando reparou ao sentir frio sua grande anca arrepiada e um pouco vermelha pela punição que o homem acabava de lhe infligir. Anca que começava a ficar redonda demais sem aquelas curvas de que costumava se orgulhar. Que era o que mais gostava no seu corpo. Fora os seios cheios mesmo que desiguais. Desviando os olhos de si chamou a atenção do homem impassível que a contemplava para a ressaca que lavava lá fora. Esticou o queixo apontando a cena e esperou pelo próximo explosivo que chegaria na arrebentação. E distraiu-se consigo mesma.

Surpreendeu-se com o grito que acompanhava a onda como estilhaços num único estrondo de música. Agressiva solitária nervosa ela constatou que a voz vinha de um escuro carro de polícia. Revelada pelas lanternas do furgão que se afastava Laurita viu com os olhos entreaberto as trevas que recobrem o mar. Apoiada num único pé imóvel nos juncos do tapete fechou com força a vidraça que lhe esfriava o corpo. E percebeu com desgosto novamente sua idade chegando. Amuava-se em si mesma também totalmente alheia ao palco do teatro obscuro onde deveria representar o seu papel de mártir alimento e vítima. Seus pensamentos agora eram uma segunda pele. Além de todas as outras que já se acumulavam sobre seu corpo. Era feita de tantas cascas ocultando uma alma de cera! Folhas que revestem o corpo e cobrem pesadamente as carnes surradas pelo mistério dos sonhos. Uma onda mais forte empurrou

o mar até a calçada. Nuvens de escândalos retiravam o ar de sua respiração. Um pensamento alado como uma mosca varejeira suja trazido pela maresia invadiu a janela desencaixada do caixilho do quarto do motel e horrorizou seu corpo. Atravessou o silêncio a rachadura fina de um momento inadequado entre dois gozos perversos e alguma coisa dentro dela tudo aquilo o quarto o homem a remoía. No instante o que lhe era mais precioso já não lhe servia de nada. Um rápido breve sorver de ar mais forte se tornou pesado e quente: percebeu que estava destinada a desaparecer. Agora desmontada daquelas poses picantes que a deixavam cansada. Em silêncio e sozinha ao lado do homem anônimo. Cega e ambígua o movediço sem nexos dos dias a levava. Via que não podia ser outra senão a sua única carne crua malvada e sem sentido. Como um pavio que se cansa e queima se desgastava e se tornaria em breve uma infeliz fumarada lançada depois que a vela se apaga. O corpo roliço engordando às semanas. Doces gorduras empanadas a presença dolorida do amante dentro dela que lhe retornavam e repetiam o prazer falso da dor que aprendera com a vida. O próprio ócio o tédio tudo aquilo era o ódio que conhecia dentro de si ou o nada agindo através dela. Aquele prédio que frequentava com assiduidade era o trem fantasma de um parque de diversões imitando um palácio assírio para o qual se pagava ingresso. Ia e voltava ali em um entra e sai eterno só para encontrar-se com seus próprios horrores. Em breve seria um canhão e teria que pagar o dobro ou o triplo se quisesse conseguir alguém que a suportasse nua. Notou que pelo menos estavam de acordo com tudo aquilo suas unhas pintadas de escarlata.

O amante sentado em silêncio fumava pacientemente. Observava Laurita sem entender nada do que estava acontecendo com aquela mulher maluca indecifrável para ele. A mesma mulher que até alguns instantes atrás se entregava na cama obstinadamente e com profundo desprezo por si mesma. Quase congelados pelo ar-condicionado potente os corpos se tornavam frios apesar da recompensa dos desejos que esperavam encontrar ali dentro. O de Laurita depois de tudo mais gélido

ainda. A garrafa de gim barato na mesinha de cabeceira também recebia o frio. As duas rodela de limão descansam no fundo esquecidas entre as sobras do gelo descabeladas lembrando que dois humanos beberam ali e as valorizaram em seus anseios. Agora eram relegadas a pobres papeis de bonecos mortos que se olham.

Duas maçãs do amor permanecem ainda intactas perenes em seus invólucros de papel cristal sobre a bandeja da bebida. O brilho do açúcar e da anilina vermelha que confirmam a sua mentira começa a se ofuscar. A guloseima simbólica ia derretendo com a umidade dos copos e da ventilação. Por conta do nauseante cheiro de mofo do muquifo de decoração extravagante o resfriamento era forçado ao máximo pelos amantes sinistros. O vidro de um dos copos ainda exhibe os restos rasgados de uma das rodela de limão desfigurada por conta da avidez e dos dentes de um dos humanos que bebeu o gim até o fim. Certamente era o copo de Laurita. O rapaz magro e feio certamente vindo de uma família de classe média baixa destruída quase não tocara na bebida. Sabia que seu emprego era temporário e perigoso e precisava manter o juízo no lugar. Num ímpeto irracional a mulher fez questão de sugar todo o líquido do copo e o azedo do cítrico gelado antes de dirigir-se novamente para o amante. Agora o cadáver da fruta se transforma em duro artefato de matéria opaca. Em sua casca enferrujada surgem frias manchas cor de fumo apagado. E ao se tornarem escuras fazem brotar meios tons mornos contrastando com os pedaços ainda intactos do revestimento original. Uma natureza morta nauseante quase inseparável da mesa de cabeceira ao lado da cama e do tapete turquesa que se estende em pequenas ondas por um pântano de massas felpudas. Massas que vão se amortecendo desde a cama em direção ao rodapé de cerâmica vermelha da parede cheia de bolor amarelo do fundo do cômodo. Uma maré salobra fugindo da praia pela janela mal fechada atinge o quarto entorpecendo o corpo da mulher sentada em silêncio sobre a cama. Com os pelos do corpo eriçados pelo ar-condicionado forte suavizado com o lençol passado pelo meio das pernas

arrancou de dentro da bolsa acomodada no colo o estojo de prata e tirou lá de dentro um cigarro. Segurando o isqueiro sem olhar para o amante acendeu o tabaco num gesto estudado. Soprou a fumaça para o alto e para longe. Para o mais longe dali que pudesse. Ganhava tempo e precisava sentir-se forte e madura.

Eu já tinha lá meus quinze anos entendeu? Foi nos meus quinze anos a minha mãe não sabia entendeu? Eu fui escondida. É. A Jaque? A Jaque era filha da costureira da mãe. Mais velha que eu. Tinha um amigo lá que tinha um barco no Charque do Sul. Era do outro lado da rua do Charque do Norte que era a nossa rua entendeu? Era tudo perto. Jaqueline ia lá sempre tinha me dito tudo sobre sexo me falou do barco. Eu falei pra mãe que a mãe dela tava com gota no pé. Que a Jaque tava cansada não tava nem conseguindo dormir direito de tanto serviço na casa. Eu já tinha ido lá ajudar a Jaque três vezes. A mãe sempre acreditava em mim. Mas o tempo virou e o barco não pode fazer a volta na Ilha. Mãe assustou com a demora. E demorei muito pra voltar pra casa. A mãe aproveitou foi na casa da Tia pegar a costura. Sempre pegava a roupa lá. Tava voltando da aula de artesanato quando não me viu. E foi lá. A tia não não era tia nada era modo de falar de tanto conhecer. Entendeu? A costureira a mãe da Jaque entregou tudo. Cantou pra Mãe que a Jaque tinha ido fazer um passeio de barco na Ilha das Cabras. Até o fundo do mar lá longe. Naquela ilha onde as bichas brancas andam soltas sobre as pedras. A mãe da Jaque falou que a Jaque tinha ido fazer um serviço no bar. Mas que eu não ela não tinha visto. Nem desde ontem nem há uma semana. Não sabia mesmo. Mas a mãe sabia dos passeios. A mãe sempre conhecia tudo sobre essas putarias do mundo. E o que ela não ouvia ela adivinhava entendeu? A mãe foi calou. Disse nada não. Foi em casa levá a saia balão e voltou. Ficou sentada na pedra do portinho com a dois canos do Vô esperando passar o vento por ali. E o amigo do Urko da Guarda Costeira. Isso ele que ganhava dinheiro pra liberar os passeios com as menores e a muamba. Ele avisou pelo rádio pro Urko que a mãe ia matar

ele. Desembarquemo numa prainha do outro lado do porto. E eu vim como quem vinha da casa do outra tia da Jaque. A Sinhá Elena bordadeira da mãe lá na praia do Meio. Como quem vinha de lá. Mas a mãe não abriu a boa em silêncio estava em silêncio ficou. Mas tava branca que nem defunto e um fel. Falei que a gente tinha ido lá arrumar um porco na Sinhá Elena. O tio Quim sempre matava de madrugada. Tinha porco nada. A Mãe sabia. Mas como quem não sabia de nada me levou pra casa quieta. Mas eu sabia que ela sabia. Ela só andava com a dois canos na bandoleira quando tinha alguma coisa de muito séria pra resolver. A mãe sabia que a Jaque ganhava dinheiro no barco. Não tinha nada com isso a mãe. Porque a Jaque arrumava um dinheirinho pra ajudar em casa e nunca deu problema. O que ela fazia lá no barco era problema dela. Sabia. A mãe sabia mas já disse pra senhora. A tia com gota quase não costurava mais. Tocá máquina com pé cansa muito. Um dinheirinho entendeu? A mãe sempre foi realista com o mundo. Mas o farmacêutico disse que a gota da tia era por causa do susto de ficar sem marido de uma hora pra outra. Foi quando aquele vento matou ele afogado por causa de ter jogado o barco contra as pedras depois que virou. Foi. Não sei. Sim depois que o pai morreu. A Jaque começou a fazer faxina pro Urko na casa dele. Na casa. O Urko chamou ela pra servir bebida no bar do barco. Logo logo. Mas não era bar nada servir era com o corpo. Putaria da grossa a senhora entendeu? Era! Era! Era com os convidados do passeio. Eu não. Não senhora. Não! Nunca cobreí nada. Não não senhora. Nem lá nem depois. Não. Ó a senhora acredite se quiser. Por quê? Só porque o meu corpo me pedia muito. Só de fazer aquilo eu já tava paga.

— Brigada. Tava com sede. Então! A Mãe ia calada o tempo todo do caminho da casa. Não gostava da mãe calada. Ela ficava no rumo errado perigosa. Andou pelo cais armada com a doze desde o caminho de casa lá na vargem. A Mãe tinha uma salininha a senhora já deve ter ouvido falar. Estrela do Sal. Nem grande nem pequena a senhora sabe. É sim dessas muitas poucas miúdas que tem por aí. Nós morava lá naquela época. Coisa dos parentes velhos lá dela que

tinha deixado pra ela. Caindo aos pedaços a casa e cheia de dívida. Mas dava pra produzir um salzinho pra despesa. O Vô vivia na cadeira de rodas fazendo planos de que só ele sabia como resolver. O aleijado não fazia nada pra ninguém vivia enfiado no porão nós que labutava no sal. Ele se dizia meu pai. Meu pai mesmo o marido da minha mãe morreu quando eu era pititinha. Pisão de rês. Mãe já tinha ficado viúva uma vez antes. Coitada nem casou de novo com o rapaz caolho que ela gostava.

Vou continuar. É que eu fico triste mãe viúva duas vezes! Mas então. Estranhei as janelas fechadas quando nós chegamos. A Mãe não fechava as janelas mais nunca. Entremo. Mãe me mandou tomar banho. Depois vem jantá Elvira! Eu fui. Fui voltei do banho e fui tirar a comida no fogão à lenha. A mãe tinha deixado pronta eu sempre tirava. Quando fiz o prato levantei a cabeça pra espiar um vento estranho. Mãe tava lá no alto do caibro da cozinha. Nas telhas vã minha mãe tava lá pendurada. Tava com os braços pra baixo espichada tudo duro. Balançando ainda com a saia de oito gomos novinha que ele tinha pegado na costureira. O vento baixinho estufava as pregas sim de amarelo sim amarelo não. Não não vermelho sim vermelho não. Isso o forro dela é que era amarelo. O forro de tafetá que a mãe tinha mandado a tia tinha botar quando ela cozeu a saia da Mãe. Novinha sem sujar nem pôr nem lavar ainda. Mania dela a mãe sempre fazia saia balão. Essa desse dia a mãe encomendou porque nós ia no circo. Ela queria ir bem bonita nos meus quinze anos. Nós ia levar o Zukko o rapaz que cuida dos nossos porcos.

Mas não. Não fomo nada! Olhei aquilo e vi tudo por um par de segundos. Um por um segundo devagar mesmo. Não acabava mais de passar e eu sentei pra descansar. Na mesma cadeira que ela subiu debaixo de onde ela estava quando pulou eu sentei. Parecia que eu não ia mais me levantar dali. Prá mais nunca. Ia viver sentada ali para sempre meu Deus! Daí foi. Foi daí que eu me levantei sozinha entendeu? Pra quê? Ôxe pra quê dona?! Fui chamar os vizinho pra tirar a minha mãe de lá doutora. Ou a senhora queria que deixasse a Mãe lá pra sempre?

Potente o saveiro se desloca contra o velocino dourado do mar. Corta a baía com delicadeza as velas no gozo da espuma branca contra seu sopro sólido. O vento nas cordas do velame dá ao brigue a firmeza que daquelas embarcações bem construídas. Logo os passageiros atravessarão os rochedos recobertos de gaivotas e albatrozes separando do mar alto a calma enseada. Naquele dia impecável intensos azuis entusiasma a pequena multidão. Todos se divertem no convés de madeira e nos assoalhos bem tratados. Na base dos mastros as vigas penetram profundo no casco. São adornadas por imagens de mulheres que as suportam nuas de seios e sexos opulentos. São florações da alma do barco que tudo deseja e tudo espera. Entalhes rebuscados de espigas viris acrescentam à decoração da amurada vazada de colunas a contraparte masculina que não poderia faltar para a intenção primordial da nave: o perigoso prazer entre homens e mulheres. No centro de tudo ergue-se a grande roda do timão presença do elemento patriarcal no comando da nau.

Apenas Jacqueline me acompanha mamãe confia nela. Se soubesse o quanto Jacqueline pode ser perigosa! Magra e carnuda ideal para uma mulher. Olhos orientais — o esquerdo levemente estrábico — fazem o convite. O babaca imagina palavras com açúcar palavras que ela nunca vai dizer. Então dá vontade de agarrá-la pelos braços e esbofeteá-la para que ela fixe os olhos em algum lugar. Aí ela fala com voz de boneca imitando gente — ela sempre faz isso e sempre dá certo. Se confessa com uma conversinha submissa arrepanhando o cabelo para cima da testa como uma menininha de colégio interno. Se você quiser eu também quero. Mas só se você quiser muito. Mas vai devagar tá porque eu tenho medo. Eu já ouvi isso de Jacqueline muitas vezes. Na hora o babaca é que fica com medo! Porque ela pula em cima dele como uma onça! Aquilo rosnado que sai da boca dela desperta ânsias em mim. Mas eu não. Eu só fiquei olhando ela deixa mas nunca tive coragem. Tenho inveja do grande poder de sedução que Jacqueline joga em tudo. Sem falar nada mesmo calada de olhos fechados.

Nos banhamos juntas a mamãe nunca soube. Ela me

explica as manobras e os lugares eu treino com ela para a hora em que tiver que fazer de verdade. Ela me diz que é quase igual mas completamente diferente. Eu que descubra sozinha porque ela não vai estar lá para me ensinar. Ela me deixa tocá-la. É um sabugo úmido e carnoso totalmente diferente dos homens ela jura. Me ensinou a beijar ela ali como os homens vão querer beijar em mim ela jura. Tem gosto de pia vazia mas eu gostei. Nunca deixei ela me beijar ali o nervosismo e o medo são muito grandes. Quando eu quisesse ela beija me disse uma coisa de cada vez. Eu já sou boazinha demais de beijar ela e deixar ela ir até o fim. Às vezes quando ela demora eu fico com o pescoço duro e quase perco a respiração. Mas quando ela consegue é um alívio para nós duas. E descansamos juntas abraçadas na água morna da banheira. Eu ganho sorvetes. A putinha depravada me paga por isso eu confesso. Mamãe nunca soube que Jaqueline me deixa tocá-la. E o que fazemos juntas mamãe nunca vai saber jamais. Nem morta.

Sons de rolhas macias espocadas na coberta da proa! Aquelas velas imaculadas do barco se refletem nos copos cristalinos. Champanhe! Açoitadas pela passagem do saveiro como pequenas nuvens brancas as aves dos borralhos de pedra se erguem num único movimento que circunda o céu. O estreito se derrama contra o mar aberto e centenas de gaivotas acotovelam-se como ilhas flutuantes por cima do saveiro. Contrastando com o decorado das bandeirolas festivas cavalgando os mastros enchem de alegria nossos olhos de marinheiros de primeira viagem. Personagens da lenda sobre a superfície do convés desfrutamos da alegria de poder balançar nossas pernas do lado de fora da colunata de madeira truncada. Contra o corpo o impacto dos pesados pedaços de mar é agradável surpresa para as peles assadas pelo sol. Jaqueline me serve uma taça de espumante. Seu dedinho mindinho arrebitado enfeita a borda da bebida. Dá ao vinho um sabor exótico quase de mistério. Somos um grupo animado de rapazes e moças conversamos sonoramente sobre todas as coisas — menos filhos — sob o toldo colorido. As bebidas e as tulipas dos baldes de gelo decoram e ornaram as iguarias. Camarões grandes canapés

miúdos cachalotes em postas quadradas vindo do mar do Japão. Todos são mais velhos do que eu. "Quem trouxe a filha maluca da Bruaca da Salina?" — alguém pergunta. Jaqueline se justifica com uma atitude caridosa — dizendo que eu precisava me divertir e estava deprimida. O assunto morre aí mas eu ainda ouço uma das meninas mais velhas cochichar alguma coisa. Fico com vergonha de estar entre eles.

Minha roupa de banho é antiquada e fora da moda. Um short usado e uma camiseta de malha por cima do sutiã de funil. Só tive coragem de tirar o vestido que joguei por cima porque Jaqueline me garantiu que ninguém ia reparar. Principalmente nas minhas pernas cheias de cabelos que eu nunca raspei! — "Junte-se a nós!" — escuto alguém gritar. O espumante é doce como nos sonhos e as bolhas se misturam com os relâmpagos da espuma que a maré levanta. Gaivotas mornas cortam o ar. Com a primeira taça eu já me sinto feliz e corajosa. Sou diferente mas sou ótima! Nunca bebi antes nunca vi de perto um homem com roupa de banho nunca beije na boca. Mas sou ótima! Só o que me chama a atenção um pouco é que tenho seios pequenos. Se alguém se der ao trabalho de reparar um deles o esquerdo é menor que o outro como os de mamãe. Prefiro ficar balançando as pernas entre a colunata da amurada pra não ter que ficar de frente pro crime. Posso ser acusada de ser aleijada e ser jogada aos tubarões.

— Junte-se a nós gritam de novo! — Vem! — Jaqueline acena dando com a mão. Seu gesto quente me desinibe. Estou acostumada com aquela mão. Camponesa burra e sem graça ouço alguém falar. Reparo que a voz vem de um golfinho macho que olha para o meio das minhas pernas. Vai ficar aí parada? — ele repete. Talvez salte contra mim. Eu vou. No centro da embarcação como no trono de um imperador o leme é comandado por um homem descomunal. Um grande besouro dourado de calças de sarja branca tronco de argila cosida. O peito nu lembra um belo bronze refletindo o sol. Na cena linda sob o céu azul seu corpo escultural está esquadrado ali sob o mastro principal. O imediato recebe ordens

adequando as velas com os olhos às mudanças do vento. Num relance displicente para se certificar do horizonte o comandante navega a luneta para o meu lado da nau. Percebo pela primeira vez as duas conchas que guardam os olhos verde-água de Urko o Turko. Arpoador de orcas assassino brutal já deixou estendidos dez corpos sem vida no chão imundo de uma taberna clandestina de famosa cafetina Asunción Mira Flores em Palma de Maiorca. Talvez pense em mim de noite e de dia mesmo sem nunca ter me conhecido assim é o destino.

Urko não precisou tirar os olhos do mar para vir numa lufada do vento em minha direção. Pousa sua mão engrossada pelas cordas sobre a minha mão de bailarina de caixa de música e escutamos o horizonte girar sua cançãozinha. Me sinto espremida até a alma por uma garra de gaivota macho. Sua pegada me transforma num rochedo. Enquanto ele se move numa volta de carinho amigável roçando pela minha pele escuto o ranger da minhas tripas sendo manuseadas com a habilidade de um velho marinheiro. O famoso abraço de boas-vindas à bordo. Me puxa contra seu peito cheio de orgulho nos pelos grisalhos de ovelhas velhas das ilhas gregas. Ali emaranhado repousa todo o mistério dos homens do mar. Imediatamente ele faz com eu me sinta vestida de bailarina: tchu-tchu romântico corpete azul os cabelos pintados de ruivo puro caído maravilhosamente lisos sobre os ombros. Quando dei por mim estava com as unhas crescidas pintadas de cor de abóbora usava um refulgente broche de amarilis frescos que ele me presenteava junto com o diadema de ouro branco com incrustações em brilhantes por bravura a bordo. Eu era a sua predileta! Eu era a sua noiva desde aquele dia em diante para o resto da vida. Eu era uma tonta pro resto da minha vida. Mas jamais o esqueceria.

O convés da embarcação de madeira clara de casco suave era sustentado debaixo daquelas sutilezas por um potente leque de cavernas simétricas. Pela força das grandes velas abertas deslizava na água. Os dois mastros vibravam contra a pressão do vento. No alto mar me lembrei de uma árvore de flores brancas que vejo da janela do meu quarto quando consigo acordar

de manhã. As duas velas triangulares surgem como pássaros oscilantes pousados prontos para mergulhar no abismo. Passeios marítimos de saveiro escuna e iate um barco à vela sempre ancorado na praia mais próxima de você. No convés superior serão servidos canapés e drinks. No porão profundo a animada equipe de festas no batidão constante. Paradas nas ilhas da costa para mergulho livre.

O barco joga cada vez mais à medida que nos afastamos da praia. Jaqueline me alertou que eu podia marear. Não quer uma cerveja? — Urko me oferece e sua mão forte me estende uma tulipa fervente de cristal plástico. A espuma de madrepérola branca explode nas ondas contra as madeiras do costado do barco. Não quero misturar o espumante com cerveja eu dou uma risadinha amarela e acrescento num miado para não ser ouvida por ninguém não estou acostumada a beber e eu sou de menor. E emburrei com uma vergonha que quase me joga aos tubarões. Aqui nesse barco todos nos misturamos com todos e somos velhos e crianças ao mesmo tempo Urko filosofa numa pose de comandante enquanto emborca um canecão de hidromel. A fumaça vertiginosa da *cannabis* a sota-vento ajuda a impulsionar o brigue. A boreste um grupo animado passa o cigarrão de boca em boca. Se destacando da tribo Jaqueline vem ondulado em minha direção: É uma especiaria o comandante planta no armário do porão. Trava destrava não solta senão não faz efeito. Urko tem o corpo de ilhas cercadas de músculos por todos os lados. Estende seu arquipélago atravessando o braço em volta da minha cintura. Não quer ouvir o batidão do funk no baile pesadão no fundo do conveszão? Levantei de um salto com o convite que eu esperava para fazer parte do mistério dos iniciados. Urko me elevou mais ainda no ar com a delicadeza que só dedicava às madeiras do timão. Descemos musicalmente as escadas que levam aos Infernos. Enquanto coreografávamos os degraus Urko deixou escapar um silvo longo e dois breves num tom casual que só encontramos nos filósofos marítimos. A tristeza abjeta que se apodera de mim quando penso e vejo todos aqueles seres amorfos e sem vida vestindo

roupas comuns vivendo vidas comuns morrendo mortes comuns sem tréguas nem trágicas nem dramáticas apenas vidas em branco passadas umas depois das outras. E continuou sussurrando sofismas e existencialismos nos meus ouvidos enquanto nos aprofundávamos no conhecimento para o fundo da nave.

Meu barco vai pela maravilha do mar. Na espinha da quilha a casquilha desliza como um caranguejo pelo espelho duro de sol. Quando desci para o primeiro porão da embarcação sustentada pelo braço vaidoso de Urko tive a rara oportunidade de contemplar uma cena digna dos palácios de Bizâncio: beatífica orgia onde ali todo mundo estava em todos os lugares de todo mundo ao mesmo tempo. Uvas vinhos cremes perfumes deslizavam derrapando sobre os corpos solícitos daqueles seres de um dia: efêmeras estátuas de templos em ruínas ninfas ninfetas ninfeias e matronas: centauros poetas arautos e sacanas uns contra os outros todos a favor de todos. À capela uma negra nua de ramos de videira nos cabelos em dourados e cheios celebrava com cânticos o ditirambo da barbárie no convés inferior. Percebendo que fui tomada por uma forte comoção mística e aceita pelos deuses Urko me faz descer para a próxima etapa. Mergulhamos para o segundo porão mais fundo. E daí por uma escadinha secreta para a pequeníssima despensa onde se amontoam latas de arenque da Sardenha garrafas de uísque clandestino de Chipre e sanctum sanctorum ânforas romanas de onde brotam espécimes saudáveis e viçosos da especialíssima cannabis índica. Eu vislumbrava todo o traiçoeiro Mediterrâneo naquele cômodo escuro.

— Posso começar? — Urko me perguntou de supetão.
— Que?! Ah sim eu disse! Sim claro Urko meu bem... Eu sou uma das suas orkas arpoe-me como você quiser. — E depois de uma pequena pausa: — Não quer convidar mais dois dos seus companheiros para lacrarmos o velho selo turco? Imediatamente respondendo a um assobio em linguagem criptografada surgiram das ondas dois outros Urkos. Todos mamelucos todos berberes todos turkos. E assim juntos os quatro combatemos pela primeira vez e demoradamente em pé e de quatro pela libertação

dos mouros de Veneza. E depois numa estratégia marítima militar que só Urko sabia comandar surpreendentemente invertemos a guerra vencendo no último cerco de Bizâncio contra os turkos nada mansos. Assim fui a heroína do Bósforo na minha primeira vez de menina.

Laurita se casara cedo quase uma ninfa de peitos chatos. Planos e desiguais: o da direita bem menor do que o outro como os da mãe. Pendurados na frágil caixa cilíndrica guardavam as leves costelas pontiagudas. Apêndices que mais tarde se tornaram avantajados e de que muito se orgulhara.

Orfeu o bravo soldado de cavalaria da força pública o noivo era louro como um touro metálico e maciço. Laurita subiria o altar metida num antiquado vestido rosado e usado — as tias idosas encomendaram numa loja de aluguel de roupas da capital. O traje pedia retoques arrumado que foi para brilhar na cerimônia. O pai num velho terno de missa e bafo de pinga desde a manhã. A noiva se chocou com o marido no alto do altar. O besouro macho vinha metido no triunfo do seu uniforme de gala papagaiado. Jaquetão abóbora recheado de dragonas franjas douradas e reluzentes botões inesquecíveis acrescentavam ao traje o denodo do brio militar. Estava tudo perfeito não fosse a tempestade que desmilinguiu as indumentárias. Meia dúzia de familiares e amigos de infância da parelha de gado humano todo molhado. A tímida turba não foi suficiente para preencher nem a metade da austera capela da Irmandade dos Leigos do Carmelo. A mãe de Laurita era carmelita de berço.

Depois de passar o dia no cabeleireiro no maquiador e na depilação a noiva viu-se tomada de ansiedade fatal pelos últimos retoques no vestido alugado. Na prova daquela manhã apresentara um defeitinho grande na cava da manga esquerda. Aquilo era pequeno mas o suficiente para que o seio maior da nubente impedisse decisivamente o movimento do seu braço esquerdo. Laurita poderia errar e lançar noutro lugar para uma prima em primeiro aquela massa desforme de camélias brancas e pistilos de

jasmins alaranjados com aquele braço engessado por uma rata da alta costura de aluguel! Ainda às pressas tiveram que adaptar o traje mil vezes repuxado e remendado à anatomia irregular da noiva. Em vão o defeito era mesmo daquele peitão esquerdo de Laurita que teimava em crescer na hora errada diferente da bem proporcionada mama direita. Disseram que a menina não tinha peito.

Para culminar por um erro da estação da lua o casamento depois de muito cuidado e contas feitas pelas mulheres maduras da família fora marcado em hora ruim. Laurita pela manhã sentiu cólicas fortes e fora de mês: batata! Casava-se durante um opulento pacote imaginando se na pressa não tomaria as devidas precauções. Veria aquele lanho de sangue acompanhando-a pelo corredor da nave central da igreja. Estendia-se pela cauda do vestido. Era também o presente que a natureza reservava para o brioso militar versado nas artes de abrir veias de inimigos: uma lua de mel sangrenta.

Orfeu numa ressaca medonha pela noite passada na contundente e malcheirosa orgia com as primas não via a hora de se meter no velho Aero-Willys emprestado do tio para sumir dali com a noiva. Logo se jogaria na cama do Hotel Pousada Estrada do Céu. Muquifo uma estrela que a família cotizada em vaquinha tinha reservado num pardieiro de uma estância hidromineral sem gás. Valorizavam a tradição de lua de mel da família nas águas termais dessa vez frias. A falta de borbulhas na água da biquinha modesta fora compensada pelas flatulências noturnas e infalíveis de Orfeu. Mas a espelunca verdade seja dita vinha equipada com um lago verde de limo fresco. Patos miseráveis encardidos pela pátina grossa nadavam em círculos por ali diante de poucos hóspedes ocasionais. Não faltava o balanço velho de madeira apodrecida que rangia. Fazia medo de que fosse ao chão a qualquer momento. Escondida no interior do Estado do Rio no fundo da Baía de Guanabara ali pelos mangues de Magé recebia os hóspedes quase totalmente vazia. Não fosse o único habitante permanente: um velho cão de fila rajado de marrom e negro com as pelancas desabadas.

Nababescamente instalados ali – era o lugar mais luxuoso que já haviam pisado – depois do casório consumariam novamente as bodas já consumadas todo fim de semana num mesmo motel barato da baixada. Serviam-se de um zero oitocentos devido a um esquema com a segurança prestada pelo comandante do batalhão: a soldadesca podia divertir-se de graça por conta da grana dos contribuintes do Estado. Mas de uma vez para sempre agora dentro da lei e oficialmente o soldado possuía definitivamente a noiva. Fardado Orfeu passara a noite anterior ao casamento ajuntado com os companheiros do quartel numa boate mal falada dos arredores da cidade. Também no mesmo pacote do esquema de corrupção do comandante do batalhão. O noivo fora servido na boca de uísque barato e linguiça calabresa à francesa por garçonetes profissionais só de saíote negro e penteados bem feitos em cima e em baixo. Sempre que um dos valorosos soldados da tropa se casava o regimento contratava por um preço razoavelmente em conta um punhado delas num acordo tácito com um sargento cafetão. Prostituição não entrava no pacote do comandante e que cada subalterno assumisse o seu posto!

As piranhas gostosas tudo carne de primeira bucinhas quentes dançaram e fornicaram gratuitamente incluídas na despedida com todos os convidados e por quantas vezes o cabra quisesse se servir. Até que o dia clareasse a folia correu solta por conta daquele vão no orçamento secreto da força: as festas eram pagas pelo caixa dois do pecúlio militar. Enquanto isso a noiva passava a noite num estado claro revirado emendando as horas com as colchas da cama preocupada com as bebedeiras de Orfeu. Tomada pela insônia e por uma enxaqueca selvagem que o pacote pesado sempre lhe trazia precisou ser acalmada com uma grossa injeção de baraugim pelas mãos precisas da mãe. As pragas das amantes do noivo não ameaçariam a entrada triunfal da filha no teatro do átrio de igreja simples. Depois do analgésico forte Laurita dormiu até nove da manhã: acordava nua de dor os olhos estatelados no dia: perdera a hora da contraprova do vestido: logo remarcada para

as duas da tarde: quando já deveria estar atrasada no cabeleireiro ao meio-dia. Não daria tempo para uma plástica no seio maior!

Orfeu estão deu o clarim: era vitorioso e estava vivo! Através de telegrama disparado do quartel por um compatriota diziam que o plantão na casa da guarda terminava já. E que o noivo Orfeu estaria em casa com a esposa para o almoço da véspera combinado há uma semana. As autoridades pediam desculpa pelo atraso do militar imprevistos de rotina sempre acontecem e que as coisas por ali são sempre assim mesmo. Logo se reenquadrariam nas antigas escalas de sempre. Uma taturana laranja e verde incandescente queimava as têmporas do militar durante todo o longo curso do almoço. Saboreou com gosto amargo a galinha com polenta que a sogra de cara cada vez mais sorridente fazia questão de requeutar para ele. Sabia que o meu filho gostava de frango com polenta. Depois de acertar com o sogro meio surdo e completamente bêbado como sempre de alegria e sangria rala uns empréstimos que nunca seriam pagos meteu o quepe debaixo do braço e sumiu.

Ainda deu umas espanadas na poeira da farda mais amassada que conseguira para parecer que esteve de serviço por dias a fio no quartel antes de dar o esquemático beijo de despedida na sogra: enquanto as coisas estivessem bem entre os dois ele podia contar que era o dono da situação: a górgona não perdoava palpites nos seus pontos de vista. Orfeu dormiu até o dia seguinte na hora de se meter no terno herdado. Tinham o mesmo corpo ele e o falecido primo que o comprara quando se casou com a mulher amada mais que tudo e que o matou envenenado. A família do marido morto se uniu para corroborar o motivo da *causa mortis* como suicídio: todos amavam Mariazinha que era um doce. E o canalha do marido já fizera poucas e boas com muitas mulheres: mereceu o que precisava: morrer!

Orfeu não o primo morto acovardado por dívidas com o sogro que somavam vários milhares de mil réis teria finalmente que subir naquele dia chuvoso as escadas da igreja. Nem a fera da mãe de Laurita teria poder

para anistiar as dívidas de Orfeu: ela incentivava os empréstimos para ter o papagaio no poleiro comendo milho quando ela quisesse. Papagaio come milho periquito leva a culpa! E no altar conforme combinado Orfeu receberia da mão do padrasto de Laurita a filha noiva as promissórias que assinara e o perdão das dívidas. Era justo cumprira a palavra e casara-se com a virgem que ele já deflorara tantas vezes e vilipendiara muitas vezes mais violando-a naquela posição que ela odiava mas que ele gostava não é mamãe? A puta pudica que seria sua santa esposa para sempre. Laurita e Orfeu depois de amargarem longos momentos recebendo cumprimentos falando nulidades comendo sofríveis salgadinhos e docinhos — que as tias da noiva encomendaram numa comadre surda do subúrbio — mergulharam no carro do tio do noivo. Orfeu mesmo dirigia o famoso Aero-Willys através do qual o casal depois de muitas curvas em silêncio mortal de desgosto mútuo foi desembocar numa cama poeirenta e habitada por bastantes pulgas recalcitrantes ao desinfetante malcheiroso que empestava o banheiro e o quarto.

Laurita nos anos que se seguiram ao casório funesto quase não falava sobre isso alegando náuseas. Não gosta de se lembrar daqueles momentos fúnebres. Confessava que não guardava nítidas lembranças daqueles três dias em que foram indiferentes um ao outro. Igual aos três mil e seiscentos dias e noites que passariam na cama ou de pé ou ao lado do seu Orfeu. Sem que lhes passasse coisa melhor pelas cabeças foram morar no subúrbio: num apartamento de sala e quarto conjugado esmirrado entre dois prédios altos sem sol e sem ar que o padrasto de Laurita pagava. Porque Orfeu não acumulava soldo que fosse suficiente para pagar o aluguel irrisório: tudo ia para a esbórnia. Novas dívidas continuavam a crescer e ao mesmo tempo as despesas mínimas da casa se acumulavam. O velho nunca cobrava nada do soldado um tostão alegando caridade para engordar o soldo que nunca dava para as compras.

Dia vai dia vem Orfeu deu de voltar cada noite mais tarde do serviço. Tresandava à pinga e ao perfume gritante das primas. Generosos tempos difíceis ele

conseguiu um servicinho extra para ajudar à família. Era um bico de segurança numa casa de shows de uma cidadezinha não muito próxima. Mas que lhe renderiam uns cobre o que se pode fazer? A empresa lhe tomava os fins de semana os dias santos e os feriados. Valeria o sacrifício por Laurita! Corajoso carregava um roupeiro pesado: shorts cuecas um blusão de lã bão e calças jeans impecáveis pelas mão de Laurita. Tudo ia milimetricamente arrumado pelas mãos diligentes da esposa numa mochila negra de nylon impecável. Voltava na segunda à noite a tralha imprestável toda tismada de barro e gordura. Com os olhos tão emoldurados por espessas olheiras cor de ameixas secas e a carcaça sofrida estragada de tal jeito que Laurita já não tinha nem um resto de gosto de abraçá-lo e beijá-lo. Nada lhe sobrava do encanto — encanto que diga-se de passagem nunca houve de fato. Fazia tudo aquilo como um relógio que trabalha sozinho. Se alguém lhe perguntasse as horas ela gemia: “Eu te amo Orfeu...” Quase não se falavam mais.

Uma ocasião quando Orfeu voltou do bico do fim de semana a mulher ao desmontar o equipamento que o militar deslocava para a pequena guerra de veraneio encontrou um bilhete dobradinho com esmero e dedilhado com perfume lemonado: “Teu marido é uma delícia! Dá ele pra mim?” Um lenço de mulher sujo de batom sustentava a gravura de um beijo demorado e curtido. Dobrado como foi impresso dobrado estava dentro da tralha suja do marido. Laurita ergueu o lenço e o bilhete e os pôs em cima da mesa sem levantar os olhos sem pensar em nada. Orfeu saindo do banho ainda se refazendo da batalha deu de cara com as peças em exposição. Cinicamente e sem perder a razão foi objetivo com a mulher: “Cuidado com isso porra! É a prova de um crime. Tenho que levar amanhã sem falta para o perito do batalhão.”

Laurita contou para a mãe sobre o bilhete e o lenço e repetiu a inscrição lapidar. A mãe a aconselhou a cuidar da casa e a fazer duas faxinas por semana três se fosse preciso e se o banheiro não estivesse bem limpo. Sugeriu numa certa iniciação de sábias que a filha retomasse a costura que fazia às tardes e os

pontos em cruz que desenhava à noite. A mãe desde menina tinha-lhe ensinado todo um arsenal acadêmico e infalível para suportar desprezo e traição por quanto tempo fosse necessário. Ou seja o intraduzível apetrecho que tinha o poder de atravessar toda a vida que durasse um casamento. Era uma tradição de família passada de geração em geração desde o tempo dos cultivadores de vinho do Alentejo. Habilidosa e dotada de forte poder de imaginação Laurita além de atender às recomendações do catecismo sinistro da mãe passou a costurar para fora. Com bom gosto e atenção com as pessoas em pouco tempo construiu uma freguesia que lhe rendia os cobre suficientes para pagar o aluguel e estocar os víveres para a despesa da casa. Começou a comprar bugigangas coloridas que arrumava com rigor sistemático em cima da cristaleira da sala.

Onde mais fosse possível mantê-las em pé passou a colecioná-las: bibelôs chineses panos árabes xales da argentina e todos os tipos de pratos talheres e copos e taças de plástico azuis e de rosas falsas que encontrava pelas lojas de produtos de um e noventa e nove do centro da cidade. Orfeu desaparecia cada vez mais de casa. Chegava tarde dormia no sofá com os coturnos imundos e a desculpa de que não queria acordar môzinho. Antes da mulher se levantar desgrenhado e roto tomava um café feito às pressas e se despedia na porta do quarto com um beijo ideologicamente falso e sempre envolvendo operações militares. Hoje seria a resistência à invasão do Território do Oeste por estrangeiros armados que forçavam a fronteira com o Mato Grosso. Esgotados os derradeiros espaços para acomodar a bugigangaria Laurita comprou um gato um animal de enorme potencial de crescimento e pelo mais abundante ainda. Vendido por encomenda ao intermediário chinês que o contrabandeava do Camboja numa loja de produtos da roça ali do bairro mesmo: era a nova sensação da casa. E uma boia para os dias de agrura do casamento afundado de Laurita. Logo nos primeiros dias passou a considerar o gato como filho.

E como para o filho que nunca teve reservou para o

bichano gordo e patarro uma cama com cortinado. Um mosquito poderia aleijá-lo para sempre o mantinha cada vez mais ao seu lado. Depois de conseguir com uma vizinha e freguesa de costura por umas ninharias a base de troca um armariozinho usado e um enxoval de bebê de duas ela o adaptou para um de quatro patas. E o bichano passou a fazer inveja a qualquer filho de pobre. Colorido ganhou um nome chinês e sonoro que ela escutou num sonho cheio de paisagens de campos de arroz e chapéus como largos funis invertidos: Gladson carinhosamente Gladinho. Durante seis meses o filho que nunca teve habitou o apartamento de Laurita como um califa do Camboja. Orfeu jamais se dera conta da existência do muito felpudo enteado. O soldado pouco tinha tempo para nada. E o bichano o desprezava preventivamente — telepaticamente intuindo a preferência pela servidão voluntária da mãe adotiva. Coisa rara uma manhã o militar chegou em casa de bom humor e de folga: trazia num robusto embrulho umas tainhas frescas. De dois palmos de comprimento foram colhidas no fundo das traineiras que encostavam no cais do Porto de Maria Angu subúrbio da Penha sede do Regimento.

A vista grossa para a pesca de embarcações clandestinas há muito lhe proporcionava subornos e pescado fresco que nunca chegavam em casa mas eram desviados para outras amásias mais competentes em peixadas. Deixando naquele dia onde algo nunca descoberto mudara sua rotina as bichas nadadoras em cima da pia para escorrer o sangue das guelras Orfeu largou o banquete ali e foi tomar seu banho: logo em seguida mudaria as peças inteiras em postas de artilharia. O bichano felino foi mais rápido: estrangeiro mas onívoro almoçou a peixada antes que ela se consumasse. E foi flagrado em cena pelo militar que voltava do banho rápido entusiasmado pela fome: o soldado tinha presa para degustar as lagostas que lhe eram possíveis.

Enrolado numa toalha branca imaculada lavada esfregada e enxaguada pelas mãos abençoadas de Laurita o militar não precisou se despir. Gladinho distraído com o banquete exótico foi atingido por um retumbante pontapé do homem acostumado ao

coturno: tiro certeiro! Antes de atingir a área interna do cortiço o animal já estava morto vítima de ferimentos causados pela unha crescida do bico do dedão direito e que levaram à falência múltipla os órgãos internos do felino. O bicho se estatelou para sempre ao lado de uma grande lixeira lá em baixo. Orfeu ainda conseguiu salvar intactos alguns peixes intocados. Os já mordiscados foram disfarçados em postas menores. Gato não tem veneno porra! Imaginou que o ladrão oportunista que nunca vira antes pelas redondezas tivesse se esgueirado pela janela aberta para dentro do apartamento pela primeira vez na vida sem que a cachorrada da vizinha fizesse soar o alarme da fortaleza. Laurita teve finalmente a primeira crise nervosa que já se anunciava há meses e era esperada desde que ela nascesse: era um tipo de mulher que estava preparado desde o útero para a loucura!

Sempre bem orientada pela mãe Laurita perdoou Orfeu: – Como é que ele podia saber minha filha não é? E precisou ser internada imediatamente. O militar ia visitá-la quando a escala das arriscadas operações que exigiam coragem permitia. Sinceramente se dedicava àquela internação bem-vinda: Laurita podia ficar louca para sempre e deixá-lo em paz com suas dívidas de uma vez. Enquanto isso demonstrava afeto sinistro e gratidão falsa que ainda não tinha fingido. Levava religiosamente biscoitos amanteigados arte culinária de uma alta padaria da esquina do Hospício Mira Flores: a sogra adora biscoitos amanteigados! Coisa que Laurita odiava e não podia nem ver porque lhe causavam náuseas pioradas pelas náuseas já piores dos remédios. Ah! E revistas da vida privada das estrelas da tevê que a paciente quando lúcida não conseguia desfolhar pois eram devoradas avidamente pela mãe que não as largava. Laurita era educadíssima jamais demonstrou sequer interesse pelos noticiários diante do encanto da mãe pelas casas e carros das beldades enriquecidas pela ignorância do povo e a ganância dos anunciantes e dos proprietários das emissoras.

Por ali cotidianamente do outro lado do fausto e da riqueza rosquinhas de fécula e reportagens fajutas entre um e outro choque elétrico. E muitos soníferos

fortíssimos em um largo período de dias para que tudo voltasse às mil maravilhas como era antes. A filha exagerava em sua sensibilidade ofendida! Era só uma merda de um gato. Os pais de Laurita em júbilo também confirmaram a certeza de que Orfeu era um ótimo marido: a vida de um militar é sempre muito dura e às vezes exigia um sacrifício heroico principalmente por parte da esposa. A exigência de amor incondicional dentro do casamento só poderia levar a essa ruína que a própria Laurita encontrara e cavara com as próprias mãos. Ruína que diga-se de passagem pautava-se pela falta de compreensão por parte da mulher ao estar envolvida com uma instituição que se pautava pela mútua abnegação.

Foi assim baseados nessas falhas de Laurita em relação ao casamento que quando a mulher deixou o hospício alguns meses mais tarde e muitos quilos mais gorda os pais passaram a vigiá-la de perto. A mãe que normalmente recebia a visita da filha em casa para não se meter na vida dos outros resolveu agora retribuir preventivamente e foi até o apartamento do casal. Descobriu que a sala o quarto a cozinha e o banheiro tinham-se transformado num enorme museu de embalagens achadas no lixo. Além das quinquilharia asiáticas e paraguaias Laurita passara a colecionar tudo o que se relacionasse com mercadorias e que encontrava nas latas de lixo das redondezas. Sempre que podia levava as tralhas para casa carregando-as às vezes em viagens repetidas à mercearia entre uma e outra madorna causada pelos remédios fortes: quase já não se podia encontrar lugar para botar os pés dentro daquele apartamento. Orfeu alocado numa base de treinamento para ações no Haiti não precisava acampar por ali.

A mãe precisou de uma semana em sucessivas idas e vindas entre o apartamento e as lixeiras do conjunto habitacional para despejar todo o lixo que a doida trouxera para dentro do muquifo. Junto com o lixo também resolveu se livrar das bugigangas trazidas na primeira leva da onda de consumo. Escolheu como destino das inutilidades possíveis receptadores e possíveis necessitados desafortunados moradores de rua e habitantes de asilos de velhos. E de uma creche de crianças órfãs

das redondezas. A casa precisava estar em ordem para ajudar na recuperação da sanidade da filha! Conseguindo pôr fim na multidão de tralhas e trechos sem valor de uso e por fim deitando alguma arrumação naquele caos a mãe tinha agora uma nova preocupação: as frequentes referências da filha ao fato cru da morte inevitável. Para prevenir e sanar tão funesto mal a mãe passou a morar com a filha.

Orfeu levava meses de embrenhamento pesado na selva ficava no quartel na volta por questões de segurança assinava o ponto e só ia em casa para pegar umas roupas íntimas que a Força não fornecia. E beijava as duas. O vínculo com a sogra se fortalecia diante do estado de vegetal da esposa. A mãe de Laurita o amava cada vez mais. Passados dois meses de calma e remédios fortes por conta de um programa de tevê que denunciava maus tratos a animais Laurita teve outra crise mais forte. A mais forte de todas as crises: precisou ser internada novamente e com mais presa.

Ajudado pelo fato da nova clínica ser agora próximo de casa o padrasto veio morar também no apartamento da família. Trouxe com ele a primeira de uma grande manada de gaiolas que acondicionavam pintassilgos cultivados em casa. Como a doença de Laurita se agravasse e a voltagem dos choques se tornasse cada vez mais pesada e perigosa tornavam cotidianos os cuidados inevitáveis para que ela recuperasse logo o equilíbrio e o bom senso. O pai diante da necessidade de prover as tarefas diárias que os pássaros demandavam trouxe temporariamente todo o zoológico particular para dentro do apartamento abandonando a casa no bairro vizinho. Protegido agora de toda a faina da doença de Laurita por conta da guarida da sogra que sempre o acobertava alegando que o rapaz tinha trabalho perigoso e precisava manter a cabeça fria Orfeu passou a participar da mania dos pintassilgos penosos engaiolados. Apresentou ao sogro um famoso ornitólogo amador terceiro sargento graduado de artilharia que também criava as aves canoras num sítio no interior do estado. Os três passaram a viajar juntos todo final de semana para a glória da pesquisa passarológica e infernos dos pintassilgos ainda

sobreviventes em extinção.

Laurita ficava entregue aos cuidados da mãe que ia e vinha religiosamente do hospício carregando na grande bolsa de plástico branco com motivos de florões berrantes uma farta caçarola com bifes de panela desfiados: única iguaria que a menina conseguia engolir com os dentes que lhe sobraram quebrados pelo impacto dos choques. A mãe já salteava de cor todos os plantões de todos os enfermeiros e médicos que tratava indiscriminadamente sem distinção hierárquica de meus amores. E como era de se esperar passou a ter intimidade com a sala de choques: em algumas semanas de treinamento já segurava os eletrodos. Podia prever pelo andar da carruagem durante o percurso da noite quantos volts a filha ia precisar naquele dia. Batata! Recebia exatamente aquilo que a mãe lhe prescreveria. Aquela medicina toda dependia apenas de reconhecer o estado de agitação da paciente e fazer a média proporcional com o volume dos choques.

À noite na roda das vizinhas na calçada diante do apartamento de Laurita orgulhava-se das suas narrativas e prognósticos com requintes de amor cuidados e crueldade. Não deixava de detalhar sempre as carícias no rosto da filha quando já aliviado da carga sua expressão ainda apresentava convulsões voltaicas. Mas acrescentava a paciente melhora a olhos vistos transformada numa nova pessoa pelo trabalho paciente dos médicos. Agora era alimentar bem a menina: Laurita quando podia se entupia com a sopa de entulho que a mãe trazia numa garrafa térmica velha e encardida dentro da bolsa estapafúrdia: reforçavam os desfiados bifes de panela. Depois da sopa Laurita pálida mecânica e macilenta e metida nuns andrajos hospitalares como mortalha era medicada. Dormia até o meio-dia do dia seguinte quando se levantava para nova sessão de tortura. Isso já durava dois meses: período que a medicina prescrevia para a cura da gravidade de tal estado mórbido em que se encontrava a paciente 209346.

Viva ela atravessou seu calvário e saiu do hospital de

mãos dadas com a mãe numa manhã de Finados marcada pela chuva de domingo de raios e clarões. As duas passaram sob pingos grossos por debaixo do pesado pórtico do hospício onde letras góticas diziam: "Aqui se cura ou se mata." Um sol forte e inesperado inundou as ruas rompendo as nuvens quando as duas botaram os pés na calçada que levava ao ponto do ônibus. Aquilo proporcionou-lhes um bem estar inesperado e a mãe viu a mão de Deus no fenômeno meteorológico: a perfeição da ciência comemorada com um buraco no céu como um milagre do Criador. Não fosse uma arte do maligno para iludi-las! E benzeram-se. Foram juntas de mãos dadas para a padaria antes de embarcarem no coletivo que as deixaria dois pontos depois: não convinha fazer esforços inúteis. Laurita nunca mais mergulhou naquele estado de manicômio que lhe estragava a vida e contaminava a alegria da família. Reconciliada com a saúde e com os afazeres do dia a dia o casamento voltava ao normal. Os pais rumaram de volta para casa. Orfeu viva com Laurita como um anjo — quando tinha tempo! Sócio cinquenta por cento da criação de pintassilgos do sogro que se dividia ente os dois imóveis aumentando sempre o número de gaiolas no apartamento da filha.

Numa manhã pouco depois desse retorno à rotina numa manhã como outra qualquer em que acordara inesperadamente deprimida — lembrava bem disso porque teve medo sem saber de quê — Laurita foi sobressaltada pela campainha da porta. No corredor mal iluminado do prédio pobre contando dezesseis apartamentos por andar pode perceber dois militares fardados carregando cada um um envelope. Pela expressão austera que usavam Laurita pode perceber perfeitamente que havia complicações. Atingido no peito em dois lugares por fogo amigo durante tiroteio com bandidos Orfeu veio a óbito. Ainda chegou a ser socorrido mas os médicos do Hospital Central não puderam fazer nada devido à gravidade dos ferimentos: morreu antes dar entrada na sala de cirurgia.

As balas partiram da arma do amigo terceiro sargento que participava como o pai de Laurita da paixão pelos pássaros. A viúva não esboçou reação. Tomou com as

mãos firmes os envelopes e ofereceu café aos homens: o que não poderia ser aceito nos desculpe pelo protocolo da justiça militar. Então disse com voz firme que mesmo que eles não pudessem beber alguma coisa poderia entrar sentar-se e desfolhar algumas revistas até que aquele calor escaldante do dia passasse. Ela não iria incomodá-los: tomaria um banho enquanto isso porque precisava sair para ir às compras.

Recebera a notícia com resignação esperava por aquele envelope com esperança muda durante os poucos anos que se manteve casada com o soldado. É um grande alívio sempre que perdemos alguém que mais amamos pensou consigo. O pai comunicado também não demonstrou surpresa: desistiu dos pássaros que também poderiam lhe trazer a morte nas asas. O diabo era acalmar a mãe! Devota do santo genro que proporcionara um casamento à família precisou tomar baldes de água com açúcar até se acalmar e sentar-se no sofá para ver se passaria na televisão a tão temível tragédia. Só conseguiu dormir à noite a poder da Maracujina que uma vizinha sábia trouxe já temperada num copo de plástico com canudinho. A mãe sugou toda a mistura e dez minutos depois dormiu.

— Maracujina não falha minha filha.

Coberta de fuligem pálida metida numa farda camuflada piscava com dificuldade o olho que lhe sobrara. A mendiga sentava-se na calçada diante do Grande Palácio do Príncipe. Esmolava ao lado do seu cachorro. O inferno nos seus olhos castanhos revelava que estava pronta para morrer. Piscou para afastar um pensamento. Percebeu o tremor atravessando o corpo amargo. A crosta da vida se acumulara sobre seus ossos e derretia. Girou os olhos para dentro das vidraças de cristal. Chispas vivas se jogavam pelas janelas refletidas nos lustres importados. Sombras de anis velho avermelhavam o vitral baço diante do amplo canteiro de tílias. Debaixo da janela onde a mendiga se abrigava os guardas do Príncipe evitavam o seu cheiro.

Ela percebe o movimento dos corpos que bailam antegozando a chegada do Cão. E aquele exato momento em que ele estaria disponível para o tiro. Taturana gostava de ser chamada assim porque queimava a que se encostasse nela! Alguns assuns invisíveis trincaram ao redor da calçada: pássaros não cantam de noite! Sobre os ombros brancos apontavam ossos de giz. Uma pele de onça contrastando com o volumoso colar de esmeraldas de plástico. Dois esmirrados seios eram o contraponto perfeito para a suntuosidade do salão. O mundo dos imundos donos da vida surgia contra a tristeza do seu olho fulgurante. Tudo se move diante do rosto da mulher em ruínas.

A cantora está nua por debaixo da pele do vestido lima da Pérsia. A seda dos seus pés descalços exibem a fêmea de meia idade. Exuberante ela tenta fazer-se passar por apetitosa garota casual. Gosta arrastar a pequena cola de babados caribenhos. Serelepe saltita girando a cabeça e sorrindo de um lado para o outro. Depois lança todos os perfis simultaneamente com um pássaro que esbanjasse agilidade. A cruner atravessa o salão em direção à orquestra. A massa sonora ressoa nas paredes à sua entrada apoteótica. Todos param ela era aguardada com lágrimas nos olhos.

Agarra o microfone sincera como quem pega uma flor. Antes de aproximá-lo na boca olha para a plateia e sussurra hipnótica: meus homens! E sopra pelos lábios úmidos: meus blues! Todos imaginam os homens que ela já teve. Mas ninguém sabe o que ali ainda ferve dentro dela. Nas mesas alvas de linho branco salvas de palmas regaladas à champanhe e a caviar Beluga. A mendiga examina detidamente tudo aquilo.

Na primeira mesa na frente do palco o Médico-Chefe do Plantão acompanhado de sua mulher morféctica formam fila. A baranga ostenta achacada pela gota velhas marcas de variola espalhada pelos cornos. Toda artificial veste uma pele de castor apesar do calor. No dedo um diamante e brincos de casca de avestruz. A cruner sorri para a grande dama da sociedade e sabe-se que ela pedirá mi-buenos-çaires-

querido. Ao lado o Médico agora seu show. Roda com o dedinho mindinho as pedras de gelo do copo de uísque. O Médico tem a cabeça lírica leviana típica dos apaniguados do poder.

Cansado da labuta diária relaxa na bebida. Passara todo aquele examinando prisioneiros na tortura. Assim senhor dos seus dias o Médico bebe seu uísque com fria calma. Uma expressão de desprezo se mantém fixa como um carimbo de ferro em seu semblante duro. O Médico estende a mão para as coxas da velha matrona e lança o pescoço em direção ao palco como se quisesse dizer alguma coisa para a cantora. Truque mal imediatamente descoberto pela mulher: ela não se acostumaria mais com carícias nas coxas. Uma máscara de pomba enfezada subiu pelo rosto da cônjuge. Mirou a cantora rigidamente a cabeça como uma serpente despertada pelo pecado.

O médico comia despreocupadamente a sua langosta — e a cantora com os olhos. Podia-se ouvir o lept-lept-lept sem gume dos seus talheres para peixe. Tudo aquilo repicava nos tímpanos da meia luz ambiente. Sem demonstrar qualquer outro pudor diante da comilança oficial a cantora desce do palco aos infernos das mesas. Toma um gesto circular e agarra uma das tantas rosas platinadas que lhe ampliavam a cabeça. Joga a flor pesada no colo da matrona. Um grande aplauso percorre o salão. Afrontada a velha enfia a cara contra os chifres da langosta. Saboreia o desgosto de um prato cheio de vergonha. A cruner interrompe a canção e injeta os olhos nos olhos da catraia. Atira com sabor vermelho sendo devorada.

Mi buenosçaires querido.

Então retorna para o palco revolcando por três vezes o chocalho na ponta da cauda do vestido. O lamê nacarado engloba as duas ancas da inveja. Uma troca de luz rápida a respiração curta. Cresce e faz-se ouvir o burburinho. A noite artificial rasteja pelo mármore gelado. No hall vestido de cortinas negras do hotel trombetas e servos se desdobram. Retiram das douradas portas os gonzos do salão principal. A Comitiva do Cangaceiro precedida pelos Dragões do Charque do Norte entra como um fogo de batalha pelo ambiente. Uma gota de suor gelado escorre do

alto da coxa esquerda da cantora. A chuva miúda começa a cair lá fora. Circulando a luz baixa da entrada do prédio *art-noveaux* carros conversíveis adornam as calçadas sonolentas.

Jogada num canto próximo à sua sarjeta imunda Taturana pedia suas esmolas. O fartum da noite marítima se elevava dos canteiros de lavanda. O som da orquestra retira do chão o prédio de pedras. A velha ajusta a colete roto. Um pouco para dentro da manga surge a culatra da Browning nove milímetros. Levanta-se como para catar uma binga de cigarro no meio fio. Sem cerimônia se agacha na moita em frente à vidraça. Todos os seguranças encolhem o rosto para não ver a figura abjeta mijando. Ela tira lentamente de dentro do casaco de lã vermelha a pistola e protegida pelas costas faz pontaria.

Naquele exato momento do tiro o Cangaceiro saboreava uma requintada taça de champanhe francês. A bala vara o cristal da vidraça. Antes que alguém tenha tempo de perceber a bala estraçalha a taça. Debaixo do caixilho da janela se derruba o champanhe no colo do soberano. Nenhuma gota será perdida sua roupa beberá por ele.

Alguns meses antes da inauguração de Brasília isso eu posso afirmar porque ainda vejo o velhos vestidos vermelhos de Vovó. Alguns alaranjados mas sempre com detalhes em vermelho. Éramos todos remediados. Mesmo assim viajavamos no mês de janeiro para a mesma casa de veraneio na Ilha do Governador. O mesmo sobrado chique e que era barato. O que a velha viúva nos permitia era um depósito de gente nos fundos do quintal. Tomávamos banho e fazíamos as necessidades aos turnos num banheirinho fedendo a creolina do lado de fora do cômodo abafado. Um barracão com banheiro coletivo.

Nós todos vivíamos em torno de Vovó! A magrela ossuda sorridente sem dentes era calva de pele cor de malva ressecada. Caindo de dores escorregava pelas camisolas frouxas com o seu reumatismo piorando. Indo e vindo na cadeira de balanço com os pequenos no colo. Cabeceava naquele canto escuro

da sala as moscas a evitavam: era perita em acabar com elas: fingia que as comia e as crianças adoravam. Queria viver! E ali perto da praia para sempre!

Meu avô sempre de óculos sem saber se a morte da mulher viria para a semana que vem girava pelo cômodo amplo. Olhava em torno como um cientista. Com zelo agudo analisava as antigas gravuras de plantas exóticas penduradas nas paredes do território onde não podíamos pisar. Nós o invadíamos furtivamente. A tia solteira afundava os dedos nas cortinas de brocados brancos que dançavam nas tardes da beira-mar. Eu o Nanico apreciava inebriado o padrão regular dos tacos estendido pelo soalho. O tabuleiro de xadrez recobria o território preservado dos famigerados inquilinos.

Na figura da matrona gorda de verruga no nariz o que chamava a atenção eram as pernas curtas enfeixadas por ataduras cor de manteiga. Sobre as varizes vazavam nódoas de amarelo forte. O cheiro do suor da amônia e da pomada deixava nos cômodos sua presença de múmia fresca. Tinha o rosto comido pela varíola. Os olhos sempre fechados diziam que não valíamos a pena a luz jorrada do seu rosto. A cabeça um pequeno cântaro coberto por fiapos de fumo mascado. Sempre oleosos os fios iam-lhe soltos sobre os ombros pequenos. Em silêncio toda manhã no porão escuro contava os dias para receber o pagamento do depósito dos fundos.

Fazia-se acompanhar em sua solidão das braçadas de orquídeas secas do falecido professor. Em sua miséria de acumuladora e usurária emprestava uns cobre a juros exorbitantes aos necessitados das redondezas. Vivia sempre desde que o destino lhe amputara o marido no cubículo abaixo do andar térreo dos cômodos da frente do sobrado. E suava diariamente sempre abundantemente um dos seus traços mais marcantes.

Expandia-se o licor sagrado pelas axilas pelo pescoço principalmente entre os seios onde dormia sempre em seu regaço infértil o lenço âmbar. Miúdo e amassado pespontavam rosas mariquinhas cor de esmalte de unha. Como nas ataduras das pernas a

mancha maior ao redor das mamas destacava seu volume abundante. Toda a sua figura era a aparência de uma deusa pagã. Estatueta caqueirada carnuda recém arrancada de um pântano ancestral. O colecionador deixara para ela a mísera aposentadoria de florista. E sobrado que construía durante toda a vida com que as vendas dos vegetais.

Na sala ampla as janelas duplas traziam para dentro do cômodo a ruazinha tranquila. Abraçando as calçadas salpicadas pelos frutos vermelhos riscavam o cimento as sombras das grandes folhas das amendoeiras. Os quartos assobradados eram guarnecidos com garatujas de ferro batido. Nas varandas motivos florais envolviam os barrigudos gradis. As camas encapuzadas de mosquiteiros azulados guardavam colchas finas e autocráticas. Refletiam-se fios metálicos de aranhas imóveis em platinas esvoaçantes. Pelos espaços vazados daquelas janelas se vislumbrava a rua. As grandes lajes rugosas dos passeios eram pisadas raramente. Iam e vinham pelas manhãs em busca de peixe fresco. Pululavam as miúdas bestas no borco da canoa encostada na rampa da Ribeira. A prainha era de mergulho manso para onde se baixava pelos gigantescos degraus da pedra cor de chumbo. Ficava ali a dois passos do sobrado.

A presença sensível da proprietária ficara indelevelmente marcada em todos nós. Seja pelas recomendações austeras que rugia toda vez que surgia seja simplesmente por aquela figura surpreendente que se erguia do calabouço. Saía das trevas e alertava a repetência com voz metálica: “Que não se usasse nem se frequentasse os cômodos da frente!!!” Tinha principalmente horror a crianças e a animais. Normalmente seus sermões se dirigiam a Vovó e seus olhos fúnebres e suas imprecações me marcavam. Insistentes fixos fulminavam o perigoso ser: que não iria crescer! Certamente um diabrete!

Aos sábados pela manhã conduzia pelas mãos para perto de nós uma mulher de aspecto cinzento. Mais doentio do que o dela e subserviente. Os lábios finos encharcados de batom cor de vinho velho debaixo de um nariz de pássaro cego. Condenada a cantar a

mesma cantiga anunciava que chegava com ordens da proprietária. Vinha fazer a faxina no território proibido. Mas antes daria uma geral na nossa pocilga! Não gostava que se acumulassem ali os restos de comida que a nossa turba deixava espalhada pelo chão. Mas não limpava nada: apenas fazia a revisão e ia-se embora. Depois de homenagear-nos com a pequena profecia entrava para o seu serviço. Naquelas condições nos enfurnávamos com o rabo entre as pernas. Era melhor manter a vida e a raiva entre os dentes. Se ousávamos lhe dirigir a palavra mugia dois monossílabos hostis que significavam sim ou não. Dependendo de como o freguês quisesse comprá-los Sempre envolviam o codinome da patroa e um inevitável: “Às ordens!”

Dela serviçal nunca ouvimos uma verdade ou uma mentira. Uma vontade tampouco. Um olhar mesmo que fosse de desprezo. Aprimorava-se na cera polida com a força mecânica nos móveis de volutas. Cristaleiras louças porcelanas vieram pelas mãos do florista do orquidário empalhado. Antes de bater nas nossas costas fora explorador nas Índias Portuguesas. Enquanto isso a serva polia os metais e o corrimão latonado da escada que subia da porta da rua. Regava vasos de flores e acariciava talheres em fantasia de ouro de duas cores. Espancava com fúria louca as tapeçarias incorrigíveis. Então a escravizada branca abria as janelas. Riscava com as unhas o pó e arrancava com nojo as marcas das fezes das moscas. O cheiro forte de naftalina nauseava o almoço. Vovô tinha estômago sensível para jaca e para aquele demoníaco derivado do petróleo. Então saía para dar uma volta na beira da praia.

Era sempre assim: quando entrava a ave sinistra para dentro de casa Vovô batia asas até que passasse o perigo! Mas nem tudo era submissão: todas as tardes contrariando a viúva aristocrata Vovô voltava da padaria com uma mortadela cortada fininha. Do cesto de vime surgia uma batelada de pães que titia esvaziava dos miolos e enfiava em seu lugar manteiga e o embutido perfumado. A matilha em silêncio invadia em fila a sala proibida. Nos refestelávamos. Era a nossa vingança de arraia-miúda. Por conta de

um aluguel barato vivíamos escorraçados para uma cozinha suja a que tínhamos o direito – além do banheiro e do velho e amplo cômodo de guardados que nos cabia por aqueles alguns minguidos trocados. Um piquenique no salão de arte. Coalhada de quadros raros pintores famosos retrataram antepassados portugueses. Todos de barba e bigode filhos netos cachorros. Gatos cavalos de estimação paisagens lá da terrinha. Abríamos um lençol encardido no chão e fazíamos um colonial banquete de pirraça sobre os tacos ilustres. Todos vestidos à praiana refrigerante barato e sanduíches de presunto de pobre.

O mortadelão da Flor da Ilha quase nos denunciava com seu perfume nauseante. Admirávamos e criticávamos baixinho como toda aquela corja corrupta e exploradora era feia e mal-encarada. Enriqueceram sobre o sangue dos nossos antepassados. A mesquinhez estapafúrdia agarrada no rosto de alguns a volúpia monetária avara e o semblante duro nos outros. Agora isolados no pó não lucravam mais. Estavam reduzidos à sobrevivente viúva ameaçada economicamente pela nossa classe social emergente – os remediados que se escondiam nos tugúrios dos fundos e que lentamente colocavam a cabeça para fora do casco.

Beira-mar oi'eu beira-mar beira-mar oi'eu beira-mar...

Concepción – como meu avô dizia baixinho em seu ouvido – tomava conta do Centro e dormia sozinha no quartinho dos fundos. Dois seios soltos erguidos como varais debaixo das rendas brancas decoravam sua figura bem amada. Revestida de saias amplas realçava com música de gestos as palavras originais. Gingava à brasileira revelava os mamilos grossos sempre eriçados olhando densamente nos meus olhos. O fato é que eu ficava mais velho. Concepción se tornava a cada dia mais encantadora. Quando me via agitava as ancas grandes e tismadas de sol. Estalava os dedos como um cachorro de brincadeira que ela sabia que eu obedecia. E eu claro queria ter ela por perto! Quando Conceição percebia então arrepanhava a saia para cortar um fiapinho da renda. Fazia que ia para se sentar mais de vez. As coxas

grandes eu ficava por ali como um tonto. A pessoa verdadeira aquela que se escondia por detrás da Maria-Pomba essa eu nunca conheci de verdade. E quando me vi rapazinho apaixonei-me.

Começou com uma converseiradazinha besta entremeadada de tapinhas. Os braços pra lá e pra cá beliscões que ela já pedia desculpas. Mas tinha essa mania desde criança! Assunto para perguntar e responder. Se eu ia melhorando da gripe? Ou cadê a tua bicicletinha Japonês? Sempre que ela parava na frente da casa entrava por um tamarindinho maduro. Aquele ali enorme cê já viu? Ou o jamelãozinho que tinha caído do pomar. Por isso ela também dava a volta! E ia fazer o seu refresco debaixo do zinco dos ícones do Centro. À tarde florescente eu a via caminhando sobre o soalho. Dobrava a calçada esquecida gostava de rir. Precisava falava como um homem chamando Joaquim por aquele apelido. E não é que aquilo caía bem nela?

Novinha ainda mastigava um palitinho entre os dentes depois da comida. Enfatizava outro assunto cuspi no caráter imaculado da fofoqueira. Era pouco mais que uma criança. A ela se perdoaria tudo Mas deu-se no auge do meu amor quando os rios correm e vivos: vieram me contar: Concepción sem avisar ninguém nem colocar placa na porta tinha virado puta.

Prostituta profissional de casa de comércio do corpo. Desafeto seu Maria Januária sabia que a outra inimiga era minha pretendida. E estava lá bem sendo deixada prá trás pela pomba-gira. E tocou a sirene do alarma. Me alertou durante uma cervejinha preta que a gente derrubava antes da janta. Pra arrastar a conversa e ver no que dava o nosso xodó de verão que não tinha começo nem fim e já ia se acabando. “Soube ontem de manhã por um compadre. E quando ouvi não me espantou! Era a cara dela! Na subida da Ladeira da Santa Tereza pras bandas das Laranjeiras ela vende o corpo. Mas tem que ser nas sextas quando não tem a gira das pombas aqui na praia. Te mostro o cabra que já pagou. Quer que te traga ele aqui?” Nem esperou uma semana para me dar a notícia. Na hora foi uma tão espantosa memória dela!

O fato muito que achei graça. Dois risinhos amarelos e nervosos que a mulata deu de soltar. Depois de acabar o assassinato ria. Mais uma das maluquices de criança de Conceição eu disse. Tem um jeitinho de piranha mesmo ela retrucou. Sempre achei eu arrisquei.

Gelado de rir a menina doce se enxovalhando com o primeiro pinta que chegasse com o ouro. O seu mel saboroso de mulher nova! Não era pouco pudor não. O profissionalismo bruto de cartório do ofício pecado de papel passado. Grudado no corpo nu da mulher na cama gemendo Januária disse. Enquadrava a cerveja na goela. Já não tem caminho não. De volta não. Não não tem perdão é verdade! eu falava sem rir. Frio quase chorando. Ela bebia a cerveja satisfeita. Além de perdida e condenada entre um e outro cálice amargo eu me lembrava dolorosamente de que a puta a filha da puta era o amor da minha vida. A mulher que me trazia alegria nos meus sonhos. A mentira única da qual eu vivia. Que me tinha quebrado a pedra de sal do meu coração. Eu acreditava nisso!

A tal da cerveja começou a queimar na minha língua. Tanto que me enchi de um ódio tão violento que Maria Januária viu na hora. Ficou com medo de mim. Medo satisfatório se lixando para a minha vingança! Muito menor que a tua de mulher covarde que só se entrega quando tem alguma coisa que receber por baixo do pano! E não tem nem a coragem nem de se vender honestamente como a pura da Conceição! Mas diante daquilo tudo o meu rosto tão medonho não sabia do que eu era capaz. E também se sabia o serviço já estava feito. Se assustou e não imaginava no marimbondo frito que tinha mexido. Achou que Conceição fosse só um brinquedozinho sem graça. Uma rival do outro lado da rua das calçadas das pedras. Ficou em silêncio por mais um pouquinho. Meio tonta da cerveja que lhe pagavam fácil Maria Januária viu o que não era pra ter feito. E foi preferindo sair de fininho. Tirou de dentro do meia taça uma nota de cinco mil-réis dobrada muitas vezes. E jogou a prata em cima do balcão. Escorreu umas frasezinhas chochas quase cantadas pelo meio da língua bífida. Faço questão de pagar essa Salatiel. Desculpa se eu vou te abandonar amor. Mas tá na

minha hora de servir o jantar da patroa. Arriscou com o que lhe sobrava de coragem. Tchau paixão! Fica com Deus tá! O bocado molhado queimando na minha garganta. Arreganhada ou não eu nunca trairia Conceição.

No meio-dia da primeira sexta-feira de gira falhada o Anão estava pronto. Feio feito um pelintra de assombração no seu terno de xadrez vermelho — na assunção da profissão de macaquinho de realejo. A flor roxa das pancadas do desgosto dela sangrando pela boca. Babando a ânsia na pala da lapela lisa do tecido de alface verde. A carne uma gelada gadanha aberta de vontade só. Tomado o banho pé limpo ralado esfregado de cheiro bão e sabonete forte. Mas o pixé do suor do trem cheio na madrugada agarrado no couro debaixo das roupas ia dormir pra sempre no fundo das peles até amanhã de manhã.

Não é que o Palacete do Prazer fosse uma ruína mas estava em completa decadência. Recoberto de frágeis veladuras fósseis das antigas pinturas vermelhas e brancas moribundas braços de reis poderosos saíam por debaixo da pele que revestia o monstro de pedras. Com a velha técnica do afresco sobre cal não se brinca! Iam surgindo aqui e dali ora pelas magrezas das mãos de tinta mal aplicadas de última hora — ora por um sopapo que um móvel ou um corpo provocara ali. Entrava-se no lupanar por um portãozinho de florões de zinabre. À direita da velha garagem mergulhava-se para o fundo vão estreito. O que outrora fora reservado aos escravizados agora permitia que deslizassem por ali pobres diabos livres em busca de satisfação — coisa impensável num regime escravocrata. Barrando a fronteira estava ali um livre. Filho de ventre autônomo ocultava ainda que por um salário de fome a paisagem lá dentro. O horizonte sonhado que quem quisesse ver deveria pagar. O gigantesco leão de chácara usava uma camisa de meia fininha e exibia os bíceps truculentos. Uníssonos seus músculos te olhavam de cima. E se você porta algum tipo de arma ou bebida alcoólica ele sabe na hora! Mas depois te abre um sorriso de flores jogadas no chão. Gigantesco de alegria ele te dá as boas-vindas. Mas não era o caso. Insone ele apenas esperava na madrugada a entrega

das bebidas. O puteiro ainda estava fechado.

– Evoé meu bróder! Mas tu chegou cedo ou tá muito atrasado? – E riu: –Tá di pressa branco! A essa hora as minhas priminhas tão tudo dorminhoca. É o batidão da noite... Meter com o que aparece pela frente não é mole não. – E balançando muito a cabeça como se sentisse alguma pena sibilou: – A casa ainda tá lacrada – acentuou descendo um dos pés do banco alto como se fosse embora pra sempre.

Mas ficou onde estava. Sentado parado com uma cara de ranho sonolenta sem pregar olhos e um radinho de pilha menor que uma pulga que levou ao colo. Voltou a estancar em silêncio e levou novamente à orelha as barbadadas dos seus páreos do jóquei. Às vezes os olhos ganhavam ou perdiam. Virou os cavalos para a rua e se esquecera de mim. – Sou o primo da Elvira patrão! – Eu disse ostentando minhas prerrogativas diplomáticas. Tentava inventariar uma conversa frouxa para disfarçar a paixão frustrada. E tanta emergência: – Vim me divertir irmão tem jeito? – Os cavalos se embolaram e ele gritou: – Aaah! – E me encarou. – O primo do subúrbio porra? Por que tu não falou logo! – Ela fala quase todo dia em você gente boa! – disse o porteiro dando um peteleco na vinte que morria no cinzeiro por falta da atenção ora dedicada aos beijudos. A bituca já na menor se esfarelou nas brasas que lhe sobravam pelo meio-fio adentro.

– Vamos entrando é agora patrão! Eu vou chamar ela pelo interfone oficial. – gesticulou com um tapa nas costas quase me empurrando para dentro da antessala do território proibido. E me passou do sonho para a realidade. Sem mover um músculo do corpo voltou a ouvir o páreo que corria. Pelo interesse devia ter mumunha de grana alta. Apenas estendeu o braço mecanicamente naquele gesto que fazia desde que viera trabalhar ali. – Senta aí nesse sofazinho aqui filhinho e espera que ela já vem te atender – acrescentou enquanto dirigia o olhar para o interior sombrio da guarita. Ali havia um cômodo secreto espécie câmara de tortura para recalcitrantes. Percebi que ele apontava a saleta lateral onde eu deveria esperar o fim do julgamento e

o veredito do Juízo Final. Pendurado no interfone o porteiro percebeu um raio de luz esvoaçando no rosto do Anão. Ouviu-se o homem silabar um som seco palreando numa língua gutural pelo dispositivo afônico. O que precisava ser falado ali devia ser dito bem baixo. E o que não podia ser dito era melhor que se calasse. E tudo em poucas palavras.

Negro de fumo Alcebíades tentava encaixar seu original falo africano na florzinha miúda poética e apertada de Doraléa — nome de guerra de Cremilda. Apesar dos dez e tantos anos de confissão cansada de guerra nas coxas e nas molas de tanto amassar colchão e colhão ainda fornicava cheia de fogo verdadeiro. Tanto é verdade que às vezes seus gritos incomodavam as colegas nas baías ao lado. Madame gostava de silêncio na casa de respeito e a repreendia severamente quando recebia reclamações dos seus escandalozinhos reverberando nas paredes do puteiro decadente. Mas honra seja feita a verdade era que a mulher que herdara da mãe a profissão e a pouca compleição anatômica do órgão que lhe garantia a vida ainda sofria e gemia a cada penetração dolorosa. Doraléa tinha de parto a flor infantil. Uma rosinha miúda como rubi pintalgada de delicada ramagem negra e fina. Rodeada pelos três lados por dois lábios grossos e entumecidos que se encontravam no infinito. Cheios mesmo a faziam se assemelharem ao nenúfar! Era o paraíso sonhado e dedicado de muita gente letrada que andava por ali. Mas era de Alcebíades que agora reinava dentro dela! Por tudo isso o fato é que Doraléa era requisitada mais que qualquer outra santa do puteiro. Mesmo as mais diligentes as mais idosas acrobáticas e imorais meretrizes escoladas. As putas velhas faladeiras de porcarias para quem gostava como se diz no jargão técnico com todo o respeito. Insuspeitadas na valorização do investimento elétricas na hora certa perdiam os mais assíduos frequentadores quando Doraléa descia as escadas. Ela exibia aquelas coxas de pão fresco! E o cheiro vivo do prazer invadia o ambiente lúgubre. As fatias cheias de miolo sobressaíam da bainha da minissaia vermelha afivelada com cinto de couro de onça viva! Ela vibrava e salivava e escondia no seu resvalo o demorado e

mimoso brinquedo ovalado sempre renovado e cruel. Para o inferno e o céu do prazer e da dor de quem a olhasse nos olhos. E se enganasse como o seu encanto!

Alcebiades descansou o peito maciço e sem pelos contra os seios movediços da mulher. Em silêncios entrecortados e gemidos curtos ondulantes a fêmea ia se ajeitando como podia com o negro dentro dela. Com uma torção mais ousada da nuca bem desenhada e molhada do suor dos cabelos claros dirigiu o queixo para o rosto do homem. Lambia a parte de baixo de seus lábios. Foi assim que enfiou toda a língua para dentro de sua boca. Aquecida e sem palavras ela remexia seu interior circunvizinhando as mucosas de Alcebiades. Acariciando seus grandes dentes brancos gemia com a própria boca. Bem embaixo dele esparramada para todos os lados mexia as pernas acariciando com lentos movimentos ondulantes o falo cada vez maior do porteiro.

— Bebê! — ela disse mordendo a orelha do amante e puxando a perna esquerda por cima das costas dele. Encostou o pé no lóbulo da sua outra orelha e repetiu: — Bebê! Você pode fazer comigo o que você quiser Bebê! — O silêncio do homem tornou-se mais maduro e pesado. Ajeitou o pescoço taurino no ombro delicado em forma de concha de Doraléa. Calou-se mais ainda como se precisasse esconder alguma coisa de seu tirano. O que acontecia dentro dele era a busca do silêncio original. Sem tentar fingir outra coisa cada pedaço de silêncio cada lasca de silêncio que saía dele era brusco e quase agressivo. Alcebiades encontrava-se muito mais perto da verdade agora do que em qualquer outro momento da sua vida. O silêncio fazia-o lembrar-se do seu calor africano. Depois dos anos de escravizado colonial e humilhado trazia-lhe a tortura as mortes e o tumbeiro. A família deixada para trás as filhas a mulher violentada pelo apresador inimigo e pelo português seu amigo. Lembrava-se de antes da guerra e do exílio. Então o grito de revolta e de liberdade veio. Isenta de todo medo a substância física como uma resina ecoou pelas grossas paredes mofadas e pelas abóbodas descascadas do lupanar

neoclássico.

A mansão em ruínas abrigara uma abastada dinastia de barões do café em cujas lavouras milionárias os ancestrais do negro deram a vida e o sangue. Agora era propriedade de seus ecos de prazer lucro seu. Hoje ele reinava por tudo ali dentro. Dava porrada em branco malandro que se metesse com ele. Fazia um movimentozinho de maconha para os amigos. Ia preso nunca mané! Quem dava cobertura? Ele sabia não era otário. E gozava dentro de uma branca. Sarará mas branquinha quer ver? O pentelho lourinho. No âmago da presença física e sensual de Doraléa Alcebiades reencontrava sua humanidade. Sua vingança física e a liberdade da sua verdade. Sua história partia de um silêncio absoluto dos assassinados e atingia o grito hostil da revolta do prazer.

O som nauseante da lagartixa roçando a barriga pelas paredes ecoava nos vidros do casarão Alcebiades duvidou. Escutou a vozinha fininha fininha quase um assobio. – Negão... Negão... – repetia o refrão num estribilhozinho cauteloso. – Negão... Negão... Negão...

Olhos verdes de coral Doraléa vasculhou cantos oblíquos do quarto. Num repente pousaram para o vidro da jarra sublime: ostentava o amarrado dos cravos azuis. Meninos pobres vinham misturados com os velhos ossos e os emblemas alaranjados dos defuntos. O porteiro largou as flores no fundo da saca sem cuidado depois que pagou barato no refugio do fim da feira no Largo do Machado: era uma sexta-feira com a Léa! Então viraram presentes caros para ela. Ele mesmo colocou na jarra cínico as imponentes orquídeas do Jardim Botânico da Xepa. Numa estratégia para esconder os danos os enquadrara de lado meio tortos quase despercebidos diante da cama que receberia Doraléa. E seu falo nela enquanto fosse tempo. A visão das flores esfrangalhadas dançaria na frente dos dois: uma prova de amor pela miúda trabalhadora do mundo.

Arregalada espalhafatosa ameaçadora Doraléa aspirou entre os lábios anestesiados pela saliva e os dentes do homem: – Quem é esse cara meu Deus?!!!

– Alcebiádes não se mexeu. – Que porra é essa Bebê? Um homem dentro de casa depois do final do expediente?

– Calma Léa. E o Anão. Tá apaixonado pela Elvira. Acabou ficando meu camarada. — Alcebiádes disse contorcendo a respiração. Preocupado pelo humor acre de Doraléa abandonou sem cerimônia a mulher ainda quente e arreganhada. Sentando-se na beira da cama a viu fechar com classe as pernas grossas e bonitas. Doraléa desapontava aquele fechamento. Um momento antes estava preparada para cumprir o seu voto de castidade. Agora ao invés de prazer o que a possuía é que do lado de fora da porta um Anão maluco resfolegava.

Quase asmático percebia-se que o pequenino homem não queria estardalhaço! Ao mesmo tempo não conseguia conter a ansiedade numa premência de um lado para o outro. Ágil elevou a voz para dentro do quarto: – Ela não goza Irmão! Não posso me casar com uma mulher que não goza! – Fez a pausa da angústia que sucede as confissões. Os dois amantes que acabavam de se separar por causa daquele intruso inoportuno do lado de fora se entreolhavam. Mas nem de um nem do outro veio a solução. O desapontado Romeu retomou: – Tem outra? – E num tom que revelava seu total desamparo e desespero o Anão acrescentou: – Assim fica difícil Chefe!

– Quem é esse cara Alcebiádes pelo amor de Deus! – disse Doraléa arrematando as pernas contra o queixo com os braços. Preparava-se para pegar um cigarro do maço do mata-rato que a olhava da mesinha à mão da cama. Tudo ali camisinha e papel higiênico. O resto do que era preciso estava dentro dela. Observou o antúrio chorão em flor excitada também presente de Alcebiádes. Esse sim vivo e novo bem melhor do que os amarfanhados cravos gratuitos dos defuntos que passaram sem eles! Cenário que admirava em silêncio quando se entregava ao prazer dos outros o antúrio ereto. E se lembrava do carinhoso amante africano. Sua flor firme agora serviu para uma funesta meditação: – Se Madrinha sabe disso mata nós dois Bebê!

Sem dar tempo para Doraléa Alcebiádes foi direto

pros cigarros. Bateu dois crivos e enfiou dentro na boca. Disparou o isqueiro estendendo um cigarro já aceso para a mão da mulher. Ela apertando o filtro entre os dentes e voltou a deitar-se. Repuxava contra o corpo a colcha de chenile surrada. De um preto fosco desenxabido o pano barato criava uma onda de sombras que surgiam ora para cima dos seios branquelos ora para dentro das coxas cheias.

— Viu um anãozinho encostado no balcão. Tava com um terno de xadrez vermelho. Tomou Coca-Cola a noite inteira?

— Um raquíto com cara de sacristão?

— É ele mermo! — Está apaixonado pela Elvira. Quer casar com ela. Agora parece que deu alguma coisa errada Alcebiades acrescentou.

— E ele ainda quer que a gente goze antes do casamento! — disse Doraléa com nojo irônico. Soltava a fumaça em direção à janela aberta. As duas neblinas se confundiam na luz baça da madrugada levantando do chão o pátio coberto de goiabeiras. Alcebiades fumava parado de cabeça baixa contemplando o chão.

Àquela hora do amanhecer a brisa constante vinda da baía soprava e inclinava as poucas folhas das fruteiras magrelas. Erguidas como um negro veludo lançavam sombras contra o branco detrás da casa. Soprava em direção ao Sul a brisa como sempre. A pouca claridade dos entremeios das plantas dava ao pátio de grandes lajes de pedra a cor do queijo salpicado de vermes brancos. Uma harmonia entre o paladar e a esquiva de luz das trevas. O silêncio da noite foi substituído pelos ruídos miúdos da solidão. Típica manhã comum fresca antes do trabalho no paço espanhol.

— Tira ele daqui Alcebiades! Isso vai dar uma merda dos infernos! — disse Doraléa tornando-se cada vez mais agressiva e assustada.

— Negão! Negão! Vai me deixar na mão Negão? Eu já senti que tai me deixar na mão!!! — o Anão sussurrava quase aos gritos do lado de fora da porta. Perdia o equilíbrio não sofreria mais tudo aquilo em silêncio.

Uma sombra violeta claro esbatida uma espátula turvou a vidraça na folha da janela entreaberta Via-se ainda a claridade do poste da rua. A nuvem pesada de chuva ensombreceu recém-madrugada. Criava uma cromagem quente e mal agourenta sobre a penumbra do quarto.

– Porra Negão! Tu vai me deixar na mão eu já senti! – Já se podia ouvir a sua respiração ofegante e seu coração desesperado vazando pelo vão da porta.

– O cara é gente boa Dôra. Calma! Ele tá apaixonado! Todo homem apaixonado por uma puta deve ser levado a sério! – disse Alcebiades pegando as calças de sarja creme em cima da cadeira ao lado da cama. Puxando o chinelo de reserva que guardava por ali pode ouvir novamente o lamento do animal ferido súplice.

– Negão tá acordado ainda? Me arruma outra mulher ai cara!

Finalmente o Anão bateu à porta fazendo surgir seu estado de alma. Mesmo que a paixão arrefecesse precisava saciar a força do instinto.

– Ele vai fazer um escândalo aqui dentro você tá vendo? – disse Doraléa com ar de pânico.

Completamente nu como um lagarto ao sol com as calças jogadas ao ombro Alcebiades deslizava de um lado para o outro sem se decidir a coisa alguma. Parou detrás da porta maciça de madeira de lei. O cômodo de luxo do antigo solar agora estava corroído pelo caruncho. Era a podridão física do puteiro aliada à de um tipo obsoleto de moral com a qual ninguém se importava ali. Alcebiades falou pela fresta da madeira do caixilho:

– Tô saindo velho – disse finalmente enfiando sem equilíbrio uma perna na calça amarfanhada que agora segurava com a mão esquerda.

– Deus seja louvado peão! Pensei que tu estivesse morto meu irmão! – Alcebiades ouviu o Anão dizer aliviado.

Doraléa sentiu o pixé bom que vinha do corpo do negro: do seu pescoço do seu tórax das suas pernas. E percebeu o quanto ela cheirava também como ele.

Alcebiádes tinha deixado em seus braços em sua carne molhada em sua boca o mesmo tipo de cheiro que incendiava o quarto. Fazia passar para dentro das asas das suas narinas a certeza imortal daquele encontro — com alguém que a fazia sentir-se viva! Percebeu o arrepio de medo corrugando a pele quando voltou a pensar nas consequências do gesto camarada do porteiro. Era falta grave que se descoberta seria punida com rigor.

Alcebiádes abriu a porta com cuidado para não deixar a nudez da cama à vista. Num pulo passou para o lado de fora. A textura granulada das paredes emboloradas diante da solidão e do sobressalto ficou mais nítida e dura aos olhos da mulher. Doralêa tinha ficado tonta e viúva quase à morte! Ouviu os passos delicados de Alcebiádes — evitando fazer ruído e arrancar gritos das tábuas velhas. Afastava-se pelo longo corredor escuro abraçado com o Anão. Algumas palavras sussurradas e murmúrios de cabeça baixa já não se podiam decifrar pela distância do que diziam. Tudo era lá longe agora um silêncio de outro tipo. O seu homem se calava. Um calar diferente dolorosamente outro. Não haveria aquele grito que ele tirava de seu corpo. Aquele grito que fazia também o corpo da mulher uivar. Antes de explodirem juntos no velho clamor de guerra africano. Ela também tinha um pé na cozinha!

Minúsculo na frente de Alcebiádes a figura do Anão erguia-se sorridente no centro da lavanderia. Sólida garça de bronze buscando o desequilíbrio deslocou o peso do corpo para o outro pé. Pousou uma perna na frente da outra e meteu as duas mãos nos bolsos. As mesmas calças largas e que como Alcebiádes as enfiara às pressas ao se levantar da cama da falsa Elvira. Como pássaros que pousam juntos num galho fino da laguna fresca Para que suas palavras a tocassem mais de perto inclinou um pouco o corpo e disse para a menina gorducha que se ajeitava numa esquina do chão:

– Gosta de ler? – Ela mantinha o livro aberto nas mãos sem olhar para ele.

O Anão usava um trêmulo tom na voz de mímico sedutor. Tocada pela pergunta Elvira tirou os óculos.

Depositando o livro entre as pernas que acabara de cruzar fez subir um pouco a minissaia marrom estampada. De tudo aquilo o que mais chamou a atenção do Anão foi oculto pela impecável calcinha azul celeste o monte fofo de seu sexo. Um pouco lisonjeada com o evidente escrutínio Elvira relaxou o corpo. Suas virilhas se afrouxaram e empurrou com cuidado o volume para o lado. Quase teatral e despidorada recruzou as pernas na posição de lótus transformando-se na faquir da lavanderia. Ostensiva agora deixava a reluzente roupa de baixo à mostra. Deu um longo suspiro filosófico *nouvelle vague* e esticando o queixo em direção ao Anão falou dando de mão quebrada como se estivesse cansada de repetir a mesma coisa em apinhadas conferências acadêmicas:

– Ah! Sim! “A rainha sem olhos” leu? – Como o Anão não respondesse tão enfarruscada questão ela continuou:

– É muito melhor que o “O Rei de Barro”! Raul Carvalho atinge n’A rainha a perfeição da narrativa truculenta e pulverizada. Estou desde às quatro horas da tarde de ontem mergulhada nele – disse tomando um longo fôlego.

Elvira compartilhava com gosto conhecimentos sobre aquelas literaturas que a envolviam. O Anão lhe fizera a pergunta chave que sempre lhe destrancava a língua:

– No ambiente de uma epidemia de fome é a história de uma criança cega acorrentada pelos pais por compaixão no quintal dos fundos da casa para que não comesse os ratos dos esgotos. Enquanto isso eles planejam se matar e a ela com ervas venenosa enquanto fazem sexo selvagem. Até que moscas carnívoras comem os olhos da menina. A criança então começa a falar numa língua estranha que o povo havia abandonado há muitos anos. Apenas os anciãos que ainda sobravam da aldeia ancestral conseguem decifrá-la. A criança fala sobre os motivos da fome a culpa do atual rei pela epidemia. É o apogeu do romance antropológico africano. O retorno à noção do devoramento na origem da linguagem ou da linguagem na origem do devoramento. – Elvira

escolheu uma passagem marcada pela dobra da quina da página e leu: “Todo encontro deve ser verdadeiro. Mesmo com as moscas que te comem os olhos. A criança se entregara inteira ao seu destino. E assim reencontrava as fontes da sua comunicação com a morte ancestral. E como consequência também com a vida do seu povo”.

Metida num grosso pulôver cinza escuro de gola bufante a menina mordiscava a lã com os caninos miúdos enquanto equilibrava nas mãos o pesado volume. Acomodou-se melhor para dentro da trouxa de roupas sujas em que se recostava. Encurralada num canto cego e sem janelas da lavanderia sua figura colorida destacava-se contra os ladrilhos brancos lavando geometricamente a parede fria. O desenho das grossas pernas escancaradamente de fora era rematado por duas elegantes botas de camurça castor. O rosto da jovem viçoso e enfeitado com brincos artesanais em tom de verde vivo esboçava um perene sorriso de autocontentamento. Os adereços em perfis quadrados chamavam a atenção para os dois olhos cinzentos em uníssono com o agasalho. Complementava a cena uma forte dissonância provocada pelos lábios cheios de batom goiaba. Aquela aquarela requintada lhe dava a aparência de um pequeno sátiro sonolento saindo de dentro de uma gruta sagrada com um copo de vinho na mão. Tinha o ar afrancesado quase Sorbone-68. E confessava-se completamente apaixonada pelos personagens maníacos do romance que lia e relia.

Tentando não ser mais distraída da leitura pelos importunos visitantes Elvira girou o mais que pode o torso para dentro de si. Encolheu-se em direção ao ângulo da parede ocultando a visão do próprio rosto com a capa do livro. Já tinha falado demais e agora forçava os próprios braços para que agarrassem firmemente a obra. Com essa manobra abrupta realçou os dois peitos cheios adquirindo a fisionomia de uma mulher madura e provocante. Descruzou explicitamente as pernas e compôs-se abraçando os tornozelos com a mão livre. Enrodilhou-se ainda mais como uma leve serpente noturna. Praticamente confundiu suas escamas com a azulejaria da parede. A massa amarfanhada da trouxa de roupas que ela

fazia de almofadão quebrada pelo peso de seu corpo amolgou-se com um ruído seco e afundou-se mais ainda. Elvira moveu os dedos dos pés dentro das botas como se fosse agarrar uma presa — ou fizesse força para se empoleirar e se equilibrar no galho mais alto de um arbusto. Foi reclinando o corpo lasso suficientemente macio em direção ao anteparo que lhe servia de apoio no cômodo úmido. Apoiou a cabeça de lado e encostou o livro na trouxa contra o tecido branco do lençol de seu último folho. Sem olhar para o lado acusou a presença do porteiro que assistia a toda a palestra em completo silêncio:

– Não tem um baseadinho Alcebiades? – Antes que o negro tivesse tempo de responder o Anão tateou algo no bolso. Tirou de lá de dentro rápido como um raio um embrulhinho em papel-celofane. Estendeu a mão fechada para a menina e disse:

– Esse é solto. Eu planto junto na horta do quintal da minha avó. – E fazendo um gesto mágico abria a mão lentamente. Soltava no ar como uma pomba inesperada a trouxinha que foi cair entre as coxas da menina.

– De que romance psicodélico você saiu parceiro? – Elvira disse por cima do livro voltando-se com espanto para o Anão ainda sem encará-lo. – Um bagulho solto a essa hora da manhã? Caramba como a humanidade é difícil amigo! Li a noite toda e ninguém aqui pra me salvar até agora! Foi só você chegar!

Elvira pegou a liamba e colocou entre os seios. Fixou novamente o olhar displicente no livro. Ajeitando-se melhor no ângulo da parede sem olhar para o Anão que a admirava. Dirigiu-se suavemente ao porteiro:

-- Alcebiades não me consegue uma daquelas tuas cervejas sem gelo horríveis que caem bem de manhã? – E forçando o tom de voz: – Posso te pagar com o corpo mais tarde! Se conseguir uma meia dúzia. Você pode fazer comigo o que você quiser Bebê! E riu humana e desastrada aproveitando-se do que em poucos dias já lhe ensinara Doraléa. O Anão arregalou os olhos espantado e maravilhado prevendo o Jardim das Delícias ao Amanhecer. E

adiantou-se à resposta do porteiro:

– Eu pago uma rodada! Mas cerveja gelada por favor cavalheiro. Sim cerveja quente só nos infernos! – Risos gerais aplausos e um gesto grandioso de reverência por parte do Anão. Elvira baixou o livro e finalmente olhando-o de frente rematou:

– Você é o gênio da lâmpada habibe?! Agora vai me oferecer cerveja gelada!

– Sou só um humilde pesquisador na oficina de prazer de vocês. – O Anão rematou com humildade. Elvira soltou uma longa e sonora gargalhada muitas vezes experimentada. Fechou e depositou o livro entre as pernas enquanto tirava do entresseios a trouxinha de maconha. Rasgou o invólucro com os dentes e começou a destrunchá-la com as pontas das unhas bem-feitas modeladas em verde vivo. Tomando fôlego explodiu:

– Oficina? Dos prazeres! Um puteiro xexelento e meia-boca. Você é filósofo professor? – E fez-se silêncio. Talvez Elvira tivesse usado um calão baixo demais para tão sofisticada plateia.

Alcebiades quebrou o gelo:

– Eu vou buscar as cervejas. Tenho uma caixinha guardada no frigobar da recepção – disse enquanto se preparava para deixar a lavanderia.

– Você vai me deixar aqui sozinha com esse psicopata? E se ele me matar? – Arremedou Elvira. O branco dos olhos do Anão adquiriu a cor do fogo de um assassino. E uma cólera teatral começou a tomar conta de todo seu rosto. O porteiro e Elvira desataram numa debochada gargalhada.

– Ninguém pode me matar! – disse Elvira batendo na carne das coxas cheias para demonstrar sua incorruptibilidade. – Eu sou imortal acrescentou cheia de júbilo fazendo um gesto demonstrando sua fortaleza.

O porteiro saiu dando graças a Deus por ter-se livrado do problema com o Anão.

Equilibrando-se num velho banco alto de balcão de bar largado na lavanderia por falta de uma perna o

Anão adquiriu um tom profético. E balançando-se olhava para Elvira que entretida com a confecção do cigarro novamente não olhava para ele. Pigarreou alto e de forma afetada disse:

– Agora se trata de conhecer melhor os crimes dos homens que atentaram contra os Soberanos da Arte. E não mais de segui-los. – E consertou com uma das mãos o cós das calças em grandes xadrezes vermelhos sobre fundo cor de vinho escuro. Os panos excessivos lhe escorriam em sanfonas velhas pelas pernas. Com a outra mão levou até à boca miúda o cigarro que a mulher lhe estendera já aceso. Bicou como um pássaro o pequeno charuto que fumegava de suas brasas. Aspirando com gosto a fumaça e prendendo a respiração acrescentou sem fôlego:

– É necessário que se mergulhe nas estruturas básicas da relação entre a estética e a revolta. Só isso acrescentaria algo de novo à superfície já tão conturbada da tela. Sim ali é o lugar para esse grande exercício criminoso: o sagrado regicídio plástico. — O Anão deu outro tapa e novamente escondeu com esforço a fumaça para dentro dos pulmões. Seu rosto maciço como uma torta recheada com as pequenas espinhas inevitáveis num glutão ganhou um colorido violáceo quase cor do céu nascente. Não suportando mais a falta do ar explodiu o sopro com raiva entre os dentes da frente desgastados pelo alcatrão e pela cachaça. Passou o cigarro de volta para Elvira.

A menina enfim fixou os dois olhos grandes de ovelha sacrificial no pequeno ser que balançava ritmadamente sobre o banco cambaio na sua frente: aquele era o homem a quem sempre admirara como um mestre. Enquanto esperava o retorno do cigarro o Anão tomou fôlego: voltando-se para a janela girou a cabeça procurando as nuvens que já despidas do cinza noite de quando chegara na lavanderia adotavam o rosa transparente da aurora. Mas ainda pesadas do temporal de ontem causavam uma leve náusea no Anão. Escolhendo os pensamentos por seu conteúdo inconfundível sopesou a cabeça de um lado para o outro acrescentando com velocidade dramática:

– As artes plásticas e os jogos de poder! – Parou e

olhou suavemente sem disfarçar para as coxas grossas de Elvira. Os mármorees marrons claros que o Anão tão placidamente admirava terminavam no triângulo convexo e miúdo da calcinha celeste. Mal escondida pela minissaia a flor interna de Elvira ainda dormia àquela hora. E o Anão balançou afirmativamente a cabeça sussurrando em tom íntimo quase de assédio:

– Da minha parte daqui para frente nos depararemos exclusivamente com a execução de pintores inocentes! – Fez um gesto forte com os olhos grandes e arrematou num sussurro gritante e cheio de nojo. – Frutos podres de uma linguagem que articulou a morte da arte!

Elvira acreditava piamente na verdadeira magia do ato criativo-revolucionário que o Anão preparava diante de seus olhos. Devolveu o cigarro. Salatiel pendurou o baseado entre os dentes. Esticou a mão para fora da janela e experimentou a chuva. Ainda não chegara. Seguro do seu estio provisório disse com a perspicácia de um velho cigano que treinasse pulgas:

– Talvez! Talvez um grau mais afastado da verdade no autêntico sentido platônico. – Sem olhar para Elvira desdenhando a plateia e o que alguém pensasse dele e de suas ideias fez uma pausa dramática de mínimos segundos. Ajeitou delicadamente a piteira do porrongo. Levou a brasa do cigarro próximo do pequeno bigode com as pontas torcidas em arco para cima. E aspirou com volúpia a fumaça pelo nariz. Seus olhos se encheram de compassivo calor humano. Esticou os músculos da face como se protegendo de uma forte ventania e voltou todo o corpo para próximo da janela. Soprou um resto de cinza da ponta do cigarro lá para fora reparando nas montanhas circulares que acordavam. Seu tom azulado denunciava a proximidade do mar. Acrescentou:

– Se é que a verdade ainda consegue de qualquer maneira se manter sobre as pernas. – Considerou o próprio desgosto e revelando condescendência disse: – A arte deixou a muito tempo de ser assunto de juízo estético para ser conhecimento puro: intuição do vir-

a-ser: miragem para ser digerida imediatamente em sua intragável massa malcozida. E da maneira que nos for possível e se nos for possível engoli-la! – Voltou-se para Elvira tragou e esticando o cigarro de novo para ela acrescentou enquanto novamente falava para dentro com os pulmões cheios de fumaça:

– Ao menos para aquele que se dedica a salvá-la porque a encontrou moribunda ao lado da linha férrea. Alguém que diante disso senta-se imóvel e desesperado com a cabeça entre as mãos sobre os trilhos do trem. Ou a sua radicalidade descarrilha a composição ou deverá ser também eternamente atropelado pela próxima locomotiva!

Então a esperada chuva agourada pelo gesto repetido do Anão chegou. Veio cataclísmica primeiro indecisa como galhos que se quebram sob pés numa fuga. Cega depois em fartos seios balançando a enxurrada. Primavera! brincando irresponsável nos seus momentos de menina. A silhueta delgada magriça e esquelética do galo de flechas de vento do anexo recortada contra o janelão colonial girava e espalhava um halo branco detrás das suas costas. Frutos dos primeiros raios de sol os lampejos azulados da chuva acendiam o telhado vermelho sujo e alto. Sob aquela luz fresca viam-se as cobertas vulgares de taipa vermelha do anexo. Caverna requintada onde os antigos senhores guardavam os coches engraxados de negro polidos por mãos humanas e servis.

Súbito uma mulata corpulenta fugindo da chuva estava estatelada de pé diante de Elvira e do Anão. Com a trouxa de roupa encravada debaixo das costelas magras erguia sem esforço um calhamaço de pano sujo. Amarrava entre seus dois braços fortes a tralha e forçava o corpo para dentro da lavanderia. Amiudando os olhos para se defender dos pingos que atravessavam a janela aberta revelava pela contração dos músculos o esforço que fazia para se aguentar de pé com aquele peso por cima do corpo. Elvira vislumbrou os cabelos anelados bem tratados e reluzentes da mucama. Contemplou seu rosto com gosto de madeira e imaginou que gostaria se Deus tivesse lhe dado a graça de ter sido tão bela como ela. Sempre se achara miúda e mirrada: meio gordinha

coisa feia daquele jeito mesmo. Apesar de ter pernas bonitas disso ela se gabava! A serva sem ligar o mínimo para a presença de Salatiel soltou a trouxa de roupa diante de Elvira como quem se livra do corpo de alguém que acabava de matar. Imitou fixamente o olhar que a menina lhe lançava forçando o rosto para frente numa mímica medonha. Depois sugeriu um carinho:

– Parece que vai ter um quarto vazio pra você hoje. Parece que ouvi Madrinha dispensando Emília. Parece mas não sei que a próxima da fila é você! – Forçava o “parece”. E acrescentou rigorosa – Vê se não me suja muito os lençóis. Sou eu que lavo e você sabe muito bem disso. – Jogou um beijo safado lambendo o corpo de Elvira com visgo fresco de desejo maduro. A menina se encolheu diante da notícia — que por tantas semanas esperava e temia jogada ali naquela lavanderia gelada. Dormia apenas protegida por uma manta sobre as trouxas e os ladrilhos decorados do piso.

Finalmente era aquilo: ela entraria em ação. Talvez parece ainda naquela noite. Quando a Madrinha dispensa alguém é bom que suma dali rápido. Também — não se esquecia — precisava pagar a dormida e as marmitinhas que a Madrinha mandava para ela. E que já contavam mais de um mês de serviço por conta da casa. A mulata que lhe trazia a boa notícia era bela como um rapaz. Chegada há poucos meses dos cafundós da Bahia fora criada numa grotta dum mato onde quase não se aprendia mais a falar o português. Tinha encantado Madrinha nos primeiros meses pelo trato fácil e a capacidade de atrair e agradar os clientes. O que fez chegar até os ouvidos da cafetina elogios rasgados sobre a virgencinha do interior. E que não se entregava a ninguém! A Madrinha sabia dar tempo ao tempo quando queria. Mas de lá pra cá cresceu-lhe o nariz empinaram-se as ancas e sem dar mesmo para ninguém! Entre uma e outra limpeza dos quartos ela passou a contrabandear bebidas caras. E aos que voltavam à casa pedia presentes encomendados em tais lojas de Copacabana que ouvira no rádio e confirmara com as colegas. Mimos que aprendera a valorizar. Mas o gostoso mesmo nada. A flor da

juventude à ninguém fazia graça. Agia assim de forma desonesta no estabelecimento comercial de Madrinha como se estivesse na sala de visitas da sua própria casa. Abrira para si sem nenhum esforço um negócio lucrativo e paralelo. E sem retorno para os clientes. Principalmente para Madrinha! O que jamais a Casa Branca como era conhecida consentiu!

– Você vai no meu lugar. – disse Elvira para a baianinha que a olhava com os olhos arregalados.

– T'esconjuro Elvira! Não nasci pra puta! Tô aqui sem saber pra onde vinha. Entrei como faxineira e vou sair como faxineira. Eu de jeito nenhum! Desisti não quero mais saber nem de benfeitoria de homem. Andei fazendo umas besteiras Madrinha me alertou com carinho e depois eu encontrei Deus pelas mãos de uns crentes lá no Largo do Machado. Bendita a ira do Senhor!

– Ninguém nasce pra puta Eusébia. A gente se defende se cria se faz do que foi feito da gente. Vai lá e faz com quem te escolher pra noiva de um momento e quiser gastar um dinheiro o que você vai fazer um dia com teu namorado no final de semana naqueles hoteizinhos baratos da Rua do Riachuelo. Quem sabe não arruma alguém que te dê alguma coisa a mais que o teu Romeu? Oh meu Deus a ira do Senhor!!! Aqueles sanduichinhos de mortadela velha que vocês vão comer de madrugada na Mem de Sá quando sairão do hotel! — Disse como numa profecia de terror! — E rematou: — Vai cara! Por que não experimenta? Eu te dou minha vaga.

– O mal não tem gosto de nada Elvira. Deus não vai permitir isso.

– Que que Deus tem a ver com a tua vida Eusébia? Tu nasceu da barriga da tua mãe como um cachorrinho nasce da barriga da cadela da mãe dele. Madrinha te alertou porque você jogava sujo. Enganar homem é sacanagem. Fingir que dá mas não dá só pra arrumar dinheiro. Isso é golpe! Mas vai lá. Se arruma joga limpo. Mete a cara e vai em frente. Vai ganhar dez vezes mais! Ter perfume roupa nova poder comprar um carro. Arrumar um cara pra te levar pra dançar na Barra da Tijuca. Ir até à

Argentina quem sabe conhecer o tango. A vida é isso minha filha não desperdiça. Aproveita!

A chuva estiara. Salatiel que tinha encostado o banco bambo na parede continuou sentado em silêncio no vão entre a porta e a velha máquina de lavar. Acabou de consertar o baseado que Elvira confeccionara com esmero oriental e que se apagara durante a conversa com a mucama. Acendeu-o com calma com o pequeno isqueiro de plástico que tirou do bolso e fumou — enquanto saboreava o silêncio causado na alma de Eusébia pelas palavras de Elvira. Silêncio só interrompido pelo arrastar dos chinelos da mulata que resolvendo não retrucar se retirava sem dar adeus. Salatiel não pode deixar de perceber as carnes de Eusébia. E voltou o rosto para Elvira como se desculpando pela falta de diplomacia. De novo levou o cigarro à boca. Deu outra baforada duas tossidinhas e estendendo para Elvira o cigarro disse olhando novamente para a mulata que se afastava pelo pátio molhado:

– Essa é uma decisão difícil Elvira. Entre o lucro o pecado e Deus! Os homens já sofreram muito por isso. Talvez fosse melhor acabar com as três ideias de uma só vez! E trabalharmos para que o povo tenha um governo central que não nos oprima. E que ao mesmo tempo nos liberte do capitalismo da prostituição e do idealismo hebreu.

– Nem a Bíblia nem o Capital Salatiel! Apenas uma mulher que abre as pernas por dinheiro. E ainda mia gostoso se precisar! Nunca ouviu falar nisso? – disse Elvira baixinho quase sensual. E esquecia a mão com o cigarro parada no ar enquanto pressentia os primeiros efeitos da liamba rodando dentro da sua cabeça bem-feita agora. O pito índio era de primeira!

As garças gritavam voltando da noite na floresta. Descreviam no ar azimutes exóticos em direção ao pedregal das ilhas fronteiriças à orla. Dentro da construção maciça nos fundos do casarão escutavam-se suas vozes zunindo contra os ladrilhos brancos. Nos ninhais da origem ocultas aguardaram durante a noite seus destinos de ir e vir. A chuva passara de vez. Aos poucos e por detrás das nuvens o sol insistia: rasgava com os dentes uma escotilha

na carne das nuvens: lavava um por um os telhados. Elvira arriscou outra tapa. Engoliu a fumaça e como o Anão falando sem voz revelou os pensamentos geniais que lhe atravessavam:

– Sol e chuva casamento de viúva! Chuva e sol casamento de espanhol. E riu. Riu muito sacolejante uma risadinha frouxa do que só ela achou graça. Encantou-se com um passarinho que era uma folha amarelada do lado de fora. Fixou sua atenção no canário dourado ensimesmado sobre o fio do próprio pensamento. Reluzente de orvalho ampola pulsando contra o fundo do trigal cinza infinito. A imagem que lhe ficara da mulata pudica e carola agora era quase uma miragem. E tinha os cabelos cor de cebola. Imaginava-a esticando seus doces olhos para Elvira. Quase pedindo perdão por ser muito mais pura e mais bela e mais virgem do que ela. Elvira assustou-se com aquilo e firmou novamente o pensamento na mulata que poderia substituir-lhe na nova jornada da sua vida. Olhou fixamente para o Anão. Só então ele pode perceber envolvidos em uma toalha vermelha e escondidos pela trouxa por detrás das costas da menina duas cabeças heráldicas: pequenos cães amarelos. Um fiapo de língua do lado de fora enfeitava os delicados lábios cor de manteiga. Estava tornando-se claro que os dois animais e Elvira tinham construído uma amizade duradoura. Embora já tivesse trinta e seis anos e houvesse passado os últimos dez fechada num hospício ela descobria que esses sentimentos que nutria pelos cãezinhos eram legítimos. Os primeiros laços que firmava com qualquer ser vivo desde que nascera e fora lançada contra seus pais — e seus pais contra ela. Eram a sua vida aqueles bichinhos. Estava ali o que Salatiel vira de novo na menina que procurava por tantos anos. Desde que chegara não conseguia entender nem explicar aquilo: os seus olhos brilhantes de ternura e afáveis. Os dois cães haviam salvado sua humanidade. Ela disse suave e elegantemente para o homem que calado assistia o fim da chuva:

– Essa sou eu. Eu vida eu vira Elvira lata a encurralada. Encurralada Elvira vira-lata. Essa sou eu... – repetiu meigamente para o Anão. E acrescentou com brilho nos olhos: – E você Salatiel

Salieri o Mágico! O que você tem feito? Tem pintado?
– O Anão entregou definitivamente o cigarro para Elvira. E com seu gesto extático deixou claro que estava tranquilo. Andava coreograficamente pelas lajotas de losangos frios da lavanderia. Foi-se deixando escorrer pensamentos à deriva sem esconder um profundo tom comovido:

– Extremos livres pinceladas cheias de luz evanescente. Construo uma poesia trágica tão anacrônica quanto cenográfica.

Então ele exulta. E parece que de verdade de seu peito encimado pela velha gravata borboleta — com o babado de limo verde e respingos de saliva — fossem surgir um par de ensinadas pombas brucas.

– Agora - concluiu - espero a Ressurreição das Ninfeias! Aquelas flores nauseantes e belas que murcharam e afundaram no solo pantanoso do lago de Giverny. Espero lírios negros com o poder de me fazer sentir o horror que dorme dentro de mim. Uma força movediça que pode avolumar-se a qualquer momento. E me puxar de volta para o fundo do lago. Lá onde dormirei meu sonho de artista morto. Sem pintura nem excrementos. Existirei somente na memória daqueles que me odeiam. E no inferno das minhas próprias culpas. Preso no meu duplo gigantesco de eternidade. Náufrago nas enormes telas da Orangerie!

Parou deu uma piscadela para Elvira e concluiu bombástico e sacana:

– Que vão finalmente enfeitar canecas e camisas de estampa a quente nas feiras de artesanato e presentes *kitsch*. Fez uma medida circense com gestos largos e excessivamente lentos. Elvira aplaudiu gemendo como quem goza várias vezes. Estava acostumada com aquilo principalmente na adolescência quando completamente louca assistia embevecida àqueles discursos inflamados de Salatiel Salieri. O único ser vivo de fato naquele casarão decadente onde fora criada. Fazia tanto tempo que não os ouvia. E o quando ainda precisava deles!

De novo o velho mar e as tempestades abruptas voltavam a rugir entre o Anão e sua protegida. E vez

por outra seus olhos oblíquos se encontravam e se tornavam mansos com apelos brilhantes quase incestuosos. Os câezinhos de grandes olheiras como as marcas da maré na praia do mangue os espreitavam com as patas cruzadas. Respiravam ritmadamente no ar ainda limpo da manhã. Elvira olhou os cães e jogou a cabeça para trás descansando as costas contra a parede. Abriu naturalmente as pernas diante do homem já acostumada com elas. Encarando Salatiel disse num tom casual:

– Os assírios consideravam o sexo uma atividade isolada no contexto da personalidade. Esse é o significado de seus cavalos alados. Pégaso o animal grego tem o mesmo sentimento. Um desejo que se evola se revelando ao evaporar e deixando no chão seu cheiro de estrume. – Ela parou e massageando a parte de trás da cabeça contra os ladrilhos acrescentou: – A dor a dor é uma testemunha da carne.

Um par de luvas negras acenava para os dois pendurados no varal improvisado no fundo da lavanderia. Elvira rastejou a bunda em pequenas ondulações e puxando o corpo com os pés escorregou as costas. Descendo pela parede deitou-se e tocou com as botas os sapatos de bandinha do Anão. Uma fita de barriga branca com uma ramagem quase dourada descendo em direção às virilhas surgiu entre a mini blusa e o cós da saia. Seus seios esparramados debaixo da malha quase desapareceram espremidos contra as costelas. Deitada no chão olhou fixamente para os pés do anão ao seu lado. Arregalando os olhos disse com voz de oráculo:

– Sabe que dia é hoje Salatiel?

O anão viu refletida nos olhos violeta da menina a mariposa amarela que jazia quase esfrangalhada sobre o ladrilho branco ao lado de seus pés. Uma asa em cada olho. Diptótero. Kalidoskopia. Kinematógrafo. Lânguida desengonçada a mariposa estertorava. Os olhos de Elvira fitavam o inseto. E seus pensamentos batiam as asas junto com ele.

– Dois de Novembro! – Salatiel disse sem tirar os

olhos da mariposa.

A ampla fita de azulejaria portuguesa com motivos florais desencontrados e simétricos dividia as paredes na metade da sua altura. Persistente em toda a orla do aposento interrompia-se somente na parte inferior da janela e entre os batentes da porta de ferro para deixar passar o vazio e a paisagem — e as gentes. Um cego espelho abandonado ali não se sabe por quem exibia a verdadeira face das pessoas junto com a sua própria e imensa lepra ferruginosa. Compunha fisionomias esdrúxulas formas inventadas pelo passado possíveis decadências futuras. Mal se refletiam nele jogados no chão um envelope plastificado de fumo inglês um maço de papéis de seda espanhol e um velho isqueiro niquelado Ronson — presentes de uma enfermeira amiga que Elvira recebera antes de deixar o manicômio em Japeri.

Estavam largados ali ao lado do cinzeiro artesanal de casca de coco e do livro marcado na página onde Elvira se interrompera: a orelha envolvia a contracapa: a “Princesa Sem Olhos” estaria sempre ao alcance da mão. A mariposa enfim terminara seu estrebuchar.

– Feliz Dia dos Mortos Salatiel Salieri! – Elvira disse.

– Feliz Dia dos Mortos para você também Elvira! – o Anão retribuiu.

2

dois de novembro manhã diante da tua foto vestido como espantalho à espera da tua visita inesperada sentada nua na banquetta do piano fumei ininterruptos cigarros sem filtro ouvi meu choro de soprano e inventei sonetos de pés embaralhados sem compartilhar com ninguém mastiguei meu silêncio minha máscara atual flácida voltada para o céu os olhos quase fechados e imóveis o pequeno e macio cão à pilha me aguarda à noite com seu jorro intermitente e importado mecânico amor aquecido sem cor depois da novela o corpo sangrento sem par

sempre sem ar dentro das vísceras tripas rotas
esfarrapadas a pele invisível das mãos paralisadas
gesticula morta e tonta como moscas bêbadas luvas
chiques tons de vinho magenta revestidas de pelos
claros cintilantes de um animal extinto dependendo toda
hora do que vem depois há tanto tempo que já me
acostumei a esperar sentada nunca estou habituada
a nada bem amada ou mal passada isso ou aquilo de
qualquer jeito como sempre com qualquer um foi não
foi o sapo boi tanto faz! nunca cessam os mesmo atos
cotidianos engrenagens repetidas nem seus vícios
seus clientes seus dentes nem eu nunca somos
novidade alguma para filmar nem para mim nem
para ninguém agora uma longa fila de dias é só o que
me espera e se estendem os dias à minha frente como
gado miúdo iguaizinhos aos outros filhos do mesmo
touro sempre a mesma máscara a mesma música
como a das outras meninas saímos à noite bonecas
de vitrine das caixas de acrílico para um tráfego
intenso e molhado descalças seminuas semiusadas
submissas nas calçadas nunca nos teremos eu
nunca mesma me tive sempre tenho de dar prazer
aos habitantes avestruzes espantalhos empalhados
das ruas da cidade voltamos leves estrábicas de olhar
duro para o mesmo ponto com cheiro de algas nos
sovacos os olhos injetados de anis e estratégico o foco
fingido na hora exata algum dinheirinho magro na
bolsa durante o serviço militante esfregamos contra
os olhos a paisagem no interior do quarto imundo
sempre os mesmos cômodos sem janela para que os
nossos pensamentos não fujam para as marquises e
nos desconcentremos na hora agá marquesa! as
pálpebras versáteis raspam com os cílios as paredes
sem vidros exalam o sonoro odor do bolor daqueles
sabonetes falsos baratos feitos de sebo e perfume
viciado e madrepérola fosca as minhocas noturnas
fininhas filhinhas navegam nos nossos corpos
flácidos rezo rezo flutuado de nojo prometendo missa
vela novena e rezo de novo porque desde que não
engravidar adoecer também porque não se não me
engano nunca se não me engano porque nunca eu
não me lembro ao certo de nada porque também não
tenho medo de doença só faltava essa! não quero é —
ôxe! — é ficar aí buchuda no estaleiro sempre consigo
e acendo umas velas é bom porque quando se tem

muita fé e se acredita no certo o medo desaparece mas não o erro espero os velhos inimigos usando as roupas novas que ganho deles galochas tronchas uns brincos um abajur de viúva da cor do dinheiro pintada nos olhos que restam de mim eles me fazem apenas lembrar do dinheiro de novo e dos infinitos momentos banais confesso escolhi mil vezes essas mesmas roupas diferentes e vazias sento-me sob o abajur impecavelmente desleixada as galochas tortas que estou usando pela primeira vez mas não tomei banho ainda nem pensei em perfume porque não tive vontade de ficar com aquele cheiro no meu cérebro que também não conheço homem livre do medo rezo e escrevo aqui sentada no banco do piano nessa situação deprimente

dois de novembro tarde rezo há alguns dias aqui ajoelhada diante da virgem porque fui guardada para o soldado louco ele era oficial graduado e tinha o direito de escolha homem de confiança do major gonzáles viviam seguros ainda àquela época porque tinham a confiança de que o exército não os trairia a verdade é que não me informaram da verdade porque ninguém sabia da verdade isso eu te juro não sei mas acho que o homem que eu matei era o meu pai o soldado louco disse na primeira vez que me viu quem sabe se essa mulher que você vai estuprar não foi a tua mãe? eu disse imunda ele disse vinha me ameaçando mas não me violentava nem matava acho que tinha sido contaminado com as dúvidas que eu lhe inoculava apenas me deixava com fome a morte dentro dos meus velhos vestidos de ossos! de manhã davam tiros para o ar afugentavam os pássaros mas não tínhamos medo me alegravam mesmo essas imagens de arrebóis e fumaça da pólvora fui criada assim meu pés coçando dos espinhos do cacto mandacaru e as unhas sujas se mexendo no chinelo de dedo rasteiro ele me visitava sôfrego na cozinha do conjugado quadriculado as mentiras em copacabana preenchem os vazios dos arranha-céus deitada de lado exibindo meus talentos em um leito de labirintos entre os meus joelhos dobrados precisava ouvir música por que não me daria um tiro — como um raio que me partisse? eu que por mim não queria acordar

nunca mais tinha agora a missão de revolver o fundo de lama debaixo do meu fogo extinto apagavas-te pela noite você que virou a tormenta que eu mesma soprei mas prisioneira o fogo voltava considero agora a minha alma capaz de pássaros com o meu voo estudado já posso subir tão alto que a queda demoraria mais que a minha vida e não seria suficiente para me matar ou ainda porque eu não tinha fé suficiente ou não teria lhe revelado algo tão grave para que me matasse sem tocar em nada como você dizia morta apenas essa seria a tua versão oficial o fato é que tudo seria atribuído à descoberta casual do meu corpo sem banho há três dias ao teu lado três noites sem sonhos nem ar não se morre de fedor matavam inclusive as mulheres dos outros oficiais rebeldes o major gonzáles jurava que não gostava de matar mulheres mas que lamentavelmente era preciso fazê-lo principalmente as mulheres que ele ainda pensava em estuprar quando meu pão caía no chão naqueles dias caía sempre com a manteiga para baixo rubra rosa no roda ao corrupio à janela à fresca à sombra à forte claridade do fundo do céu por onde passa a cor de damasco do cômodo passa também o claro da minha pele com um pouco mais de dinheiro o pequeno seio roxo se entregava na antifona da quaresma na trepadeira do corpo com os braços erguidos e amarrados os espinhos me transformavam em mártir devagar mártir erótica eu ressuscito translúcida numa pequena fatia da hora rápida imagem sensual entre nós dois os dias inteiros inúteis de medo e voz baixa e no outro dia de novo eu entoo com voz firme e feliz a nauseada litania da promiscuidade nesses dias de sol esverdeado de agosto até o veneno da morte me faz falta o renascer dos pássaros nos corações gradeados fazem com que se abram olhos necessariamente sem os seus rostos enquanto a falsa alegria nitidamente se expande como numa explosão vincos nas virilhas cicatrizes de velhas giletes a mancha de nascença e o chumaço de pétalas ressecadas guardadas na calcinha como um breve contra as venéreas linda nua com correntinhas nos tornozelos de batata danço novamente nua sempre nua na tua frente cada vez mais pesada danço de novo com pernas de barata agitada me exibindo para o teatro da janela mas não me vejo

como um inseto mas humana me depilando me contorcendo para ralar os calcanhares gargalhando contra a morte entre a pia e o velho salto alto da geladeira cambeta envolta em panos de prato eu rio são brocados de esponjas de louça os tecidos as minhas vestes saem envoltas em sangue e detergente transparente os sons sem cheiro das minhas risadas o perfume de almíscar do preparado para limpar o chão encardido nuvens sujas de groselha e gordura sobre as uvas sendo picadas caem passas das mangas nas margens do meu pequeno sexo o trapo fedido usado sujo que arrebatava o lixo sujo sobre a pia também arrebatava um rabisco errado de maquiagem borrada a calçada da toalha lançada elegantemente contra o vento é esquecida na cratera aberta pela explosão dos corpos contra o chão eu danço frenética violentamente danço contra a espera danço para sobreviver mais um dia diante dos teus dois olhos vidrados no espelho o corpo espancado deitada do lado o corpo gozoso oposto dolorido o major gonzáles me deixava exausta assustada choro sozinha viúva ainda viva vizinha da morte sorrio com a língua falsa salto os barrancos aos bocados uma lebre suja lambendo as paredes o sangue verdadeiro escorre das porradas das fivelas contra os lábios os olhos apertados de medo as pálpebras doloridas marcam a dor cintilante da cor do esmalte os esquecidos intestinos digerem os hematomas infelizes eu também sinto medo é verdade somos milhares de servas seres servis civis disponíveis cumprimos tuas ordens na cozinha e na cama gonzáles! até que eu me aposente viverei religiosamente a teu serviço isso é o que ele diz para mim eu e as outras religiosas e os nossos filhos abastardados arrancados à força depois dos estupros na mesma hora em que nascem até que voltem para dentro dos nossos úteros de terra nossos ventres verdadeiros originais livres das funções militares que ocuparão quando crescerem enquanto tua vaidade demoníaca tua patente assim o exigirem que nunca falte dentro de nós filhos para dentro das tuas fardas que nunca falte o grande medo de ti e da tua grande crueldade! meus lábios tintos esse lacinho de calcinha da lingerie cor de abóbora na coxa esquerda o vento frio da janela do outro cômodo amanhecia os dois punhos na minha cabeça me

mantinha erguida com as pernas abertas na posição seguinte eu precisava fazer com que ele me visse igualzinha a uma mulher de véu e perfume branco eu ficava vermelha de cansaço e não conseguia ficar molhada gonzáles gritava! e ordenava que eu fosse ainda mais viva queria aproveitar o gosto quente das flores de canela que ele havia roubado dos jardins do hospício e esperava receber as carícias insanas que o excitavam a me executar se aninhava como uma pedra dentro do rio do meu corpo me mimava com ofensivas e depois me adoçava com algumas porradas bem ensaiadas eu já conhecia de cor aquela dor devia devolver-lhe olhares de submissão enquanto me comia na escada dos fundos do prédio do quartel entre dois andares escuros na saída do serviço na cozinha me esperava ali e então tudo acontecia como sempre enquanto fumava seu charuto fedorento isso o deixava feliz e no que toca a mim não me trazia nenhuma esperança de ficar viva nenhuma esperança cega na porra da minha vida de mocinha idiota! fazendo as vontades de um monstro ele ainda não era o chefe do inferno que se tornaria depois da quartelada de agosto mas já tinha poder de mando

três de novembro tinha o pau com gosto de serragem velha de madeira amarga e nas descidas dos degraus nas despedidas dos infernos no beijo jogado do alto da escada no vento frio da janela que amanhecia num novo dia antes de eu ir embora para casa eu já pressentia o rosto doce dos meninos revoltosos mortos nariz e boca deformados pelas coronhadas dos fuzis os lábios abertos em seus caixões de metal enferrujados conheci quase todos quase adolescentes crianças criadas comigo nos quintais da aldeia ainda fui obrigada a assistir seus fins durante a eliminação de seus corpos alguns ainda vivos na estatal fornalha da fundição gerenciada por um amigo do coronel outro túnel invisível atravessando meu túmulo visível? o visual da menina magra de saias vermelhas surge sem meias na neblina da cozinha sussurra sinos balança o gelo no copo com as mãos afetadamente elegantes quando bebeu demais na festinha do bingo a primeira vez ele gostava de uma

noite com tira-gosto cebolas em conserva alcaparras negras ele vinha pra cá rodadas a fio — outras noites e de novo e eu vou pra lá e pra cá prá lá e pra cá tentando me embalar sozinha com a música da primeira jukebox da caatinga o fazendeiro da zona da mata canavieira promove o bingo ele me tira para dançar esperneado as pernas praca lá não não de novo? fico quietinha na cadeira dos fundos perto da porta do banheiro não sei dançar eu vou? amuei feito sapo na pedra! e rompi pela estrada aberta como se fugisse da porta dos bois com tudo aquilo que se derrama de um caminhão de memória tudo volta a dançar a cada passo para mais longe depois eu e a porta parada as cadeiras levantadas sobre a mesa tava voltando ainda meio bêba nós ainda conversava no balcão quando a manhã veio varria o chão pisado do forró nostálgico o fazendeirinho me olhava de cima do chapéu de lado meio cômico meio caolho caído sobre os olhos de seus bois iam passando separando uns dos outros separando de suas mães cores apenas separadas os seus couros e os seus sangues ficavam raspagens de ossos contra ossos batendo ossos contra ossos em tudo que passam — ossos contra os nossos os donos deles enriquecem tudo o que sofremos todo o nosso sofrimento que suportamos nessa jornada que serve para engordar seus bois e enrijecê-los de músculos nossa dor de corpo dá lucro bois pombos bois ratos bois vermelhos caminhões sujos as canelas meladas com tanto excremento de gado no meio garrafadas de bebida vazias azuis nos quartos de trabalho a jornada inteira de suor e odor completamente frio as duas mulheres grávidas ao mesmo tempo — do mesmo fazendeirinho mariana! um horror no meu estômago assistindo paralisada à formiga que deixa um rastro no seu rostinho morto outro dia mariana ainda tinha fome eu também tinha fome e alguém sem nome também tinha fome nem com um pouco de dinheiro se conseguia comida na caatinga era só couro seco pó e pedras podres quando senti o prazer comigo o miserável encheu meu estômago com esse gesto de grandeza me comoveu me ofereceu o dinheiro que lhe sobrava para a comida eu não tive coragem de cobrar paguei-lhe o amor faminto com o meu corpo também saciado de sede a fome do teu corpo me alimentou depois roubamos um

pouco do toucinho da despensa da madrinha madrinha não estava em casa tinha ido fazer hemodiálise carminha fica tomando as contas carminha é minha camarada minha amigona minha chapa não disse nada para madrinha não tinha peito tinha medo de mim caminhões sujos de pó meias escarradas de barro seco as garrafas sem água vazias as últimas cacimbas nos claustros sob a terra para que ficassem frescas duas mulheres grávidas ao mesmo tempo do mesmo homem depois foi a vez dela de carminha de ficar grávida do mesmo homem mas teve coragem de ir à fazenda de anjinhos eu não arrisquei criar e senti um buraco no estômago aberto até hoje assistindo a mosca que caminhava no rosto da menina passeando pelas minhas mãos pelo seu rosto ao lado dos mortos não podemos deixar de chorar só se não for um morto muito amigo num caixão de tábuas sobrando para fora de gordo aquilo nem parece morte mas velório no circo eu sei o que não vejo ouço minha urina minhas fezes meus olhos tremendo um azougue de ziguezagues quando quero me sentir uma estátua de praça lentamente paro em algum lugar e abro os olhos para o sol não consigo imaginar a cor daquelas moscas mas a máscara que o corpo usava certamente era branca de um branco amarelado de cera fria

diante do espelho o céu alaranjado andando eu não sei não preciso pôr as mãos meto minhas garras no mundo e me torno um percevejo fedorento se me apertam sem tomar banho eu provoço nojo surpresas! eu sei a vedete fedorenta! nunca fui perfumada de nascença e nem capaz de dormir completamente limpa com esses olhos que só enxergam sombras claras tudo é dia tudo é tão sério é espaço e pó desde dentro volta e meia a imagem fincada numa das suas facas prediletas duas moscas agora parte da água que sobrava do banho ao me levantar da cacimba ficava reservada sempre ficava guardada para a próxima da fila era uma espécie de banheiro carrossel onde os cavalos na porta da entrada entravam e saíam por onde uma ia a outra voltava também a outra ia e vinha e quando as chuvas voltaram um pouquinho abrimos o salão para

grandes bailes todos os domingos todos tinham direito à sanfona e a uns pastéis frios de graça desde que pagassem o bilhete de entrada madrinha inventou a função torta todos tinham direito a assistir ao banho lustral — com todas as meninas nuas nos banhávamos ao mesmo tempo na bacia do quintal dos fundos as fontes das águas velhas eram usadas de novo para as noviças preciosas precisava ser uma toailete simples economia nos terríveis anos da seca moendo o solo e os bichos madrinha sofrendo com a boca podre antes da visita ao dentista no piauí agora em copacabana eles me veem abrir o chuveirinho toda hora a dama das torneiras! ah me chamam! me ensinaram usar o bidê com uma mão e com outra me proteger a água fura você elvira! modernismos antiquados para lavar os buracos eles nos passam para o outro lado do mundo onde estou agora do outro lado do que eu não vejo um lavado um banhado um roçado infinito até à praia grande onde os meus gritos se escurecem com a noite pesando contra as ondas a água velha que sobrou por dentro de mim vem me bater com a maré alta das artes antes de me levantar e ser levada cada vez mais o mar indo e vindo dentro de mim entram nesse mar sem fundo as ondas sem fim nada mais eu quero do que isso vou fazer tudo mesmo tudo que eu possa para que não acabe fazer o impossível o imprevisível para não ser apenas mais uma vez vou fazer o meu café da manhã e chamar o homenzito: o francisco do ceará na portaria um tagarelar dos infernos ele fala rápido um som embolado que conheço anasalado mainha painho ôxe! e entendo suas palavras novas que aprendeu aqui e que vão se tornando diferentes das minhas mas os mesmos autores os mesmo assuntos — ele sabe dos velhos crimes contemplados por lá passo para ele a ordem do dia e os dois tostões para comprar salsichas de frango pra fritar pra nós dois se ele quiser aparece depois do expediente com a cervejinha tá atrasada sinhá? ainda não saí para o batente me pergunta? no meu quarto de rainha quero comer e beber antes de morrer na luta quero dizer para ele meu único serviçal para que ele volte amanhã também e todos os dias isso me torna mais humana e fraca antes de enfrentar o mundo quando me ama esfrega meus peitos e estraga um pouquinho

a minha maquiagem ajeita o bigodinho fino maniazinha feia dele tira as botas de fazer a faxina rápido antes de entrar disse que aprendeu com a mainha dele casa dos outros pés descalços ele quando era criança percebia que ninguém gostava dos pés dele eu não vou dizer nada pra ninguém! não quer que as outras meninas saibam que ele tem pés de pato — paturi irerê o apelidado! fica sempre triste quando se lembra dos nomes pé de colher — triste porque as outras meninas vão saber dele eu não conto nada mas é como se ele fosse um marrecão refletido num espelho d'água na lua trigueira ele diz querendo ser poeta sempre o tratam como se estivessem diante de outro homem que não ele ele sofre ele diz comigo não eu não vejo não olho o que não vejo depois apalpei uma noite — ele dormindo não sei mas era um pé pequenininho de menino fiquei feliz porque não precisava mas ele estava ali vivo e disse sozinha pra mim mesma sem sono — paturi irerê era um homem de carne de verdade não era como uma memória mas dormindo parecia que não ia viver mais fiquei com medo urinei tomei susto de gente morta e se estivesse um defunto na minha cama com aqueles pés de sapo enormes roncando pra sempre num último banhado rasinho mas acordou sozinho logo depois do meu pavor adivinhou acho que acordei ele do sobressalto meu deu um pulo atrasado pra escala uma enxada tem que ter alguém detrás dela sinhá! sim para fazer ela voar sim ele vai trazer mais salsichas de tardinha sim antes de sair pro batente a enxada véia! se não sair para beber depois do serviço com o meu dinheiro das salsichas filha da puta! o grego veio ontem — cheiro de vinagre e cigarro no meu sempre quis fazer mas não! escarro seco não serve seus pulmões de grutas verdes e peixes de jade viveu toda a vida dentro daqueles porões vermelhos de carvão e das caldeiras dos motores o pequeno jardim no parapeito da janela o grego dormindo parece outro morto todos ficam mortos dormindo bloqueados de cera nos narizes ao relento entrando pela janela adentro do quarto o cabelo molhado do mar sobre a froinha da praia azul agora ele suporta todo o peso do meu corpo ajudando com as mãos ajoelhado diante da pia julga minha pele ressecada e a mal tratada aparência das unhas

minhas carnes velhas esperam o fim na próxima temporada guiada pela lua parece que me vê agora de uma maneira diferente eu sinto quando surjo contra uma outra luz outro meu visual exibo quando fico de lado eu percebo direitinho ele percebe e gosta outras noites que vão para lá e para cá e eu vou junto com as portas dos banheiros apenas raspam os meus sentimentos públicos as memórias os azulejos as rodas batem em buracos e saltam jogando para fora do carro de bois as cargas preciosas até gente até crianças caíam dali ele nos enriqueceria com tudo de que precisássemos no fim foi um sofrimento só os pombos desapareciam todos os dias e junto com eles o meu filho devem estar matado muitas pessoas por lá ainda foram treinados para matar não perguntavam trucidavam batiam suas honras de servir ao major gonzáles assim o exigia um técnico de sofrimento um homem que estudava para aquilo o perfume da noite que a morte traz consigo embebido nas religiosas nas cozinheiras nas putas a morte não fazia distinção ou fazia uma distinção muito nítida tudo fazia com que eu me sentisse bela mesmo quando eu estava sendo levada embora até aqui ainda sinto aquele medo que andava nas pessoas achavam que ia morrer de medo tinham feito todo o possível para que todos tivessem um único corpo de puro medo um corpo universal de horror embutido em todos os organismos nesse mesmo esqueleto que nos mantém vivos com o que fizeram deles viviam sobreviviam ganhavam seus salários eram exatamente assim como todos diziam que o respeitavam desde o princípio gonzáles já não precisava dar ordens a ninguém já era um deus era apenas um olhar para fazer que agissem para fazer lembrar a qualquer um a imagem daqueles a quem ele pendurava como ele me pendurou pela primeira vez

as cordas sumiam afundavam nos meus pulsos e tornozelos dobrada ao contrário sendo ferida pelo próprio peso as munições foram encontradas na casa ao lado no quarto do homem pendurado ao meu lado no cano de ferro da saída do esgoto era sevê o vizinho que cuidava das nossas mandiocas magras um jardineiro da fome adquiriu posturas impensadas

estranhas para uma pessoa tão séria como ele desdobrado no ar com as mão e as pernas presas em algemas cintilantes e as algemas também sumiam para dentro do seu corpo pesado o suporte passado entre o vão livre das pernas impedia o ar éramos uma única flor de dor seja naquela posição parecia que já não estávamos com medo já quase não respirávamos não tinha mais olhos apenas inchaços queriam saber se ele tinha coragem para assumir o crime se ele ainda tinha o cinturão e as armas desaparecidas dos outros militares desaparecidos usavam crachás apagados então veio uma sirene faiscando golpes rápidos e vieram os emblemas militares nas jaquetas jogadas nas cadeiras das celas das madres suas grandes ancas sem sol voltadas para as pinturas do teto sendo sodomizadas pelos soldados seus rostos engordurados queimados com a pólvora da guerra muitas foram sumariamente executadas ao se recusarem suavemente a ceder alegavam fanatismo religioso e incompatibilidade com a nova ideologia mas a realidade é que eram incompatíveis com os estupros uma semana antes as células guardavam mulheres que dormiam sem as suas coifas de tecido bruto os cabelos esmeradamente picotados à tesoura agora suas vulvas gordas incham violentadas dormitando antes das matinas e novamente vestem as suas coifas de tecido bruto o cômodo de pedra reservado improvisado como morgue estava cheio dos corpos das mulheres que como eu ostentavam as pernas já banhadas de roxos do outro mundo os amores em segredo deixados no escuro do passado transformados em singelas flores achatadas dentro dos missais últimos correios do mundo lá fora as vidas plenas de ausência os ciprestes dos pátios ventando em meio aos seios escondidos e aos teus olhos de cera as perfeitas ilhas do céu são encontradas quando divisadas às tardes na névoa sobre o pátio central do claustro suspiravam e seguiam sem rumor viviam do seu amor às andorinhas de caudas duplas e fugidias elas voavam e voltavam sozinhas trazendo velhos pressentimentos inimigos os santorais não são feitos para essas coisas que os nossos vícios precisam o que os eleitos buscam é a febre de quem chora ansiando pela morte debaixo de chuva e vento e ela não chega uma

panelada de memória cozinhando meu corpo em sangue a faca espetada contra uma face um osso quebrado na outra face enquanto outro osso é quebrado na outra face um bando formado de pais mães e filhos temperando terra para fazer uma sopa depois da zona da mata se comia farto com a riqueza tirada da nossa poeira muita outros conhecidos e desconhecidos fermentando musgo para fazer uma torta e lá depois do fim da areia onde começam os vergéis se via a opulência aqui fome e ninguém de quem esperar uma carícia tanta notícia ruim eu não tenho mais coragem de dar dou as boas vindas só falo do que viemos fazer por aqui eu fui sozinha encarar o traste e as outras fêmeas ficaram juntas acotoveladas espiando na janela olhavam o sinistro capturado o acidente depois o chá o velório flores e a miséria da carne apodrecendo rápido como apodrecem os pobres na sentinela encontraram o cabecilha assistindo detrás de um morro olhando de longe o companheiro morto era um rapaz novo o homem que o apontou dono de uma mercearia que ia ser saqueada fugiu roendo suas ruínas o povo ia linchá-lo não se submeteria a novos cortes no rosto como já haviam feito com ele lá humilhado sozinho com seus ossos pensava no rapaz que foi traído por ele corroendo o seu coração de pedra se suicidaria também pelo que fez? pelo que foi sabido até agora desprezaram o seu pai os revoltosos não tinham motivo algum para apoiá-lo atirou muito tempo para os coronéis do outro lado e agora delator o vendeiro precisava dar uma prova de fidelidade ao novo regime é o que se fala então disse o que sabia de ouvir falar ele disse qualquer coisa de achar por si só afirmou isso várias vezes mas não sabia direito não tinha a certeza clara os militares deram sorte procuravam por um e deram com outro os militares agora tinham a certeza que nós éramos pessoas reais e não um medo do que não se conhece como a gente miúda dizia dos demônios escondidos nas matas porque já tinham encontrado os corpos dos soldados das patrulhas que então se arriscavam a procurar-nos pouco depois da delação do vendeiro os militares chegaram ao redor do nosso acampamento e começaram a nos morder por fora o pai do delator havia conseguido uma saca de café e duas ou três

sacas de farinha — mais por medo do que por simpatia porque acreditava que quando a coisa estourasse isso poderia contar a seu favor apesar do passado de agiota criminoso o rapaz apertado pelo pai na iminência de ser morto acusado de apoiar os rebeldes precisou se safar e safar o pai falou o que sabia e o que não sabia de fato o que tinha visto era um outro acampamento numas grotas nos longes lá pros lado do solta cravo onde o mato cresce livre tinha ido pra lá sozinho faltando do que fazer bestava nas capoeiras dormindo nas pedras caçando lagarto com a sela da mula um bacheiro xergão grande de lã de carneiro se ajeitava o cigarro de palha sempre aceso para espantar os mosquitos ia e vinha atrás de uma ou outra rês cara extraviada do pai tomava seu rumo de descida prá lá pros baixos indo e vindo como o vento tudo junto ficou lá por perto com nós de três a quatro dias bebendo café na caneca de lata e comendo daquela carne seca que nós ainda tinha — que podendo oferecer nós oferecia ficou camarada nosso prometeu até voltar um dia e procurar por nós que se estivesse por ali ainda se encontrasse era para ficar de vez entusiasmou ele tinha ficado vivo com a empresa como muita gente na saída deixou o xergão pro zeca — porque não ia precisar na marcha batida de volta pra casa de presente sem pedir porque viu que zeca se admirou de uma peça tão bonita dormia no chão de forrado com palha já dormi muito com o zeca enrolado nós dois naquele bacheiro xergão homens cruéis e armados com salário fixo rações seguros de vida e aposentadoria com promoção de posto se você falar alto ou gritar de fome vai descobrir o verdadeiro nome de cada momento desse mundo eu ficava em pé sobre uma lata aberta como uma ilha cercada de militares por todos os lados ensinavam seus truques antigos para os que estavam começando a carreira agora não se preocupe que tudo vai ficar o tempo todo como está eles estão só gastando o tempo deles havia um homem forte no governo a ponto de sufocar completamente o povo como uma faca na escuridão o frio poder que tinham sobre o frágil corpo da nossa fome mas o ódio ainda podia vencer o medo do meu coração o medo servil e submisso que a minha madrinha me ensinou o medo que ela sentia e conheceu aprendido da mãe dela o

medo nascido do desespero do dia a dia mas o ódio eu sonhava se crescesse crescia com força ainda podia tirar essas correntes dos meus pés eu não dava sossego ao demônio do medo que me perfurava a vida e gritava contra essas coisas por dentro as pessoas assistiam enquanto ele era preso já jogado no chão obrigado a mastigar a terra que ele queria dividir a boca igualzinha aos peixes que comem o fundo do mar só que ele não se submeteu tinha coragem de sobra e os militares minavam a força de seus gestos que tentavam suportar as pancadas calado os outros debochavam lidavam com as mãos segurando os cigarros acesos como atores de heróis da televisão de verdade impecáveis unhas polidas cabelos aparados uniformes insígnias e o queimavam no rosto e no peito um olhava como paulo só que depois continuou o mesmo ou até pior mas no fundo toda aquela figuração de variedades escondia o medo das mudanças e no fundo do fundo a perda dos seus salários tentavam salvar suas peles grosseiras dos ouvidos do povo que escutavam com atenção as nossas reflexões inteligentes e se o povo se contaminasse com a coragem e a coragem de alguns mais sensíveis era feita de apenas algumas pequenas sílabas certas foram ouvidas à meia voz e eles os capangas do regime ouviram esses sussurros que aumentavam por todo lado e também tinham medo — medo de nós

quatro de novembro embaraçada no vestido no salão de baile no branco dos ladrilhos no elástico apertando a barriga tentando fazer da tarde um barco que retorna da solidão à podridão das paredes encostada surpresa ainda esperava a volta da fome que para mim diferente de muitos outros já não viria ouvia os gemidos dos meus entes queridos e antigos que se mexiam encolhidos as mãos contra os ventres os corpos contra as paredes que caíam mordendo o barro das entranhas dos varais do pau a pique para sobreviver mais um dia sobre a terra original os vermes da barriga enxameando quase saindo pela boca ninguém por perto pra dizer um ai ou estender a mão os olhos das crianças gritando na janela olhos de horizonte cheios de espera e de seca caindo aos

pedaços o casebre em ruínas defronte do mar a perder de vista das carcaças dos animais ressecados viva e alimentada sentia a virilha acesa e esperava ficar nua em breve entre a pele e a vidraça a cortina varre a luz sonolenta envolvida no vestido de golpes de vento rápidos a lua exhibe os seios na calçada a bebida suave-verde e o falso rubi no umbigo fantasiosa e nostálgica na fase de libélula a vírgula no penteado a boquinha trêmula adocicando beija-flores breves a mão à esquerda do ladrilho em que me apoiava contra a parede do bar desfilava um anel de serpentes miúdas a língua de raras vermelhas esmeraldas batendo boca amigável com o homem detrás do balcão a outra virilha vã elétrica se acendia olhava para a direita para a esquerda e sonhava com os salgados na vitrine que me esperassem quando a fome colocasse o estômago para fora e o corpo jogasse o dinheiro para dentro da bolsa o dia da puta é sempre um nunca cheio de espera é como você estar aqui ou ali em todo lado — o que seja! do mesmo jeito dá igual dá no mesmo ambiente calor ou frio ainda que eu tivesse que encomendar uma roupa ou uma música da minha cor predileta nada mudava sempre em sonhos estaria em lugar algum e nua como sempre como o tempo sempre fez comigo fosse nos meus dias de palácio ou de tugúrios era sempre do mesmo jeito assim ou assado faziam o mesmo efeito as mesmas estações quer entrassem ou saíssem chegavam ou saíam novos clientes eu fazia o que fazia — e eles que fizessem o que bem entendessem e se levantavam agoniados aliviados e tristes e iam embora quase sempre sem ter nada a temer nada mesmo para ter que perguntar nada falavam nada com ninguém após sobre os dois ocorridos escutava com os ouvidos secos as conversas de bolsos cheios as putas conversando entregavam as encomendas de outros dias atrás eu contava histórias diferentes acrobáticas só minhas de outros amores falidos — com a puta cega! são sempre os mesmos os dois ou três cachorrinhos que gostam disso em mim aqueles cinco ou seis talvez! os outros fogem covardemente indo tomar uma antes depois não voltam mais com medo do inferno foder a cega era o dobro do triplo do pecado! ah! — que foder e pagar a quem enxergasse e vivia assim aqueles dias sempre não vendo e me

dando por dinheiro eu chutava a culpa e cobrava feliz sem enxergar conhecia as notas e os homens pelo cheiro antes de pagar eles faziam cera para conversar mais um pouco vendo se conseguiam colocar um pouco de intimidade no crime quando a gente se vê de novo? mastigavam seus novos dentes seus chicletes seus chinelos remascados quando você quisesse amor! olhando para o quarto eu adivinhava os homens esperando o inferno e escutava a fantasia imortal indo embora eu era só a puta e ele como sempre era um idiota que tinha gastado um dinheiro que não podia à toa seus olhos acompanhando as órbitas flutuantes do meu fosso furioso de gozo fingido a água rala e tímida dos globos oculares vazados balançavam de um lado para o outro ondulavam sonhos dos outros e sombras da figueira na tarde as unhas cravadas nas costas nas coxas no rosto eu ficava furiosa tomada possessa quanto mais lanhos mais o dinheiro tinha valia tudo o que se passava eu não via direito e descontava mordendo os dias nos dentes os agressores os amantes violentos eram crianças bem comportadas perto dos orgasmos de louca vingativa quando chegavam ao auge tinha matado o marido os filhos qualquer coisa que eu inventava na suave hora pequena da alcova de aluguel a novela da princesa sem olhos desprezada pelo noivo e que entrou para o cangaço e matou a família toda do ex-futuro esposo era a minha predileta a respiração entoava uma sirene de sopros cálidos longuíssimos imitavam os ventos da praia rasgando as folhas dos cadernos onde eu escrevia indecisa entre os pensamentos que queria evitar e as sensações que pressentia a sirene chegava mesmo novamente sentia a virilha branca elétrica cavalgando o potro de carvão aceso no escuro conhecia o cheiro forte de mostarda de alguém quando me queria bem de verdade esse era o meu segredo para decifrar meus amantes fungava fundo a fuligem fosca das suas peles e só subiam na minha cama os que tinham a coragem e a fúria para amar o que não tem olhos avesso do mundo o carinho quente das minhas pernas a minha enxúndia de galinha branca vulgar que vai morrer e ser assada no domingo pra família toda logo cedo despejava um copo d'água na violetinha chorona rosa forte a alma

toda cabia naquele cálice que eu vertia para ser bebido pela terra de só uma vez o cristal precioso seria quebrado logo em seguida completamente exposta num ritual a superfície da pele se tornava embaçada com o tempo perdia a cor e precisava de alguém para aplicar mais maquiagem escolho a forma primitiva que acredito ter sem precisar de máscara e passeio sozinha pela areia para ter a certeza de que sou eu mesma sem motivo nenhum volto ando com um véu escuro de elevador até à cozinha até o crepúsculo dentro da penumbra da janela um corte de luz fúcsia vem do poste da rua descubro pelo quente do assoalho uma víscera já seria pra lá das seis a coruja logo deixaria a sua árvore as gaivotas voltam da travessia e preparam uma nova madrugada no caminho para os seusinhos nas matas do litoral as paredes ficam pálidas pintadas ao meio pela claridade quebrada da janela o armário era metade luz metade bicho eu sabia àquela hora a substância nevoenta sempre confunde seres as coisas e a noite se espalha pelas placas gordurosas dos ladrilhos minhas mãos descobrem ser da cor do cheiro dos limões eram as nuances ácidas que se ensinuavam primeiro exponho sentidos e ideias elevadas para a constituição sensível dos objetos imóveis ali eu os sei pelo vento os seus ideais vulgares meus dentes novos avançavam para frente a boca grande demais para as dimensões do meu rosto me transfigura num peixe uma buzina ou uma turbina eu emito mugidos engolidos em busca de um silêncio que já não conheço e que detesto

quem sabe se com a luz forte do poste da rua meus olhos se recuperem do aspecto de ameixas murchas e as órbitas vazias ganhem vida ainda que mesmo cegas acrescentava um outro copo d'água à violeta cansada muda branca quase invisível era mergulhada agora na tinta pesada da noite morta afogada com as veias do pescoço gordas de substâncias amargas na face surgem manchas de quem não tem sangue inesperadamente eu retiro de supetão a máscara escura para o dia e volto a ter a face a face igual àquela mesma de quando eu era criança nunca envelheci tanto nem mudei desde que nasci! dentro dos círculos do medo de me ver no

passado me salvo crispando as mãos eu tremo e sou cuidadosa com os outros como devota da virgem quando me sinto revelada decifrada estou pronta ali mesmo para jogar no corpo uma outra pele da cor da mentira um vestido antigo amarelado de prata pura de chuva fina que eu conheço bem com remendos lentos com os fios de ovos às escondidas nos guetos frios recolho os retalhos que sobram com as costas das mãos verdadeiras: botões estampados reforço das casas a ousadia das bainhas de cuspe tudo rimando com o novo lado esquerdo onde eu escondo meus mistérios falsos a língua estuda a fala nervosa metálica e vai finalmente assumir o personagem que esperam dela a rainha do começo da noite brutalmente carnal e cínica remoendo as unhas e as juntas dos dedos enquanto espera um ou outro peixe para morder a isca do aquário como eu gostava de aprumar os peitos! largada lânguida lavanda encostada na cerâmica fria da parede de fora da loja de ferragens que tinham acabado de fechar de branco branca eu era sempre a primeira a chegar demorava a andar tateando as pedras do calçamento e chegava logo garantia minha vaga na garagem do melhor ponto da calçada feito o negócio eu era sincera com todos — desde que fossem sinceros comigo! jamais permitia que algum pudor de mercado se intrometesse entre minha carne quente e a planície eterna infinita elástica do nosso palácio horizontal e ondulante eu amava aquelas camas baratas as pulgas os chatos como a dama chique ama seus brilhantes gargantilhas — suas cristaleiras de relíquias de antiquário caro e afrancesado depois não se escutava mais nada por mais que nos falássemos dois mudos silenciosos de liquidação e baratos as mãos salgadas e secas suavam devagar pesadas pespontavam a maligna terra a malícia legítima da lingerie com unhas cor de vinho um estalado na garganta eu me lembrava da menina pequena de pernas tortas sendo violentada pelo dedo cheio de cascas secas da pele do cura da aldeia ainda no banho sim quando me lavo sinto seus dedos de pedra rugosa e fria ele me olhava e podia me ver isso era injusto e eu não sentia inveja dele só medo um dia seria casada e tudo aquilo estava esquecido mas sentia que enfiava com as mãos para dentro de mim

ovos por estourar na vida de todo dia eu ia crescendo com pensamentos mais lentos do que caramujos ávida a cada vez me esforçava para pensar de novo todo dia cada dia mais rápido palpitações inconsequentes inexplicáveis ontens um dia ouve um choque um choque mais forte de relâmpagos bem claros difíceis então a vida passou rápido com seus estúpidos passatempos de momentos explosivos ontem mais que na semana passada eu voltei com o lábio esquerdo roxo em cima da boca eu disfarçava com a mão conversando aqui e ali como se cobrisse o sol com a peneira o rosto voltado para o lado da chuva contra a parede a expressão de cólera doce e resignada talvez nem isso nem minha compaixão vazia pela humanidade torna o crime mais angelical falava sozinha no caminho de novo para a casa do velho médico

cinco de novembro manhã na ânsia de encontrar coisas belas e de que você desapareça me sinto uma vítima uma moça nova com os seios já amputados pela doença já havia bebido alguma tequila gelada pela manhã o que sobrou da taça derrubada no veludo do umbigo de ontem depois numas dessas noites numa dessas passadas em branco na maré vermelha das luzes dos inferninhos eu usei o gorro de lã negra que a prima me mandou pelo correio parecia um calango eu achei com o entusiasmo que podia achar da janela eu adivinhei a lua baça que sempre baça brotava por detrás de algumas crianças nas vidraças — talvez que fossem negras as crianças eu sabia — voltando da praia de volta para os tugúrios atrás delas dois homens que se deixavam passar por honestos vestidos de vigias noturnos escutavam valsas um deles era coxo o outro mocho mais atrás vinha um grupo de sujo andando com as pernas em ritmo lento os pés pisando macio nos mesmos momentos todos asfixiados de lança perfume uns fantasiados de diabos outros de soldados outros de doces anjos de procissão miseráveis a lua ficava verde com isso e vinha brilhar na calçada na hora do cordão atravessar a rua dois pirilampos pousaram nos joelhos da melindrosa que ia na frente com o estandarte na mão se acenderam se mantiveram

luminosos sem interrupção daí para frente até o fim da rua o cântaro cheio de sangue misturado com vinagre balança sobre os meus ombros então se deitaram todos aninhados ao meio-fio da esquina da farmácia entre eles três meninos brancos e cheios de farinha nos rostos que chegaram da outra direção nunca fizeram parte mas se meteram como participantes do sujo um batom escandalosamente vermelho se podia adivinhar no lábio direito da vendedora de maquiagens assistia friamente o cortejo detrás do balcão da farmácia um palitinho com um coração mergulhado num copo de rum – que ela bebia escondido do patrão porque era carnaval – balançava como um relógio de pêndulo dez para as quinze para as dez dez e quinze por cima do coração maliciosamente uma mão segurando um pequeno guarda-chuva abóbora acenava para nós a vendedora se preparava para fechar a loja de plantão já embriagada e cair na folia equilibrada nos saltos da bota amarela cambeta e suada na calçada eu estudava a divisão das pedras andava um pouco à frente nádegas desiguais revelavam a idade chegando um pouco atrás pouco caídas – tão caídas! – as ancas flácidas desequilibravam o montinho do molambo dos saltos as outras colinas do corpo escondiam sete estrelas sete brilhos fulos um negror africano o rouge o talco perfumado eu adivinhava a felicidade para todos daqui a pouco e conseguiria um antibiótico sem receita se precisássemos os dois pontos de vista dos homens que atravessavam a rua vindos do outro lado se cruzaram comigo entre as duas calçadas se olharam rápido com medo um do outro no meio daquela noite indo um para cada lado da vida eu escutava os passos no asfalto são dois atrasados caminham rápido um contra o outro assustados o tráfego ao perder da hora aumenta a cada momento com as ruas fechadas para os desfiles começa a noite de verdade! entre a minha cabeça e as deles esvoaçou uma indecisão o que ia e o que voltava qual chegaria primeiro? a espera dolorosa de não se saber que rumo tomar para evitar o que não se adivinha eu permaneço parada: perguntei por mim em silêncio aumentei o peso do corpo sobre a parede de cerâmica verde para parecer mais forte eles seguiram e depois voltaram cada um na sua direção oposta novamente

se encontraram — escutei que finalmente parafusavam frases escorchavam flores e escondiam olhares abaixaram as cabeça quase debaixo dos pescoços — vistas encolhidas que reservamos para os mortos os pássaros em seus desastrosos voos de corpos por um fio giravam em hélices sacudindo a ondulação da noite recém nascida no outro meio-fio na trincheira em frente samira com suas coxas grossas ainda descia para a morte mais uma vez de braços dados com um dos dois machos que a colheu na esquina ia para uma valsa com minha canção suave de encantar elefantes eu elevaria para mais de mil o número de barcos imóveis que se acomodam depois no ancoradouro visguento do meu corpo um pequeno grito de surpresa parado no véu da minha boca — e chegava o perfume calmo da mostarda vinha de novo sim numa viragem que brota da planta fresca das pedras ali no chão exalava o perfume do seu anel novo que caminhava em minha direção os pequenos ossos do meus pés ficaram firmes quando ele se aproximou — minhas nadadeiras tomavam a cor da calçada vivo ainda já passado dos oitenta um pouco cansado o coração do velho médico solitário e famoso pulava como um louco de carnaval na esquina da prado júnior eu iria reencontrar seu chicote — cadela da rua ele ria! e que não fôssemos tristes nem tímidos! — ele gritava sorrindo baixinho carinhoso como uma criança querida as mãos trêmulas de velho agarradas no meu ouvido falava cuspidando e era só o que ele esperava por mim ria e bebia até o amanhecer mas ele não era de nada o babaca! tremendo eu quis sim e agora me sinto uma estátua de manteiga lentamente pensando não ouvi a formiga mas me esforço imagino uma máscara que uso quando fico de pé diante do espelho imagino o céu andando para trás suas garras no mundo fazem funcionar o lança-chamas na casa de banho nojo surpresa camisola laminada nunca fui capaz de dormir vestida agora ouço duas formigas no cotovelo depois no sonho eu queria uma tainha para o café da manhã imediatamente a água suja de sangue que rola pela tua geladeira rola também entre as minhas pernas de corpo derretido cortina de fogo morto a tarde seca a boca torta a borboleta dos abismos começo a me dissolver por dentro recomeço a voar: a

noite extinta os insetos do verão logo reviverão a princesa entramos começo a rir e a beber — rir é o melhor segredo do negócio falar sobre o pântano das novelas o velório dos mortos a tiros sobre cavalos a atração pela agonia de uma rã esperneando na boca do bufão ele adorava isso mais falava mais se aproximava o dinheiro era certo aquele assunto à meia-noite me perguntava se sou eu o seu amor o amava de verdade te amei hoje sincero disse! tanto que quanto mais o toureiro ao touro enquanto você pudesse ser útil o busto de pedra sob a malha cenoura se metendo entre os peitos a minissaia queimando a calcinha a camisa de seda azul eu usava eu estava usando a tarde para cobrir meu corpo bronzeado na praia no dia de minha coroação pelas minhas amigas de miss copacabana já tinha um maiô chique de listras pretas e brancas diziam uma zebra imagina! nervosa elvira! pra quê? com as mãos amassadas uma na outra eu dedilhava a coroa de papel laminado de cigarro e o júri formado pelas piranhas todas apenas por elas zombava de mim eu era a plateia e o espetáculo e o meu prêmio de viagem era mais uma noite das mil e uma noites as mãos raras acenado para a vencedora me mandavam erguer os seios como uma rainha uma delas martina me xingava rindo de filha da puta de rainha da merda! era o que nós somos dizia completamente embriagada mas firme e gengivando o papel da cocaína o que tinha sobrado escorria com a tequila entre as minhas pernas haviam cheirado ali e frequentaram a noite toda todas as outras intervenções provisórias julgados os juízos e privados do murmúrio dos meus quarenta anos de beleza no quarto dos fundos vazio eu era a rã de serviço

cinco de novembro tarde crise de rim tanque de roupa por lavar roupa poesia sem nenhuma apelação aquele dia a latrina da empregada bucolicamente enfeitada por um assento rachado e fedido emblema da caatinga a tábua de privada rachada de uma puta! eu sou casado ele deixou escapar minha mão no quadril abanou desrespeitosa de qualquer relação com sua família não precisa falar disso aqui! eu sou um drama não tua amante a madeixa de cabelo rosa

brincando no rosto com a maquiagem padrão alta costura nos esmaltes dos dedos dos pés a tinta embrulhava na unha fungada fingida a rica roupa da rainha de ramos refulgia as malvadas malvas enfeitavam disfarçadas de casca de cebola a minha meia negra longa como alfaces rubros abandonamos ao solo o sereno em algum lugar os órfãos entregues ao vento é sempre horrível a luta de ser sozinha nada do pânico inútil de gritos apenas a toada de todas essas coisas pequenas respiradas fundas que surgem como acidentes e desaparecem sobretudo a lagarta de lama que sobe pelas minhas certezas peixes e relógios atravessando o aquário da minha cabeça o pensamento deixe-me ver um não identificado objeto indefinido! um último dedo que sobra na medida entre a vida e a morte o dia em que a madrinha operou a vesícula quando a pobre voltou para casa na cara dela — tinha a cor verde musgo do outro mundo a cara dela! aliás esse corpete lindo que eu estou vestindo sempre me alivia de qualquer angústia não dou ele para martina por causa disso velhos cruéis e anéis de pedras grandes nos dedos enfiados de todos os dias meus culotes bailam na execução de óperas cada vez mais cheias e rodadas uma banda de música quando desfilo o tocador de tuba da fileira do fundo fecha a porta da carruagem de banhas olé! o número do ventríloquo não encontra mais lugar para se aninhar no cortejo do que sigo e calam-se ele e seu boneco debochador meu peito range de luar digo: ôxe! não é de borracha eu digo! ele é casado ele diz de novo eu não quero saber nada disso seu babaca porque me satisfação com minhas ilusões do momento não preciso de outras ele me castiga não por mim ele diz mas por ele porque assim falando despreza sua mulher e as duas filhas que estão no momento no internato de freiras em petrópolis o que entendo disso tudo é que ele é profundamente odiando pelas três e acho graça da minha certeza óbvia a saliva abundante que ele junta antes de cuspir no meu depois fica parecendo aquela parte da água da lavagem dos porcos e enfia com força como ele gosta e paga por isso ao me levantar aquele gosto podre volta sempre presente na minha boca na espécie de sala de cirurgia que se abre para a porta da frente do cemitério deixo correr o ar a fonte de mármore branco

da bica de lata suja do quintal oferece a purificação salvadora toalete entre as moscas jorrando na carroceria funerária os terríveis anos de moagem da vida nas véspera de ir ao dentista com madrinha pela primeira vez no piauí os dentes longos todos estragados — armas longas cheiro de fossa nos lábios doces um caminhozinho entre as plantas rasteiras da areia até às dunas onde os meus gritos se espriam e o botão da rosa caia! quando fiquei sozinha o cuitelinho trouxe na boca um bucadito de sal até à minha vagina machucada suas asas iam bater rápido de doçura na minha boca nos meus ossos doloridos nos meus gritos que não iam adiantar para nada então fiquei calada mesma e aguentei tudo em silêncio ele jogou à força a água dele toda para dentro de mim muito mais forte aquele dia do que eu pudesse esperar nada mais do que eu conhecia e do que eu pudesse fazer por acaso senão o impossível todos esperavam alguma reação de mim não vai matar ele elvira? ninguém vai matar por você! eu lutei apenas para não ser mais uma assassina

meu outro grande amor foi perigoso foi o daquele pinta que apareceu na cidade há uns dez anos atrás trazia ideogramas pensamentos rigorosos de mudar a vida a vida perigosa dos outros tudo para ele era poesia fácil e quando a coisa estourou foi amarrado nos trilhos pelo homens do gonzáles mais um dos que foram pisoteados sob os saltos da nave do trem vou fazer o café da manhã com a ideia apagada por me lembrar disso! depois de tanto tempo que merda matar a realidade seria melhor mas isso seria me matar pensar em me matar era outra coisa inútil que traria de volta a vida toda dia a dia já faço isso toda hora por algumas semanas até — confesso eu pensei e se não fosse o caso o que é que aconteceria comigo todos o dia desde já aqueles entões? esse nome era o que me deram? elvira de quê? da flor das flores! eu não sei sei o nome todo da madrinha — jacinta tenória do ambrósio me deixou de presente quando morreu um bueiro aberto enorme no fundo da casa como a minha boca de menina sem dentes uma carta me ensinando a balançar entre a vida e a sorte o bueiro me lembra para sempre aquela carta depois se transformou numa dessas salas de trabalho onde me

esforço e faço por onde ouço a voz de cantor de missa um malandro me dizendo porcarias me equilíbrio numa banheira sem água e salto uma prostituta cega cambalhotando como uma bolha de papel branco na superfície do ar começou a chover as nuvens se avermelham com gosto do molho rosé nos mamilos frios alcaparras como no dia em que cortei a carne do braço por você uma dia escuro de cinzas claros a cloaca do banheiro do ônibus aumenta de cheiro com os quilômetros e preciso voltar para lá volta o hálito do chiqueiro do homem metendo a garrafa em mim tinha desejo de fazer sexo com corpos embalsamados disse que esse era o costume seu e de seus amigos a passageira ao meu lado vai para a cidade grande aumentar os seus afetos com silicone eu preferiria engolir naftalina seria mais fatal o final da rota da empresa crato-rio de janeiro me espera longe descansamos paradas para o almoço o motorista veio arrastar a sua asa buscou intermédio intrépido latifundiário nos meus silêncios de amor com o olhar disfarçado para meus olhos revolve os cabelos covardes bole no espelho esticando o nariz enfeitado pelas sobranceiras no meio das minhas pernas sem mais problemas ele se perde na minha carne isso eu adivinho eu nunca passarei fome posso ser telepata de circo como tudo se tornava simples para mim

cinco de novembro noite esse é o preço do paraíso em que vivo apodrecer! lourdes foi como que comprar um pão porque eu precisava quebrar o meu longo jejum pressinto a tua antiga crueldade naquela minha fase de vestido de senhora séria como eu teria encontrado o que procurava — em você? apenas durmo com um louco guardado em sua fúria para sonhar com o avesso do travesseiro e acordar apavorada na cidade não vou precisar de novos olhos a vida é assim mesmo a mesma apenas de mãos dadas com todos como todos me avisaram frequentar manicure como uso de puta rica e bem casada a cachoeira que sinto dentro do meu corpo sobe e desce perfumadamente como se eu pudesse me lavar e me sujar de mim repetidamente ao mesmo tempo e todas as vezes que quisesse em mim mesma e para mim eu deveria começar a ficar logo nua agora a minha vida de noiva

nova com gestos frescos beijos selados salgados chupões que sonoram em meu corpo peixes da praia nos almoços na orla ora era esse um gesto simples? oi! ele tinha era uma cara boa eu acho uma tentativa apenas desesperada de te encontrar com um aceno da mão aberta olá! ele tinha apenas um rosto contraído na tentativa de pegar o sabão ah! limpo cheia de melindres com a outra mão a espuma do olho esquerdo meto a outra mão erradamente na brasa do cigarro aceso do vizinho no cinzeiro queimo minha pele eu demoro a cicatrizar ninguém ri ele pega o cigarro no chão e constrangido me devolve pelo lado certo tento perceber alguma coisa além da fumaça as formigas sobem pelos dedos sinto no olho distraído que elas sorriem para os meus pés bem feitos meus dentes novos e a barba de baixo caprichada agora cor de rosinha para rimar com ela por dentro na cidade não voltam os medos de que alguém enxergue o meu passado se é que algum dia eu tive um passado! o tribunal de recursos decidiu sodomia o juiz segurava a vara com castão de prata se intoxicava de leis e me devolvia à vida ao me expulsar da cidade usando o último perfume que precisei para me disfarçar com cheiro de novas solidões irreconhecível caminho sob as folhas decíduas das amendoeiras solteiras e vermelhas na praia de copacabana no outono os ventos do mar são ainda mais cruéis o virtuoso marido quer que ela esteja sempre pronta para ser amarrada com as mãos para trás quer que ela esteja de frente com a cabeça virada para trás toda torta diariamente sem olhar para ele noturnamente antes de me comer no domingo depois da missa quando vai ao clube de pesca ele sempre me canta um velho bolero e esconde o nome do que sente conservo o cigarro na boca as pontas das unhas na minha carne ao menos uma vez por semana no máximo não é pouco amor como você me deixou sem esmalte! como você costuma não me ver! amor como você que é meu senhor e me quer mais e mais! amor amor me espera na roleta na roda gigante no carrossel o parque de diversões traz sensações de agulha entrando pela garganta o navio dos marinheiros gregos no cais da praia ao lado o que ele realmente queria era que eu girasse e ficasse tonta de uma vez bêbada só de olhar para os cavalos

subindo e descendo ali mesmo rodando sem sair do lugar presa no centro do carrossel e partiu fugido no mesmo dia do passeio no parque no dia seguinte da cachaçada no bar do porto sem me dar o dinheiro dos seus altos salários que alegava pelas travessias de dez oceanos em casa tinha insônia e esperanças imaginárias originárias da sua volta uma aposentadoria no benefício da putas fiéis aos marinheiros quando eu morrer você vai para uma casa de caridade em paraty petite! já está tudo pronto com meu advogado ele disse com sua boca de torta de morango menina pronta para casar ninguém para casar o marinheiro não foi com a minha cara eu entendi logo ou se foi embora logo nem sei se ele contou a verdade para mim se era grego ou argentino todos eles falam a mesma língua todos iguais uma língua de serpente que ninguém entende ou o que ele disse — que me amava — era uma picada de mau gosto comum lá na terra deles não não era verdade eu sabia que não mas ele gostava de mim não gostava de todos os lados apenas algumas partes tortas e quebradiças ficavam de fora principalmente quando eu tinha que ficar de bruços na chuva na garagem no armário nas sextas-feiras de despacho após devorar a fatia de pizza era o que sobrava na última hora da madrugada mas era ótimo ouvir aquilo idiota! a estrela da manhã nascia primeiro entre os meus seios às nove a cidade grande estava toda cheia de mofo e pavios de bombas prontas para explodir a qualquer momento espinhos por todo lado para onde se tentasse me mexer e fugir tudo a ponto de acabar de uma vez de uma hora para outra refulgia tudo amarrado com barbante velho puído as vidas frouxas as vidraças sujas as palavras chochas os ônibus especiais cheios de frio nostálgicos os seios de plástico da concorrência desleal com o acessório de um pau para quem não se contentava só com o trivial simples necessário na porta da igreja um menino nu e faminto diante do ouro infinito do fundo dos altares morto o deus deles o inverno voltava e o menino sabia e permanecia ali usava sua fome como roupa

provava sem sombra de dúvidas que a sua ressurreição estava próxima assim que morresse sua morte de excluído! como uma das meninas do meu

cardume de piranhas à moda antiga eu também fui excluída de ser reverenciada num local reservado um especial local só para mim do tipo altar erguido do chão para um ser humano como eu apenas que distinguido só para mim me mantinha anônima incógnita anacrônica reservada musa para os adoradores do meu culto perverso isso não estava claro agora — depois de tantos anos de ilusão — quem batia quem apanhava mas de maneira geral eu apanhava eu continuava a esperar todo dia por essa resposta que agora eu mesma me dou o que isso era era para sempre e nunca iria deixar de acontecer o que para mim se tornava até perigoso viver depois dessas duas décadas de medo tomando porrada como uma profissional do ringue quando os deuses se tornam violentos são dados a crises de vômitos lanças na mão os versos saíam de sua boca como poemas bem feitos até em francês que eu não compreendia meus lábios caíam observando estúpidos minha mudez avermelhada envergonhada pelas marcas do chicote seu desejo era desenhado em lanhos acentuados poéticos na capa do livro estamparia uma foto minha com uma expressão de imbecilidade e raiva eu era uma idiota lamentava a vida minha saúde caía e descia devagar ele observava a virilha sem depilação depois cantarolava baixinho *un poemito* se vangloriando da velocidade com que compunha a debochada peça e me valorizando por não ter raspado os pelos que eram dele — era o que ele mais amava em mim! ele gostava de me ver pelada peluda suas mãos voavam por cima e por dentro de mim depois desapareciam colocava o pau grande e quente para dentro da minha garganta o mais dentro possível me olhava com aquilo entre os dentes e sorria amplo meus lábios alagados e eu engolia o prazer lubrificado descia com dificuldade me imaginava uma velha madona desdentada com seu séquito de anjos e homens corpulentos à espera mastigava aquele mingau de hóstias sem a criança no colo depois abria a boca e mostrava as pequenas lesmas brancas que sobravam nas gengivas deslizavam para todo lado ao sabor da minha língua abria e fechava os lábios e exibia no viciado vão vazio aqueles viscos esbranquiçados ajudam a recuperar minha memória

seis de novembro noite alta à meia-luz sonho na sombra verde dos pirilampos elétricos do aquário ardem meus olhos mesmo sem ver nada me imagino uma daquelas sereias brancas esterilizadas límpidas fulgurantes dela brotam libélulas marinhas vermelhas como helicópteros bétulas velhas féculas algas flácidas bolotas de carvalho de veludo azul da prússia acéfalas e inexplicáveis paisagens submarinas o cavalo nadador dança ali agora eu imagino pequenos amarilis roxos nascendo da narina esquerda do peixe palhaço ele descansa as nadadeiras com as mãos na cintura exausto do seu número no circo o vestido de chita verde perereca meio curto quase mostrando a piriquita cheia porque o vestido era da prima mais menor o novo estilo mais moderno dos retirantes lembro de um mote cantado — Ô rios de terra seca! Ô gente de vidas seca! — aqueles rostos picados de varíola como cera velha de cara de morto o início do terceiro verão o estio sem água o espetáculo da desolação dentro do moinho destroçado dentro de mim a mente da madrinha construía as imagens memórias tão pequenas migalhas finas de um tão raro pavor panos coloridos que não me esqueço ah! porque eu me dava por dinheiro para os retirantes era esse o trabalho? isso é verdade! pra que ter vergonha? uma prexeca tão pequena tão novinha era crime? essa minha? ah uma daquelas de filme na cabeça de homem vinham com fome caindo quase de mortos pagavam com uma raiz arrancada de roubo em algum lugar e matavam uma outra fome que pudesse lhes dar uma alegriazinha ah era crime? só porque madrinha me prostituiu novinha? só se bebia um pouco antes de foder madrinha não achava errado nós comia quase ninguém comia mas nós comia! isso era possível eu daquele jeito tão nova! então eles quando brotava algum dinheiro de quem tinha vendido uma rês quase morta jogava na nossa bolsa depois eu me vesti de santa e me sentiam muito mais viva devolvendo vida nós duas prostituídas arrependidas e humanas como nunca! só porque éramos capazes do pecado! olerê! madrinha também tava a preço mas quem ia querer uma velha com aquela coisa novinha a

disposição? e ainda tinha a madurez de cobrar por ela aquela labuta velha da vida! ôxe já era alguém então nós duas caráio! uma perdida duas mas não era demais? delegado podia nos prender prostituição de criança era crime! mas tudo tinha começado muito antes com o padre o senhor dos pecados ele nos fazia pecar e depois absolvía era um santo completo foi na sacristia da igreja que me tornei prostituta infantil e não recebia nada agora eu tinha um chamamento por dentro um olhar atravessado vizeado sem ninguém saber e um ódio só meu guardado por mim mas que todo mundo via e eu não precisava mais de me casar com o filha da puta do padre que me batia na cara e me enfiava o dedo no cu e que tinha me prometido que nunca ia casar com menina nenhuma só pra ser meu pro resto da vida enfiava e me batia com o mesmo dedo do anel de noivado com o cristo nosso senhor dele sempre acertava meu cu com o dedo e sempre a porrada na minha boca se lhe cobrava a promessa apanhava mais ainda pelas chagas me ensinava o sofrimento igualzinho e me satanizava e me sacaneava o mais que podia todos os dias o que ele mais gostava era de enfiar os três dedos em mim de uma vez só no meu buraco mais apertado os medicamentos sagrados como ele dizia que escondia no altar da sua mão ao invés de pão vinho e do espírito santo — que descia sobre as coisas pelo sangue do rapaz judeu que foi o filho de deus — ele me agarrava por trás sempre foi isso traiçoeiro e enfiava com força na minha bunda até sair sangue ele também juntava uma poeira sinistra varrida do chão que jogava no meu rosto e cobria os meus olhos irritados e cegos pra eles ficarem fechados e não mostrarem sua feiura cinzenta bolorosa na sua frente o vinho o pão o espírito santo descendo sobre as minha coisas novas na hora da substância leitosa dentro de mim sexo à força socado e batido quando ele me examinava para ver se eu já estava vertendo sangue a duração infinita daqueles pequenos milagres baratos! me ameaçava com manifestos malefícios de deserdamentos por um longo tempo me mantinha ajoelhada na sacristia até o sangue parar de escorrer de mim a bunda empinada para cima como ele mandava me contemplava em silêncio esperando o tempo de sair para a outra paróquia

falava pouco era instruído simplesmente perverso e inflexível suas humilhações afetavam calúnias sobre os meus próximos “a tia cafetina! todo mundo sabe quem paga é você! putinha nova pelo mesmo caminho já vai aprendendo!” chegava perto da minha orelha no confessionário ninguém iria acreditar na sobrinha de uma puta velha! cega burra e gostosinha deixa eu ver tua bunda ele ria eu era a culpada do demônio vir visitá-lo ali e depois o seu falo vermelho e já um pouco velho me purificaria das minhas imundícies o casamento com ele sim na minha vida de putinha novinha seria para mim uma água-viva sim um dia eu seria uma puta religiosa só me limparia na outra vida aguardava a minha transfiguração isso eu acreditava mesmo me purificava mitigava a minha desonra humana de sobrinha da cafetina puta velha quando me entregava ao meu sacerdote como sua vítima propiciatória as portas dos vizinho sempre se fechavam jamais se apresentaram testemunhas quando ele executava seu ritual e as janelas eram tão próximas quase dentro da sacristia! todos sabiam! e voltavam para a missa de domingo os véus brancos caídos sobre os rostos magros de mentiras deviam saber de antemão a semana toda o que estava acontecendo há anos nas mesmas horas mortas a calmaria das procissões ocultas as velas acesas quando o pároco fechava as janelas para não ser interrompido em sua catequese junto às crianças órfãs uma por vez

seis de novembro amanhecer a vizinha carola papa-hóstias da irmandade do crucifixo do terço da virgem das mantenedoras da sacristia deveria sempre manter os olhos secretos enrugava as pálpebras sozinha no espelho aplainava as rugas e evitava o enfrentamento das consequências de uma denúncia terrível temia a peste das vestes purpúreas e o cinzento fumo sacerdotal tudo aquilo começava nos lanhos das suas unhas nas minhas coxas nos rasgos das minhas calcinhas de cores insuspeitadas vistosas e infantis as mãos vazias de armas para me ameaçar brandiam apenas a lei do deus nebuloso e o padre fumava com calma longos cigarros brancos

como velas depois dos estupros a cena deformada para as vistas alheias filtrada pela cortina nacara e diáfana a madrinha esperava o fim da catequese sentadinha do lado de fora da sacristia no átrio sepulcral as relações com deus deveriam ser veladas no fim da espera as portas do infernos abertas de par em par ele elogia minha aplicação vislumbrava um futuro na cozinha da igreja para a menina a madrinha era recebida com um embrulhinho de linguiça de porco e um cálice vivo de porto licoroso o cura depositava a muamba na sua mão junto com as moedas que roubava emprestado da caixa de esmolas compre umas balinhas para essa criança para ela nunca se esquecer do padre e da sua vocação de se tornar religiosa madrinha cafetina e sacerdotisa do mal! enquanto ele me dava a lição do seu próprio cálice era o meu corpo uma carne a mais a ser renovada cada vez ressuscitada em toda catequese onde ele podia sempre ter o inevitável que quisesse o que eu não escolhia era repetido uma vez por semana na quebra da madrugada quando chegávamos na casa paroquial para as matinas das sextas linguiças e moedas para o sábado vinham outras meninas junto com o vento que empurrava a poeira e as criaturas para o abismo da sua salvação no coro cantávamos alegres como serpentes ultrajadas de línguas de três pontas as notas saíam com seus venenos embebidos em pecados depois as carolas nos orientavam mesmo que ele faça alguma coisa errada com vocês nunca abram a boca para falar mal do padre o erro é humano e ele é um santo homem! a madrinha pedia à mulher que organizava a agenda do cura para que eu voltasse mais dias ali na preparação do coro reclusa seria bom para mim e o ideal para ela me alimentaria melhor meditando em meus pecados três dias suando sendo amofinada e morta de medo enfiada lá dentro esperando por ele na geladeira do quarto de pedra úmida lá para onde ele me preparava para o coro e me brutalizava depois passadas algumas quaresmas eu já taludinha madrinha me servia em casa ao seu convidado de honra oferecia-lhe sopa de caranguejos no dia do acerto de contas das minhas pernas sentada no sofá da sala ela adivinhava a poça de vinho quente no meu ventre seria sorvida estendida sobre a mesa do

sacrifício ela sorria em silêncio jogando nos ombros o pano de prato amarelo da vergonha com que limpava a mesa para o café do padre e saía para a cozinha fritar umas mandioquinhas que não faltavam nunca como ele gostava! uma pequena mesa no canto do cômodo sem janelas eu ia sendo lambida sorvida aos grandes goles junto com a bebida gelada eu era um grande assado vivo e nu grotesca em vez da maçã enfiada entre os dentes um tufo de cabelos negros jorrando da minha bucinha de adolescente a grande bunda avermelhada que crescia a cada dia para seu deleite era babada pela barba do basbaque monsenhor terminado o repasto esperava tranquilo sentado na poltrona da sala para que me vestissem me lavassem e me levassem à missa dele dormitava um pouco pestanejando exausto pela madrugada de ladainhas recobrando forças para uma nova liturgia com a carne das meninas um peixe balofo e sinistro no aquário da esmirrada poltrona forrada de chitão vermelho cheia de lanhos velhos por todos os lados portas abertas por todos os órgãos portas de memória em todos os momentos vãos que se abrem cheios de pensamentos sou eu que preciso abri-las e fechá-las num instante de outubro ou do outono ou noutro depois as deixo entreabertas me proíbo de dominá-las definitivamente quero viver para sempre me envolvo em especiarias quero me eternizar em cera clara no silêncio estarão minhas cinzas brancas junto com as fezes da última hora olor de muitos utensílios guardados com os lençóis intocados na gaveta o cetim do cisne fêmea que voou com a asa quebrada de telhado em telhado de cama em cama ausente de si esboço um batom antes de sacudir o suor das penas das pernas para outro voo os olhos de pequenas pérolas vermelhas tiritando contra os lábios da estátua de mármore morto sentada suando frio os pés salgados e sujos não consigo parar de rir de nervosa faço o que não amo como o pão do amor recheado de medo as flores enferrujadas crescem arranham na garganta da gaveta ele atira bombons desembrulhados pelo meu corpo todo os papéis se desdobram nos lençóis e nós com fome todo dia se não fodo não como as mulheres de família fodem e comem as despensas sempre cheias as despesas pagas algumas não recebem direito e as despensas

ficam quase vazias outras são mortas como nós qual a diferença? somos iguaizinhas! mas nós podemos escolher o pinta elas são obrigadas a abrir as pernas para o mesmo cara e se não abrem? o juiz desfaz o casamento até que a morte os separe desde que você foda direitinho toda noite e a noite toda sozinha! a sombra de um homem verde na cama

seis de novembro meio-dia eu escuto sua luz branca e áspera jogada no meu braço a passageira luta comigo para não dormir e diz: — descobri! és aquela a mulher na jaula do circo! mais uma louca pra dizer quem eu sou no ônibus sem sono roupa laranja e azul e os olhos de quem dorme em pântanos queimei meu rosto no sol da manhã jogando as faces de lado pela janela a minha fisionomia se iluminou e lourdes escuta: “hoje sinto a minha pele lisa ontem era um despropósito de gordura de fritar o porco para ele” agora maquiada para o que der e vier não é mais como aquele mesmo dia antigo quando tive de fugir da primeira vez para não ser morta por apedrejamento tenho peças íntimas de carne crua avermelhadas os que ontem conspiraram contra mim celebram hoje comigo escolho a cor do vestido que ia vestir naquelas tardes depois noites em claro com elas aprecio os corações curvos mas que sejam perfeitamente curvos e para sempre! ele me recebeu como quem cospe um caroço amargo para lá e depois se adocicou dentro do meu corpo com o fruto do que eu construí no coração dele fui frenética viva vulgar devagar vagamente neblina estive em cada lugar! ali já não havia sangue nem ossos apenas algum sonho velho de quem já não dormia a ranger pela cidade eu saí sem comer nada! um saco de biscoitos escalda pés de suor na sujeira debaixo do banco o joio não o trigo até agora as várias faces que não vejo cheiram forte a essa hora da viagem imagino todas elas sujas me surgem na imaginação com a força das artes das sombras os detalhes indesejados recortam perfis tortos nos corpos das crianças apesar da fome escondida a passageira na cadeira ao lado sente o cheiro das minhas frutas cristalizadas último presente da porca madrinha para a precaução da matula da viagem restos de natais passados

guardados no ninho de cupins da sala o marinheiro-eleito voltaria por aqueles novos dias de mormaço e calmaria o canalha rico de promessas se esticando de beijos no sol eu nem me lembro mais direito disso se já fui amada por alguém minhas dolorosas costelas as costas o amor de gritos o velho punhal de estimação atravessado de orelha a orelha quando eu nasci me deram festas e essa faca de presente e em tudo que vivo e que não vejo diretamente ela está sempre fincada aparecendo por lá me inspiro em mim mesma para sofrer sem perfume poderia até sentir um rio gelado grudado no corpo e acabo qualquer dia cheirando mal tínhamos e continuamos a ter a fé inabalável de sempre e o hábito de lutar! lutar para subir mais alto tão alto e tão estonteantemente quase até os pés sumindo nas nuvens mais alto que o meu tão alto pequeno seio mas não se aborreça mais com tanta amplidão por minha culpa e com a tanta demora para se chegar ao céu chapéu de dobras cor de abóbora como me dizem olha que todos os meus dentes foram quebrados! agora só me resta lidar com as carnes das gengivas e com as dentaduras bambas sem confetes eu tomo um sorvete seco e escrevo a forma detalhada daqueles dias esse poema esse diário à força que faço sempre quando ouço o galo gritar comecei quando sentávamos abraçados diante da meia de lua da pizza fria que sobrava de ontem a geladeira que você não consertou vinha rir e reclamar de mim mas podíamos ir se eu quisesse de preferência aonde ele quisesse onde somos santos e não éramos reconhecidos pelas fotos espalhadas nos armazéns da caatinga dois loucos letradíssimos cultíssimos viajadíssimos e armados até os dentes dominávamos umas línguas tristes de um mundo futuro e mesmo assim seria difícil para todos principalmente para nós mudar o que o povo esperava que continuasse do mesmo jeito o que esperavam era que o mundo sempre mudasse para o pior mas conseguíamos algumas vitórias insuflávamos camponeses mais bem informados que nos compreendiam a verdade é que escolhíamos a dedo depois de longas reuniões onde entrar para sermos idolatrado por seguidores também desdentados e então revelavam a falta de coragem para se deixar trucidar e morrer compreensível! o que

não é compreensível é o fato de conseguir lutar até o fim como alguns lutaram — e o calvário daquela menina que morreu sem os seios mas não abriu a boca o que eles queriam era o nome do seu amor nome que ela dissesse durante uma vida e que levou dobrado consigo para a sua morte mas soubemos atravessar as linhas de fogo as crises a tontura as torturas às vezes eu pintava os cabelos com o sol confesso raspava o musgo azulado das virilhas e curetava com beijos doces o velho útero de cacimba ressecada meu coração de terra produtor de gente morta nordestina depois a verdade é que ele foi o único homem que me fez completamente mal antes éramos felizes em qualquer lugar em pé no banheiro em todo lugar naqueles dias podiam costurar também meus olhos além de cegá-los uma capa de saibro ressecada envolvia todo meu corpo e pisoteavam as carnes para beber uma sangria doce que surgia da minha alma em silêncio tudo era o amor naqueles dias a tortura dos companheiros depois da minha — e a morte e a derrota que pressentíamos os olhos de vento diante do sertão quebrantado nua no espelho cego meu amigo zeca nu pendurado e ensanguentado mas o que era evidente era que ninguém falava na falta de felicidade merda! eu penso devagar mas penso devagar devagar! devagar! acho que vou procurar alguma coisa para comer qualquer coisa e andar na praia de saio te vinho esperando as naus da volta com os porões cheios de homens embriagados ao invés de negros enforcados com ferros a caneta provavelmente atualiza a cor dos meus cabelos para louros contrastando contra a areia revirada tomada pelo vento eu não choro porque não vejo os teus olhos choro quando penso em olhar para os teus olhos se tivesse olhos talvez fosse melhor não vê-los nunca — você que me deixou aqui sozinha na cozinha quando voltamos do baile dos cegos teus olhos que eu não vejo e que ficam grudados no café no pão nas portas quando você se afasta de mim preciso de um cigarro e um revólver! rever o resultado dos dados jogado por mim com as mãos à toa vem eu não bloqueio de cera os ouvidos pode me gritar! nem fecho com algodão as minhas narinas ainda eu suporto e vivo o odor nauseabundo e o hálito masculino dos dias da alegria

antecipada das flores e dos ciprestes da morte que não dão flores e que na caatinga são de pura palha de carnaubeira braba velamos os mortos com os sons de sinos das iaras que um dia estarão plenas dos meus chamados não! eu não vou empestear a sala com a nova tinta para a raiz velha dos cabelos louro médio molhados de mar o branco dos barcos das areias cinzentas da maré baixa dos meus quarenta anos bem apanhados — de resfriados!

bastante nostálgica hoje! empurro a vida ajudando com as mãos lá para dentro o vômito da cachaça forte que eu quase não bebo volta contra a pia a julgar pela aparência das unhas das carnes das tripas espero por ele no fundo do quarto sem luz vez por outra a fumaça e o som afiado dos fios queimando carnes corpos nus que já tinham se tornado espantalhos chegam até mim cheiro de carniça viva em nosso macabro ninho de amor nada apenas corpos se debatendo para sustentar suas mentiras apenas corpos se debatendo ao vento um espetáculo que vai do horrível ao trágico: os voyeurs da equipe de tortura médicos e militares aprendizes visitantes do empresariado do agro negócio do mercado de capitais que investiam dinheiro na repressão outros companheiros condenados a assistir o suplício dos outros companheiros informantes sádicos sem ter o que fazer nas noites de sextas iam para ali assistir tascar o balão — como eles diziam sorrindo com esgares malignos todos presenciavam a aplicação dos métodos homogêneos desenvolvidos e distribuídos pelas escolas unificadas do continente ministravam aulas de sofrimento individual e em grupo em outro lugar do pavilhão os mortos vivos esperavam a sua vez diante de uma janela de ensino à prova de som não tinham acesso às informações frescas não se beneficiavam das palavras e dos gritos recém colhidos ontem a posição da mulher era bastante incômoda e eles demoraram mais do que o normal para pôr fim ao seu silêncio com um rito de pistola diziam que era muito trabalho porque parecia que não conheciam o idioma em que chegavam enrolados os nomes embutidos nos seus músculos quase no fim da dor nós da cozinha vivíamos com medo e você gonzáles podia controlar o nosso medo através de

muito mais medo marcados em minhas narinas eu também posso me lembrar do cheiro mórbido do teu cinto enrugado e gasto da frieza da tua arma na minha boca a angústia das tuas insígnias de animal enlouquecido no fim já sem faro eu me tornei aquela cadela louca de rua lambendo as tuas botas quando você exigia no calor do desrespeito a tua cachorra assustada e submissa abanava o rabo e que ficasse alerta acima de tudo quando você ficava em silêncio enquanto me enchia novamente a cara com porradas sei o teu nome gonzáles conheci teu pai desconhecido me amamenteei na tua mãe morta de parto ou de faca talvez mas certamente morta pelo teu pai enfurecido na classificação das gentes a tua finada mãe é aquela que sempre dá um passo em falso aquela que na sua juventude o pai a colocou num convento para que a criança gerada por ele não nascesse do dia e um sujeito oculto logo depois desapareceu com o seu filho e você você meu filho desconhecido que tiraram de mim desde muito cedo terá matado muitas pessoas por aí? com as próprias mãos? com as próprias botas se precisasse? porque foi treinado para matar e espancar não isso não não precisa se justificar eu sei que você foi treinado para trucidar foi treinado para bater e rebater e continuar até à hora que se decidam a te servir tens a engenharia humana específica que te forneceram para o serviço especial ao lado do major gonzáles você oficial subalterno o homem certo no lugar certo o homem que mata para o seu próprio bem e para o bem daqueles que te pagam mal usa perfumes caros bebidas ricas recebidos das mãos de adoradoras bonitas camisas listradas lilases de seda estampadas de guerra engomadas de silêncio para o sábado à noite vício! para aquelas festas onde você que nos faz encolher de silêncio e gemer sem música recebemos os choques frios do teu corpo em nosso leito aberto sem lençóis flores fracas submissas do plantão no jardim no seu quartel ele nos fazia servi-lo sempre que sentia fome e eu emagreço morrendo ali a cada vez que me dava em alimento definhava de medo do oficial gonzáles como todas elas que estavam ali quando invadiram nosso convento essas fomos nós exatamente assim como ele tem feito todo o povo temer todo o povo do mais miúdo até aqueles que

detêm um pouco de poder ao seu lado é impossível estar seguro ao lado do major gonzáles sem temê-lo todos temos o medo no corpo e ali infalivelmente gonzáles o cria e o instala e o revela descobrimos no corpo o azedume da vida à espera da hora calada da morte a vitória sobre o fim da dor é para poucos ser imune à doença universal do medo nós dois sabemos que não nos amamos major gonzáles! obrigado pela gentileza toma isso para comprar um perfume! que ironia não se deve oferecer dinheiro a uma mulher depois de ter ido para a cama com ela querido! uma mulher não deve se submeter a nenhum tipo de caridade a nenhum tipo de caridade a não ser a caridade que recebemos de nós a caridade do homem é para nos penetrar e apenas isso se for de bom coração senão o que sobra é a satisfação que eles sentem quando penduram as santas nos varais das suas mortes eletrificadas e ouvimos os seus humores ao perceberem o horror das freiras que tomam choques e são penetradas pela primeira vez

seis de novembro noite (não consigo parar!) mesas cheias de violetas definham na enfermaria ninguém trará flores à elvira flor das flores aqui neste hospital é o mesmo que você lutar sozinha pela vida contra um exército lutar contra a minha solidão de solteirona trintona infectada por um aborto de casebre imundo me preocupam minhas recriminações criminosas repetidas contra mim mesma eu não suporto a minha cara e digo isso para mim mesma contra o espelho que não vejo todos os dias a solidão religiosa da mesma face que não tenho todos os dias como uma borboleta abrindo as asas e revelando sombras que coçam rostos com maquiagens desinteressantes eu adivincho como vocês me dizem você não perde nada elvira! isto sim é uma mulher na rua da amargura a famosa marquesa tiririca marquesa da esquina da tristeza com frases curtas eu deixaria um bilhete e me enforcaria num lustre bem bonito e aceso é claro primeiro na gelatina da morte se coagulando eu gritaria com asco todos os palavrões que eu conheço nua na primeira marquise à direita da rua onde faço ponto em copacabana ou vestida à bandoleira ainda

com a lingerie que sobrou dos dentes do velho cavaleiro medieval quem você seria se pudesse dores? que heroína você escolheria para você mesma? de onde eu venho todos são falsos heróis só pelo fato de serem homens e terem sobrevivido ao minuto de murmúrio do mundo falso meu ressecado coração imaginário mingando escorrendo pelo córrego da fossa imunda ia encalhar nas barrigas vazias por isso há algo de tão assustador assim mesmo em mim também lá estão tão escondidos os fios de lã da minha espera desprendidos dos lábios das navalhas vermelhas correndo dentro das minhas veias noturnas o terço dedilhado as vezes sem conta que rezo em silêncio sem mexer os dedos com câimbras penso nisto e naquilo e vou repensando e refazendo e recomeçando o jogo sirenes e ruas silenciosas desse jeito jogando as minhas duas mãos nervosas uma contra a outra as duas arranhando contra o rosto solitária raspo uma face contra a outra as tripas verdes riscando as têmperas sedentas batem de encontro aos ossos o murmúrio ácido do coração em torno do azul das veias e da imagem quente das velas brancas do velório da criança incelência! abro as asas de libélula e voejo no meio das minhas eternas lentes escuras as pernas largadas meia pálpebra cansada os olhos ensanguentados arregalados às vezes um som involuntário com a boca algo que se quebra semelhante a um coco dentro água como um copo que cai na pedra como um corpo que cai dormindo sem querer e só deixa o seu susto — o que é isso que eu era antes de dormir? ele brinca como se rangesse com as mãos um chicote preto de pelos indo e voltando entre seus dedos percebo suas unhas trauteando contra as minhas costelas carrego a noite em forma de peras frescas sobre os ombros suas ausências tomo a carruagem recém lavada uma outra carruagem leva mariana para longe a dor maior sem mariana não pegava o peito porque não não era a cegueira que impedia o funcionamento da vida já nasceu sem vontade de viver hoje sem utilizar microfone nem confetes somente dois dedos depois do prato principal escrevi um pouco o diário diferente entre o café de dois dias não tinha mais medo eu era tudo agora! no meu canteiro de rododendros princesa

dos barcos de vidro marinheiros só meus como a minha vida embaraçados nas tranças que eu percorria nos meus cabelos agora todos já sabiam quem eu era! se adivinhava isso com as narinas a perfumada flor das flores – a famosa elvira sem olhos – chegou perfume de puta não deixa dúvida nos meus sonhos molho tártaro sobre a eterna meia-lua de pizza no refrigerador descansava ali como um porco focinhando diante da sua fêmea sem disfarces e que me importa isso? se ele está ali ainda vivo morno com um sol desses! desses dias em que só me chegam os clarões dos lençóis da areia seca dos pastos endurecidos correndo para o longe e das carcaças se esfarinhando como esculturas desmembradas e quebradiças

que não nos transpassássemos um ao outro nem às nossas sombras com os nossos enganos iluminando e cegando um ao outro! como todos eles fazem que não nos engavetássemos como caixas de depósito dentro de silêncios e plataformas – um no outro esquecidos dos dois senão estaremos perdidos e fracos nus completamente nus solitários como um no coração do outro sem saber iremos essa noite para onde seremos os dois apenas um onde já não sobra nada de diferente de nós diferente de nós dois dois territórios acesos de desvios mas não passaremos sem nos falar como desconhecidos um pelo outro nem em nossas antigas fotos cheias de dúvidas deixaremos de nos reconhecer nós mesmos estamos ali à espera apenas sem lembranças e não saberemos mais nada sobre nós além do que está aqui e lá naquelas imagens sem as margens ah sim! – na rua a barriga já está ficando um pouco flácida mas não nada é tão difícil como me identificar comigo mesma de novo novamente mais um dia mais uma vez difícil é decidir se tentaremos o impossível sim isso é o mais difícil para poucos! e escolheremos quem passaremos a ser amanhã se passarmos por nós e não nos reconheceremos calamos então outros passarão um pelo outro entre nós novos desconhecidos novos desconhecimentos então na padaria no caixa entre as prateleira e estaremos prontos para continuarmos em silêncio andando em direção à rua disfarçados um no outro um de cada lado dos corredores do

mercado passando um pelo outro enquanto fazemos compras sem nos vermos nos veremos diferentes qualquer quinze minutos depois e depois voltaremos a não nos vermos qualquer deslize qualquer idiota passaríamos despercebidos e iríamos embora sem sairmos juntos sem notar nada de estranho em nós mesmos sem dar-nos conta da última roupa que usamos quando fomos vistos pela manhã pela última vez mesmo que fôssemos totalmente estranhos deveríamos ter voltado e nos cumprimentarmos mesmo que fôssemos finalmente novos amigos se não há mais ninguém em quem possamos nos transformar! e ainda teríamos que ser nós mesmos de novo e de novo nos veríamos como alguém mais diferente de nós ainda se víssemos mais alguém do outro lado da estante das latas de ervilhas como nos reconheceríamos? como não seríamos contaminados e confundidos com nossos rótulos nas prateleiras e no fim estaríamos completamente cansados e seríamos consumidos de uma vez pela fome do esquecimento de nós mesmos talvez antes mesmo de termos sido amados agora nada pode ser feito em relação a isso nem a nós mesmos a não ser que precisamos ser transpassados pela dor do outro muito antes de tudo ter se resolvido e de tudo ter acontecido e de tudo ter começado — seremos um o punhal — ou a flor — do outro

sete de novembro rosa elvira elvira flor-da-rua elvira do asfalto! o suor das nossas mil e muitas cabeças quentes derretendo nas noites de fornos e pães mal dormidos os mil e um dias de caçada e de caçador ao redor da poesia eu ainda não sei o meu novo nome numa rua de copacabana mas já sei o passado de cor cozido numa gota de âmbar pendurada no pescoço suado o trem nos olhos que atravessa a estrada sem trilhos me avisa o sol a sua hora de romper e de sempre entregar o dia nesse ponto o som das rodas se esforça numa ladainha forte rangente tangendo a fumaça para trás a chuva igual àquele dia o cheiro do meu cachorro morto — aquela tarde do dia a escrita a carta que o porteiro lia crato 11/12/1972 “querida prima rosa elvira eu escrevo esta carta para você esperando a chuva os pavões encardidos

balançam na minha saia os cabelos de fuligem amarfanhados cegos de amor pela falta de espelhos sou o pó sou o único ser sobre o rosto coberto de lágrimas de comediante os seios sugados suados e pálidos balançam no pano barato remendos nas calçolas grossas irritando uma coxa contra a outra os suores do fato outros panos segurando o sangue nas feridas que não fecham o trem passa enquanto eu acredito na fumaça e acendo o cigarro” dagmar poeta do cerrado minha prima sempre assim até o porteirinho paturi irerê achou bonito a fala da menina desejávamos os mesmos moços dagmar e eu mas não pelejamos por causa de homem homem é o lixo cê sabe né prima nós é o ouro! ou era você que acendia o cigarro quando o trem passava ao contrário do pó? eu nunca consegui perceber eram duas fumaças em uníssono se atravessando contraditórias – cigarro e trem entravam pela janela como os cílios da mula você dizia quando passava o cigarro para a minha mão que eu te oferecia assim de uma mulher para outra de uma mão para a outra como amigas damas secretas aceso eu sentia o teu cheiro tão perto mulher com mulher dá jacaré! mas eu não nunca senti o teu cheiro de mula como você dizia contava que vivia nela mas não sabia se existia se você inventava? se você existia! tragava e devolvia a caixa de fósforos sempre velha com um palito único para evitar os incêndios no sofá e no meu colo agradecidas sacudindo as três fumaças o trem o cigarro e as roupas saindo fogo pelo calor do corpo as quatro coxas coladas os trilhos acesos das novas belezocas rompendo o sertão para amores gratuitos um agradinho de ajudar na despesa era sempre bem-vindo cobrávamos apenas a manutenção da força de trabalho sexual um capitalismo do prazer dagmar e eu éramos sócias empresárias de todos aqueles anos de todos aqueles panos molhados de sangue também porque estávamos vivas em todos eles em todos os nossos dias de difícil peregrinação pelos trens do sertão recebíamos para dentro dos meus olhos vazios dádivas de deus! então eles deixavam cigarros acesos no colchão dormindo bêbados de bucho para cima eu pegava fogo com eles a fomalha do trem o sol no liso do boqueirão outra caixa de fósforos ali do lado mais incêndios os sonhos com o mar perigoso pegando

fogo que nunca tínhamos visto enxofre e betume no pecadores os cavalos de crinas de algas que nos levam aos bosques aos banquete nas grutas de funda maré lágrimas de bronze os animais soltavam chispas de ouro gloriosas fumando fumegando a tua imaginação dagmar cheia de perguntas de onde vinha toda a minha humanidade dentro da vida! os cavalos de cabelos cortados rente sorrindo agora dentro do labirinto de ladrilhos brancos espelhados janelas se abrindo nos teus eternos olhos negros dagmar que retornavam as coisas do mundo para mim detalhes de um outono devolvido cheio de lama com dúvidas sobre as chuvas dos últimos dias estivais meus pensamentos caíam com as gotas sobre as primeiras folhas ressecadas crivadas de vermelhos de barro as alegrias de estampados fortes caíam as folhas junto com a noite para um escuro cada vez mais antigo o meu coração de cega me despertava antes do dia aos tropeços na neblina negra da sanfona — a música daquelas madrugadas! dançava eu via o que você estava fazendo dagmar sentindo teus dedos grandes nos baixos vendo o que você falava pro homem eu adivinhava adivinhona dagmar a sanfoneira eu não enxergava mas o êxtase de não ter nenhuma vergonha de saber o que fazer da vida me tornava suspeita de um crime amava era amante daquele jeito com qualquer um que eu sonhava com o amor com o meu crime culpado de mulheres de contos antigos nuas iguais a mim corriam pelos telhados com a chuva resvalavam nas goteiras nas voltas das ancas e dos ombros me banhando me flagelando meio de despeito meio de prazer meio me lavando despudorada debaixo das poças da água das biqueiras encardidas a mais bela flor rosa elvira debaixo das calhas nuas sentadas enfileiradas nós duas dagmar sob as quatro águas dos lençóis de telhas da casa velha agora cobrem o curral despencadas ajuntadas no mesmo cano velho de latão dormia acordada na madrugada entendendo aquilo tudo esperava aquele despudor desde que acordava imaginado na manhã — o que nunca tinha visto me impelia tateando para vasculhar os oitões da casas de onde desejava ver saltar de um trapézio o malabarista que controlava as feras pendurava um laço de fita numa mecha de cabelo e atravessava a

cidade oscilando me equilibrando com a imaginação viva de toda a minha nudez por debaixo das roupas baratas silenciosa fixava o ar e replicava as palmas cheia de medidas e volteios de dedos e de punhos como a estrela de uma companhia de borboletas acrobatas a mulher do atirador de faca odiava a cachaça antes dos espetáculos eu respeitava os direitos e os deveres dos homens que se arriscam e se jogam contra a morte no chão num relance distraído que chegava aos meus ouvidos abertos eu via olhos no lugar dos meus olhos

oito de novembro na plateia um sussurro de silêncio — o vislumbre do trapézio vazio eu estava vendo o morto parado em cruz no chão sem se mexer de uma vez olhava em torno todo o espetáculo sem ver dentro de um vidro quente soprado pelo fogo das minhas imaginações tudo se passava o circo chegava num barco de inúmeras surpresas as minhas carnes faziam os cavalos rodar dentro de uma taça bem pequena como os líquidos passeando dentro das tripas redondas da galinha o motorista do táxi se sacudindo não se mexia na volta do parque dagmar com as coxas de fora até o alto do morro para poupar a corrida o velho suava o calafrio dos doidos fugindo de perigosos açougues os dedos inundados crispados contra o volante os pés sumindo nos pedais ele sabia que eu não podia vê-lo ali como ele era mas ele nunca descobriria que eu lá fosse a bailarina de mentira mariana crescendo na minha barriga depois a faxina desastrada o tombo a barriga sumindo mariana caindo das alturas para sempre apesar de meio fraquinha ainda poderia gerar uma casa mas não nasceriam corpos sadios e vigorosos bem alimentados por alguém com dinheiro eu saí da cidade sem comer — um saco de biscoitos a bolsa o escalda-pés da poeira durante toda a viagem tudo pronto lá em copacabana eles esperavam a chegada do joio não do trigo até que novas facas surgissem das sombras e recortassem minhas sobras mal devoradas aos pedaços para nós crianças o coronel dava balas — e gostava de mim gostava! nuvens de fumaça no fogão à lenha iam-nos grudando no tom cobre da pele mesmo que eu não me lembrasse mais

de como era estavam ali as marcas as manchas o mosqueado dos insetos sempre descansando nos barbantes suas fezes iam e vinham no vapor quente ainda estão por aqui mesmo que eu não me esqueça daquela noite de onde eu vim habitante das noites eternas aquela era uma vida que se dissolvia enquanto eu me perdia e partia ouvia a música completamente indefesa sem os braços brancos cansada atirei todas as pétalas fosforescentes do toucado de volta no aquário essa paixão assustadora nauseante de folhagens iridescentes sujas de óleo que voltam à praia tão atraentes suas corolas labuzadas de líquens brotados nas ondas a esperança de ontem eram essas flores que já não viviam o céu líquido entre as unhas se dissolvendo removidas com o esmalte vermelho dentes que todas as manhãs eu deveria esperar sorrindo carnes com o mesmo significado do sentimento de que eu voltaria a ser um pote de cinzas o rapaz de pupilas violetas! mas não eu não sentia mais nada por ele e no entanto um pássaro peixe nos acompanhava ao nosso lado assistia estupefato o rastro de lesmas que largamos na poeira depois mergulhava sem conseguir engolir sem controlar bem meu voo incerto não sabia se devia nadar ao invés disso mas fui abaixo contra o mar num mergulho errado contra uma pedra ondas paralelas pesadas paradas por alguns segundos as pernas abertas deixavam passar a espuma fazia isso às vezes prendia a respiração e voltava a arrebentar uma correnteza mortal um banco de areia salvador boca e banco boca e banco! e mostrava o sexo despudoradamente finalmente o que ele esperava de olhos fechados eu ficava imaginando a espuma se desmanchando na beira a película molhada sonhadora das visões do homem nos meus olhos de santa das veredas o marfim barato comum de todos os dias vulgar amarelada era uma haste de cana ao desproporcional desejo tão ao mesmo tempo o desprezo do dia seguinte quando já não se tem mais banho para tomar fome desespero a sede tão perto da infância tão pronta a ruína já construída desde muito antes sem escolha desde cedo e o próprio destino mirrado de quem nasce no nordeste a milhas e milhas dali eu mesma igualzinha a mim não teria também qualquer chance nascida a partir daquela

serra eu era sempre uma temporada de ruínas uma semana e outra entre vaidades a noite inteira de perguntas para adivinhar as respostas que esperavam de mim — nunca acertava uma garrafa de rum derrubada aos grandes goles durante a travessia da estrada de terra noturna na volta indescritível para casa a lua sobre minha sombra com a forma de uma rainha tão grande fui grande! — aquela noite também parecia um pouco com a mulher na jaula do grande circo do marciano ah! eu fui feliz! eu fui sozinha!

nove de novembro quem manda em mim! roupa laranja e azul os olhos de quem se veste com peles de tigre na porta da igreja estava lá de novo um anjo o mesmo anjo nu todo sujo — e faminto o ouro diante do fundo os altares também estava lá de novo eu não fumava antes do café precisava me cuidar senão aquilo podia voltar sentia terror quando me lembrava aquele momento banal quando se cai como de um estrondo que estorva por dentro aquele dia feito um outro que fiquei morta diante do noivo fui noiva! estava usando aquela mesma roupa desde o último encontro a mesma roupa suja pela terceira vez a roupa de baixo também — era a mesma dos outros dias também naquele dia como no anterior e no outro não tinha água nem banho não tinha água pra mais nada mais não! era viver no seco se quisesse agora ou morrer bebia quando bebia do sumo das plantas grossas que ainda viviam de teimosa apesar por que fui ver o maldito do homem andando como uma rainha bêba idiota apaixonada e cega por cima do soalho de rachaduras da estrada? essa roupa em casa que estava usando pela terceira vez a calçola o suor de enxada a falta d'água a fadiga o cheiro forte de metal que o trabalho solta dos ossos escreve a luta do campo no corpo enquanto caminhava foram me soltando as sensações como uma troca de casca adivinhava a serpente velha cansada andando sem rebolar endurecia de repente que era um jacaré uma cobra uma árvore de mangue abaixo da superfície da lisa pele grudenta deslumbrante o corpo sujo de peixe morto eu estava em ruínas a sereia da água-viva recém saída do meu aquário seco começava a cheirar

mal estava próximo do fim da feira quanto a isto não restava dúvidas o pensamento mais antigo eu concluí essa manhã — desde menina eu me perguntava quantos anjos já existem lá na porta da igreja e lá no céu? aqui na terra estilhaçada abortavam escondidas as virgens defloradas a força e as que davam porque davam punia-se com a morte as violentadas nossos sonhos de justiça não chegavam para elas viviam ali de mãos dadas com o medo onde a lei da mãe cai sobre a filha a mãe mandava matar era puta feita a força mas puta o beija-flor azul do céu cor d'água molhada voava para longe namoro proibido um beijo quente e o olhar vazio de sede — quem seria logo uma mulher então? pequena princesa de carne na jaula circense apenas faltava uma escolha para quem me oferecer meu desespero não não fui dessas a quem só faltavam pretendentes foi meu desprezo depois estupefata aquela noite toda chorei finalmente decifrada eu fedia e era só isso e não olhava mais as batidas dos ferros desenhando cada silêncio na cadeia dos vasos equilibrava os vácuos entre as pálpebras — minha alma ninguém mais ali além de mim corri para os longes para os fundos da torre da igreja uma cabana de palha vestida de barro branco se cozia numa capoeira por detrás dos crisântemos amarelos esquecidos nas suas soleiras esperam novas mortes era a casa miúda bem cuidada do jardineiro do cemitério em seu carro vermelho a manhã passava finalmente gritou o sol batia na minha cara eu tinha passado a noite encolhida num canto de guardar côncavas pedras ainda vazias flores duras que resistem succulentas cactos pequenos violentos escondiam a menina com os olhos vendados com a fita da bainha do vestido magro eu era uma mendiga miserável vestida de bailarina rosa romântica na beira duma vereda cinzenta de covas abertas esperando os vivos estendidas as pernas voltadas para a saída da cidade a estrada estava pronta para mim para me livrar daquilo tudo eu precisaria montar nas minhas mesmas cadeiras pouco amplas me abandonar de uma vez a esse pensamento eu seria como a palha rolada entre vento e o vento preso nos pneus do ônibus negro e branco sem eira nem beira ó deus único sem segundo! se eu chegasse fumando um cigarro em copacabana! uma

sereia na areia — eu tinha visto na folhinha bem me voltava essa imagem estava feita! olhava para as poeiras do pó rodavam muitas vezes entre as moitas ressecadas de lua

removia o sarro do fumo dentre os dentes amarrando o cigarro a brancura das minhas coxas que eu imaginava enfeitava os cabelos cor de ferro duro aquele pó subindo detrás dos vidros encardidos da viação aurora a balada da porca madrinha! sacudindo os parafusos na estrada os orifícios a boca o pescoço suarento com o nojo nojento do fitilho de sujeira grossa no pescoço as pernas parecidas com as da tia — que ela que dizia eram de família estou indo dona solange! estava destruída como um circo dos miseráveis — meus prediletos números de enterros mas tinha as mãos ainda lindas e doces com esse esmalte fulgurantemente verde a manicure me mostrou um tom abacate ela mesma colhia para a viagem a minha correspondência com a companheira da poltrona ao lado: — achei lindo! em copacabana ela me garantiu poderiam me cobrir com panos diferentes e maquiagens estudadas lá fora quando nua me ensinariam a me proteger das partes piores do corpo eu aprenderia a me virar sozinha de um lado para o outro com as poucas sombras que enxergo já havia escolas modernas para putas cegas! minhas mãos massageadas por especialista eu serei experta em leitura de paredes enquanto trepo em pé só continuaria suando um pouco demais nas horas erradas como sempre isso ninguém dará jeito — mas lá havia água em abundância não é mesmo comadre? e no caso de seca de todo aquele mundo poderia me banhar no mar que não ia secar nunca ainda não não é mesmo comadre? sem banho na cidade também poderia ser fatal com tanto pano de falsa donzela suor de bicho pesado onça zonzando de calor — assustada com o trânsito das veredas de estouro das boiadas de motor perseguida pela cangalha massacrada pelo trabalho os olhos grandes e submissos — dois gudes baços açudes eu sonhava o coração sonolento fúnebre rebateu seu dobre outra vez forte amassei uma mão na outra imaginando a vizinha como seria? um sorriso miúdo ela sofria porque eu não enxergava? tem desses — a cega! — e

eu só queria puxar assunto do variado trivial suas mãos são lindas ela disse ontem eram lindas nada eu penso — todo mundo acha eu digo esconder o nome do que se sente conservando ainda a frescura da verdade nas pontas das unhas — esse é o truque por aqui somos todos um pouco assassinos gostamos de devorar nossos filhos sofistiquei por uma semana no máximo os amamos mas é tão pouco não acha o amor minha filha? — que temos por eles então não? — eu disse — quase todo mundo ela atalhou esperava cantando baixinho cantarolado debaixo da roda gigante porque nós íamos ainda nos cavalinhos ele foi dar uma volta sozinho na roda eu não fui porque sentia medo cega girando nos ares as pernas pra cima tá doido? eu queria ir nos cavalinhos! porque eu sentia paixão pelos animais subindo e descendo a roda gigante podia despencar de coxas para o ar o carrossel no parque de diversões cinco réis depois fui foi tão bonito o vento nas fuças dos brutos! não ia deixar aquele homem sozinho tonteando no meio daquelas tropas feira do jequitibá do norte! sentia uma agulha passando pelo fio da garganta era primeira vez que ia ao parque com o marinheiro da costeira nem grego nem argentino maranhense toda a viagem do ônibus eu sonhava com o que eu realmente era queria querida ali mesmo montada no cavalo sair do lugar eu ficava quieta dentro do ônibus me amassava no banco de um lado pro outro não precisava ninguém mesmo vir nem ir falar comigo mas parti no mesmo dia em espelunca de copacabana voltaram minhas insônias — e as saudades o noivo menina pronta para casar — fedida nem um tostão de ninguém pra ganhar a vida mais fácil ninguém foi com a minha cara eu não sei? a verdade é que eu não era bom negócio para ele ou se ele era bom negócio para mim não sei mas servia como qualquer coisa serve pra toda mulher depois são mortas no descarte do que escolheram então me explicaram que o que eu sentia e me contaram em detalhes no espriado ele achava que amar era a coisa de uma piada sem graça por dentro contada rápido elvira eu entendi na hora era assim mesmo mesmo que sem graça servia pra fazer um número de circo uma coisa qualquer coisa duas coisas algumas vezes mesmo que seja de mau gosto! — mas eu me

arriscava dona gostava — não precisa me chamar de senhora filha! dele e de todos os outros senhora de todos os lados ele não não gostava nada de mim nem toda só de algumas partes algumas partes sempre ficam de fora do cesto do mercado do amor filha na sexta-feira após fazer a volta na parada da praça tinha um pedaço de broa na primeira hora da noite quer? broa é tu vou tomar uma pinga a estrela cantadeira movida a motor morria entre nós meus olhos sentiam frio ia embora cedo antes das nove — tomá outra pinga pastora? na cidade grande não haveria espinhaços fuço com os pés os velhos chinelos de corda debaixo do assento do banco da frente palavras cansadas com a vizinha ônibus velho seios pontudos duros suados usados no calor do sutiã branco vagabundo e duro

farelos de biscoito derramados do saco plástico choviam do assento da perua faladeira lourdes era o nome dela naquela hora depois não sei estava novamente rindo mexendo as mãos bebendo a tequila de uma garrafinha feita de pelo de casco de cavalo que tirava de uma bolsinha pelo visto de couro também de cheiro aceita um trago? quando acabar acaba nada! tem mais meia dúzia na mochila pra viagem toda — é longa contrabando dos cargueiros de farinha tangerinos eu tenho os olhos grandes e quando eu bebo eles ficam mais grises e arregalados às vezes a pálpebra não estava no lugar como naquela hora não devia estar mesmo sob as folhas decíduas ventando pelas horas nas amendoeiras avermelhadas — o outono requerendo dar ainda mais original é quando as coisas azedam por aqui ela me disse que estivéssemos sempre prontas não disse! queria alguém para amarrá-la um camarada disposto com as mãos para trás para trás! diariamente e só soltá-la no domingo ela disse quando eu canto é legal — o tempo desativa mais rápido perguntei o que era aquela sirene — desastre? dois carros um oficial e uma escolta motocicletas armadas ela disse cruzando nosso caminho fizeram um gesto para o ônibus — no mesmo tom na rota uma operação policial do exército caçam terroristas ela disse o chefe deles ainda anda por aqui era real subiram no ônibus a polícia sempre traz uma desgraça ela é cega ela

disse eu era uma estranha eu me identifiquei abri os olhos bem e eles não acharam nada não era errado nada era cega — e examinaram as minhas mãos a boca os dentes um olho de cada vez o hálito bebeu? um gole estava cadavérica como sempre depois os dois olhos mandaram eu olhar pra cima pra lá pra cá lá dentro para a direita e para a esquerda no oco fundo o policial divisou o mar e uma por uma as sete trezentas tralhas do meu quarto — desarrumado durante a seca peixes flores facas feno farsas fosforescentes a areia das estrelas de dependurar no pescoço a lâmpada — forte e azulada — era o que eu deixava acesa durante a noite do meu sono para imaginar o dia dentro do quarto o teatro entrava pelo cinza duro dos olhos duas escuridões pesadas demais a noite toda escura as trevas transformavam o chão num cenário de correnteza eu tinha horror a acordar naquelas horas sabia que estava tudo escuro agora — e em paz depois que se foram meus olhos assustados revelavam os mangues fétidos ressecados e cheios das crianças abortadas na infância a passageira adivinhou as visões pressentiu: fica calma não aconteceu nada a passageira entendeu o vento — também respirava sonhos sobre os tempos antigos se cravaram mais duras as minhas unhas nas duas fundas olheiras eu sentia as silhuetas se movendo como asas escuras ainda descendo do ônibus já descera? se revelavam agora através dos vidros esverdeados do aquário do ônibus ela disse minhas mãos apesar de todo o medo continuavam perfeitas sociáveis mas sedosas não eram apenas os restos das minhas muito antigas mãos o resto de tudo aquilo que todo dia sobrava de mim tudo bambo soltando as porcas o ônibus reagiu aos meus solavancos e sobressaltos a faladeira ficou de pé na poltrona e me obrigou a sentir o cheiro dos fundilhos da calcinha dela verde alface — eu imaginei pela pinta braba da figura ela me explicou tudo falou quase de tudo dela do hímen difícil às vezes com as palavras pesadas da mesma cor das unhas — aguçadas suposições era elástico o seu purgatório tinha matado o noivo roberto carapina da flor do engenho eu soube como eu mesmo tinha que dizer? arrastou da mochila agarrada no bagageiro uma garrafa ainda maior que todas as outras — a garrafa mãe as que tínhamos

esvaziado na estrada pititinhas iam ficando cada vez menores falava pela garganta os buracos sim — todos no lugar não não tenho lepra ainda não por favor de deus ela disse por enquanto só o corpo ausente de fadas alegres a falsa ardência dos sorrisos e as curiosidades pelo demo presas no seu labirinto esperanças da merda nua da vida você tem? ela perguntou teve mãe ou você nasceu do cu de uma jumenta sua faladeira eu perguntei? esses anos de pasmo debruçada sobre meus quatro quadris pateando num pé só vergonhosa nunca ir ao atos quando muito fugir dos fatos me vestir quando quero mas não não quero nunca nem tirar a roupas para existir ficou por aqui uma semana ou duas — ia e vinha no bar enquanto isso deixei-me ver toda nua por trás toda nua três noites seguidas seguia seus rituais e as linhas das minhas dobras de ondas eu sabia por que essas coisas todas acontecem? nada sobre isso nada ela dizia existem coisas sobre a existência dos abutres que nós nem imaginamos eles prosperam dentro de organismos bem alimentados — por nós mesmo e nos convencem com nomes estranhos se dizem fofinha como se fossem coisas normais eles nos lembram o terrível de nós mesmas e indecentes até depois de alguns dias ficam — às vezes no mesmo dia existem mesmo minha filha! o mesmo cara dos três dias nua quase sem comer diante dos seus olhos vidrados me contou que o homem que matou minha colega também gostava de cadáveres frescos ele apenas me via como um cadáver mas não me matava também porque ele também gostava de mulheres vivas — mas não ia fazer isso comigo porque então eu era melhor viva tinha curvas de chocolate que obedeciam aos melhores desenhos que ele queria lembrar depois ficava olhando só se fosse de chocolate branco minha filha quase derretido podre — e principalmente porque eu não tinha olhos para não ver a minha própria morte — que era disso de que eles mais gostavam ele e o melhor amigo dele cada uma devia saber exatamente como e de que estava morrendo — ele achava eu disse — eu não sei nada sobre isso senhora — ela acreditou quando os dois foram presos e mortos não foram levados para a geladeira a nossa cidade achou por bem que fossem entregues aos

nossos sete cachorros do purgatório sedentos de sangue a senhora leu sobre isso? mas por que estou te falando de tudo isso agora? você percebe lourdes o que acontece quando eu bebo — a minha senhorita fala sem cerimônia?

nestas curvas íngremes da estrada quase morta o vinagre da viagem novamente rindo e bebendo tequila pestanejava e pressentia meus olhos ágeis minha pálpebra não estava mais no lugar de novo ela percebia se recompunha e claramente se desculpava com frases chochas e mal cozidas porque ficava olhando alegava que sabia que estava errada que eu deveria compreendê-la a miséria de seu tronco seco nunca haver florescido apesar de pobre e de não poder ler era a árvore de que ela dependia para viver que nunca e nunca por ela não e muitas e muitas outras coisas eu acho que esse monte de momentos ela falava só para poder encontrar outro motivo para beber naquele dia chovia e ela ia se reencontrar com o seu antepassado sentada inclinada no banco do ônibus diante da vidraça quebrada daquela maneira embriagada depressiva dissimulava uma branda melancolia um malmequer qualquer mameluca e despuadora e disse elvira — pensar que até deitada no chão eu já tive que dar comida para ele de tão fraco — foi o que ela me disse no dia em que saiu pela porta afora com o casacão vermelho rasgado pela chapa solta da fechadura resignada ela se enfiou no chuveiro tentando se afogar com a garganta aberta para cima só conseguiu engasgar e ficar com as mãos enrugadas sua tristeza cantava lá dentro como lesmas lentas escorregando de um vaso de vidro branco os cães atônitos de madrugada a olhando em silêncio chorando em silêncio as outras madames cada qual no seu departamento diferentemente decorados nem se mexeram para vir saber o motivo porque não ouviram o choro a cada noite de acordo com o gosto do cliente ela atravessava a porta de um jeito após uma almofada um travesseiro um sutiã um sofá surjo então voltam as borboletas obsoletas — ela disse — uma a uma elas se evaporam de si mesmas como uma canção premeditada em seu estado de crisálida como escamas que nascem das pedras das paredes elas emergem — eu disse — depois uma

violeta morta numa travessa de metal esquecida em cima do tanque dentro da pizza a grande rodela de tomate o pó do orégano salpicado pede pule quase de madrugada pra matar a fome antes de dormir amanhã de novo me reencontrar de braços dados com os avestruzes de cada dia um dia a dia — ela disse — só para você no meu apartamento bolas de encher penduradas pelas paredes no mês do meu aniversário! — eu me calei — flor mas a flor de verdade elvira do jeito e maneira que ele queria não nunca fui agri doce agrião me confundo com a vala das lágrimas velhas e vermelhas — me disseram — a menstruação abundante me faz sentir o cheiro dos meus vermes e dos teus versos — ela disse — meus dentes falsos feios cinzentos para fora — me disseram — ele também achou que devia ser horrível eu podia ver pelos seus dedos surrados devido a ficar brincando com a bolinha de carne do meu corpo — jogando conversa comigo de gato e rato

dez de novembro não posso enxergar minha face sem as mãos essa mancha ficaria invisível para sempre toda essa manhã sem os meus dedos sobre ela eu não sinto nem a metade de mim se não tocar na seda preta da combinação por debaixo do vestido e dos berloques brancos e cinzentos presos entre os cabelos esfumados reconheço as cores pelo cheiro que deixam nas unhas ir com os fósforos na direção do cigarro batucar a bengala em direção ao bar mais próximo surgir como mosca na agitação incomodando os homens em flor a mesa da sala com um sanduíche de presunto desde ontem rachado ao meio de fastio no porta-luvas sujo esqueci uma calcinha nova limpinha e depois durante a subida no elevador do prédio esqueci o número do meu apartamento escolhi um andar qualquer e batia com a bengala pelas portas todas que ia achando no caminho a ceguinha tá bêba! fui uma noiva desapontada senhor! bêba é uma ova! minha cara diz tudo nunca tive permissão para refletir com o rosto o que eu queria dizer não dizia e então pedia a madrinha que me contasse como foi o que foi que aconteceu comigo? a porca-madrinha — minha amada rainha principal do conto de núpcias seu

rabinho no fim da espinha já nasceu assim! mas como eu também nunca escondi de ninguém foda-se! nunca se sabe até onde os olhos deles vão quando nos põem nuas no espelho do chuveiro o que podem descobrir ou precisam procurar esquecer por ali grunhem bem alto perto do meu ouvido uma espécie de valsa azul correndo pelos vales do chiqueiro minha audição perfeita reconhece suas raças — porcos brancos ou caipiras enxergo com o nariz desde menina conversando comigo mesma os lábios da minha flor digo sem vergonha alguma são como o papel de arroz — quando molhados se desmancham e revelam segredos amei e aceitei as maquiagens extravagantes que me impuseram um homem sem barba só serve para fazer dinheiro não sei se me entendem? mas entre as minhas pernas eu vejo tudo narrar meus medos meu fogo diário todos os temperos dos temporais as faces meus punhais os que morrem e se movem devagar os que guardam os vermes profundos fincados todos os dias não ter medo de anotar as porradas golpe a golpe sou eu quem sabe como escrevo a sua escrava comprada a peso eu sou minha senhora e minha religião olho no olho dente no dente meus olhos pelos teus olhos os dentes que eu perdi pelos teus tão bonitinhos eu não vejo mas você não enxerga! — não vê? não havia amor levando o mofo ao centro de tudo para dentro do quarto se livrando do meu corpo já morto antes que apodrecesse o padre — não o monsenhor da saliva grossa mas o nosso que bandeou para o nosso lado — depois de tudo foi torturado como um homem comum oh jesus-deus! se ele tivesse ao menos me deixado o cheiro do perfume dos seus dedos de círios mas seu tato de escamas de peixe se manteve virgem durante toda a campanha seus dedos de jasmins cheirando a defuntos o que era um padre para eles? o incenso ainda aceso derramado no recipiente de lata agora os fios esfumaçando naquele corpo sem bálsamo os biscoitos se despeçam voando pela boca próxima parada — almoço trinta minutos se precisasse voltaria a viver a antiga ruína a intimidade calorenta e solitária com os camundongos do mato num nicho quente debaixo da mãe agora eu fumo estendida num sofá vermelho e longo um cigarro oval com piteira comprida num apartamento conjugado profissional

de copacabana olho a foto de quem eu gosto de pensar que está na foto quando fico sozinha e dobro as pernas devagar quase dançando parada com os joelhos me aconchegando na almofada em concha de cetim verde giro a cabeça de um lado para o outro contra o encosto de espuma macia tentando descobrir novas belezas louras no rosto da foto que imagino ele sempre tem os olhos ovais vermelhos vivos na foto como um coelho tento proteger minha carne do sol do deserto — mas raramente vou à praia me orientar naquela areia! me lembro de algo antigo olhando com os dedos fico extasiada com seus lábios fascinada enlutarada enquanto durmo bebo e me lembro

onze de novembro depois escuto um pássaro cozinando o dia acinzentado a música aguda que me abala escolho uma saída ente as nuvens pesadas fisicamente como precaução contra o mofo arrisco e vou à praia sozinha posso morrer de cruzamentos os pés aos trancos e barrancos fincados de novo nas curvas que ondulam meus passos com toda aquela areia aquelas minúsculas dunas se rompem e rangem mas elas me engolem lentamente como os condenados a morrer enterrados no sol escorrego para o chão junto com o chapéu cheio de flores é difícil me orientar na praia todos os deslizos vão em direção às ondas sigo de volta no sentido oposto do horizonte quando toco a calçada me arrependo — deveria ter ido sempre em frente andando leve pelo fundo do mar agora vislumbro novos homens menos atônitos sambas à noite gafeira assobiar para você um pouco bêbada a tua boca nos meus braços de poemas escondidos a salsa que eu dancei para você você não olhou as tuas melhores peças que você me pregava eram versos fragmentados que não queriam dizer nada e que você nem me deixava ouvir direito frases esfarrapadas que levavam uma leve maquiagem dramática passo rouge crio sonhos escolho canteiros cheiros viandas lavandas e vinhos novos meu coração de leite bate aquela canção nostálgica eu ouvi você cantando no banheiro lembrando da última ode da minha perdida noite de noiva vivos vivos depois removi todo lado esquerdo

do meu rosto onde você beijou pela última vez os roçares antigos as calúnias os calundus os cafunés meus cílios flutuantes paralisados continuam pela seda vermelha o outro lado do rosto na sala da lua-de-papel olhando fixo uma paralisia que a minha boca tinha que imitar aquela boca de foto de revista que você me explicava em detalhes como era e os seus gestos preciosos de mãos lindas já sei lidar com o cigarro da atriz disfarço meu medo de ver morte na televisão reflexões sobre pequenas mudanças nas minhas sílabas soltas treme meu coração explode de novo então a faca fina e longa dentro do meu peito os meus melhores dias! eu amo aquela merda que vou levando na aventura os jasmims paralíticos caídos sobre o pano velho eu cheiro a jarra a língua branca lambe a gravura esmaltada nuances de amarelo contra o perfume do velho mobiliário do quarto vermelho não brotam sozinhas como você pensava as imagens meus olhos simplesmente tem fome sem sons se movem dentro de uma caixa preta ou então eu me viro de costas estirada no sofá e espremo as coxas uma contra a outra agarradinha deixando a grande bunda e o jardim vermelho com seus pássaros à solta a planta sobre a escultura de mármore pede para ser mordida ali devagar dois ou três mugidos de música no meu ouvido eu faço qualquer coisa que o cafajeste quer benzinho o suficiente o suficiente! sussurros se despedaçam voando saindo pela janela na travessia do ônibus me lembrava delicadamente afastei o homem amarelo de perto de mim de perto da janela para longe da cortina a ilusão ingênua da interrupção do vento que vinha da rua me controlava que o meu cheiro diminuísse fechando a janela agora ele flutuava a cortina envolvendo tudo do perfume de mim mesma o cômodo velho mergulhava em meu corpo insondável forte imóvel — insensível diante da sanefa empoeirada bordada à chinesa elvira você flutuava no teu fedor! essas palavras — flor das flores flutua no fedor — não pertence ao reino das coisas que se podem controlar é melhor evitá-las! a janela fechada faz o cheiro forte ficar mais forte delicadamente reclamei do calor com o pé esquerdo novamente a janela para fora percebi que o homem percebeu olhou para o lado oposto alguma coisa tinha saído errado muito errado entre

nós dois não eu preferi não matá-lo depois nem mais ia morrer antes me lavando banhando pilando mastigando conchas junto com o café da manhã sonhos tão brutais com esse desjejum com flores brancas a manhã manteiga fresca a mesa de versos bordados que busco no fundo da cesta de papel saboreio um velho tomate massacrado os últimos do pequeno pomar da chapeuzinho vermelho da feira de xepa sobre a mesa quando volto a mim no fim da noite ontem sonhei com ovos pães massas bacon lábios bonitos debaixo de olhos tortos e cegos que sejam mas comi angu quando teve e um homem com roupa amassada e tudo o homem todo rasgado que jantava na minha mesa às sextas o homem que trazia alguma comida ele que trazia os últimos pássaros assados que ainda viviam em seus voos ele que trazia a bebida gelada cerveja a genebra também era educado e belo como um capado o amante ideal da porca madrinha madrinha que era a dona dele! mas eu comia da janta também! e eis eu e o mistério do meu próprio amante me violando na sacristia! foi o que sobrou pra mim envolvida na reminiscência olorosa da presença do filho de deus o puteiro um seminário pagão de subúrbio de cidadezinha do interior a presença de deus um desejo sonâmbulo e eterno durante todo o dia que fez me escondendo nos campos de milho com medo do que ele ainda ia fazer disfarçava o nariz ensanguentado nunca mais pensei em resistir se resistisse era só querer para ser espancada no mesmo romance pelo mesmo homem num versículo igualzinho depois fugitiva da casa de deus fui bem tratada e paga no inferno no reino do mercado do pecado de barriga cheia cuspiam um pouquinho na boca deles quando beijava para eles acharem que eu estava gostando muito os muitos lábios como luvas encharcadas com a tintura dos panos escarlates da cama bem lavados e com poucas manchas fazia confissões íntimas mostrando os dentes dizia que ontem não escolhi o esmalte certo mas amanhã estaria melhor poderia voltar para ver as unhas que faria ao acaso não pedia ajuda para ninguém confesso que às vezes não dava muito certo como também não dava certo a escolha que eu fazia para o futuro dos meus três buracos de bala para aquele dia quando ia à guerra com o meu corpo e ele

tinha dor de cabeça de paixão e nós fazíamos tudo — bebíamos juntos a tinta escura dos frutos do amor e do pote de louro médio dos cabelos canelados quietude é melhor quando fico desnecessariamente bêbada desde aquela hora do parto nunca podia esquecê-la! achava que ia morrer quando tomei a menina morta — de náuseas me sentia as vísceras soltas por dentro prontas para rolar no chão em comparação com os dias fáceis moles como ramos de esquecimento os dias de antes em que crescíamos e andávamos juntos aos trancos suaves agora longe dos assassinatos era só o que o corpo dele queria e o meu permitia eu podia ser morta a qualquer momento por qualquer fera vulgar que entrasse ali de repente se não tivesse dinheiro para pagar que não pague foda-se não vou morrer espetada numa faca! ao menos que eu morra aos poucos como morro todo dia mas que ninguém se meta nisso de qualquer maneira eu continuava viva mas meio-viva simplesmente somente um pouco assim vinham bater à minha porta os pobres necessitados de corpo e sonho a ilusão da imaginação do que eles precisam eu já havia sido duramente advertida pela porca-madrinha porque não me esforçava o suficiente os milagres diminuía junto com os cobres! agora ela cobrava por fora as visões que eu provocava eu escolhia quando provocava se provocava para quem queria provocar — era aquele um preço a parte que tinha que ser negociado comigo! o cliente podia querer se imaginar num deserto um santo sendo alvo do demo e salvo no último momento ou no mar preso aos pés de uma ave que o levaria para o alto minha alma catatônica potente era sempre reconfortadora almas leves na minha missa canônica que eu mesma inventava rezava com os olhos cegos via desastres para o mundo deuses arregalados eu os narrava no altar via as almas dos peixes secos lacustres invadidos por antífonas cantava baixinho murmurava num rum rum de mim mesma para mim mesma as pernas abertas para o nascente como uma mancha de água negra de óleo no mar salgado nos acusam de ter faltado com a verdade a mim e à madrinha — sim os longos solos de órgão que eles ouviam era eu que soprava com a boca e o nariz os gemidos produziam as manifestações e os

transportes possessivos eram os meus tremores diáfanos!

doze de novembro meus brancos horrores falsos e meus exorcismos fajutos — santa chorona de molho de tomate derramado em gesso incluído no preço não sei quem disse que servíamos sanduíches de mortadela barata aos fiéis não eles era conservadores e sempre preferiram a carne de sol quando eu tocava no assunto para apavorá-los fugiam da ideia nunca iriam responsabilizar o pai por não ter feito nada para evitar o assassinato do filho na cruz! foi madrinha que inventou isso de entregar jesus à cruz para culpar o padre quando ele já não nos privilegiava com a confirmação dos nossos milagres o que é real é real não é mesmo lourdes? mas eu posso nem pensar nisso! passo sempre a mesma ideia para eles a ideia de que vou desaparecer na quaresma sem deixar vestígios — toda semana santa ele voltam eu estava lá ainda era a mesma fuinha milagreira magrinha com os dentes podres todos conhecem afinal a ânsia de assassinato quem nunca sentiu? — tanto do pai como do filho! será que não seria sublime isso mesmo que a morte da pessoa amada traz? era um pensador que sempre voltava para as lucubrações das escolas depois do ato é mais forte a morte que a palavra falada? - querido quando estão dentro de mim é o meu fim que anda por ali naquele vãos eu dizia inteligentíssima — mas não é esse o melhor meio e por que não ir e frente? eu falo! matar-me seria uma grande perda de tempo — em meus ouvidos dizia essas coisas inúteis! todos desejam matar numa hora ou noutra — por que não vamos matar então? outras mulheres virão até você algumas vão viver outras não um dia você resolve matar uma delas por que não eu? é melhor fugir enquanto é tempo então eu criava na mente deles um labirinto um bueiro enorme de peste onde os ensinava a pensar balançavam entre a vida e a morte que buscavam em mim como santa e a minha destruição como puta — para que pudessem acreditar em mim para sempre era como se olhassem para o meu cadáver quando já me possuíam eu pedia baixinho para eles para me pouparem eram dois espelhos então num deles se desenvolvia se escutava

a música da missa no outro eu fingia que me equilibrava como uma garça no fim do mar o mar que ia se abrir sobre eles eles me ouviam bebiam tequila jogavam confetes tinham olhos de bagre — morriam de medo de mim quando madrinha queimava umas folhas de mato e soprava para dentro do quarto — vai ser agora durão! difusão efusão profusão luminosa abundante da fumaça do outro mundo invadindo o coito sobre as minhas mãos negras de fuligem surgiam desincrustadas asas sobre as garras brancas umas extraordinárias extremidades de unhas dentro de luvas vermelhas cresciam havia estrelas calafrios estalos de relho tilintar de estribos polidos havia aqueles que pintavam os cabelos antes das irradiações para me ver colarinhos tristes com o sabor do sabão e dos pelos sujos lanugem de suor castanho ouro falso na barba mal feita para visitar a princesa sem olhos pés-de-galinha unidos nos encontrávamos nos braços dados nós os avestruzes de um dia depois do outro um me queria só para ele porque era dia do seu aniversário outro o que trazia seus cachorrinhos magros amarrados em cipós queria me manter trancada num armário também só para ele todos me queriam só para eles teriam um lugar especial para um penduricalho humano balançando num cabide de osso a estola de visom da carne viva enrodilhada no pescoço da milagreira encantada bom para o mundo é se você quer mudar a forma com que nasceu eles te matam como a um velho cão que quebra a pata você fica igual a ele vive caindo sem equilíbrio eles te odeiam e odeiam principalmente o teu desequilíbrio diante deles que mostra o tempo todo o desequilíbrio deles te matam mesmo antes da tua morte aprende a voar para morder os ossos dos outros mais fácil! lá do alto — para mim isso é uma espécie de ignorância mas uma nova ordem seria poder contar com outras mãos além das minhas no lugar dos meus dedos esfregando as unhas novas na roupa no tanque gastando a maquiagem raspando a gordura que se acumula gruda em cima do armário da cozinha ao lado do fogão se tivesse alguém que aliviasse a minha dor de cabeça rangente suave de tanto ouvir o alheios altos e baixos dos roncos do meu estômago de gato mas quem vai querer uma rapariga tonta e cega e sem

banho eu de fato já passei dos trinta tomo banho todo dia ôxe! foi só naquele sábado do estúpido episódio o dia que faltou água na cacimba do governo o dia do desgraçado do noivo o dia que secou a bica com o vento da chuva que não veio entre dois dias de trabalho o dia de tudo seco as pregas os olhos ajudante de desmontadora de costuras na facção de calçolas do povoado aquela máquina cantora de manivela as bainhas mal feitas se você comparar a minha altura em relação aos meus seios sempre sem leite o meu peso em água à gordura das coxas irritadas as ilhargas agarradas de elástico às marcas dos bancos de madeira na bunda o dia de serviço mal pago ao tempo sentada num tamborete mínimo veria que eu ainda tenho um bom andaço um bom balanço e um bom banho resolveria tudo era só tomar um café com a madrinha e voltar no outro dia ficar sem banho três dias não era um problema tão sem solução assim tão grande ao ponto de ele achar e se livrar de mim então eu ando assim pelas calçadas da vida para me equilibrar nas facas do meio-fio que se foda o noivo!

eu tremia e meu coração explodia sem luz mais uma vez mais uma vez sentindo o ácido que me jogaram nos olhos a sirene levando o prisioneiro embora a boca seca os farelos do biscoito a poeira da estrada o cigarro o carro capotado no chão molhado com o sangue dos estilhados dos vidros furados de balas ouvi! gritos! ouvi os gritos! gritos! outros gritos sempre comigo me ergui me contorci e espremi as carnes para elas me darem mais algumas imagens algumas retornam eu reconheço mas é difícil depois de tanto tempo caminhar entre elas achei lá dentro suave o silêncio de qualquer maneira o meu rosto sem medo estava lá no fundo perto dele uma massa pesada havia se movido e agora escorria parecida com minhas memórias mas não era tentei morder a barriga ver se teria gosto de alguma coisa diferente para trazer algo novo que me desse mais satisfação quero dizer satisfação vinda de mim mas não precisei pensar em coisas melhores não desisti quando me abaixei as pelancas mornas quase se descoseram da minha barriga de uma maneira tão engraçada balançam que me fazem rir! apesar da minha antiga desgraça ainda vivo frita embebida e guardada em

banha pensei ah meus felizes frenesis! macabros lascivos e lúgubres frenesis vivemos juntos agora como num sonho dois cavalos que se mordem — os pescoços nós os mantemos entrelaçados e os dois sexos num mesmo corpo uma para cada lado do rosto duas bocas dois vulcões correm e correm sobem e descem por tudo isso todas as minhas veias passam pelas veias do outro cavalo noites seguidas depois um prazer súbito subterrâneo sucessivo como se escapasse aos poucos de mim fluísse e eu não estivesse vendo não estivesse percebendo talvez tivesse perdido toda essa minha memória em excesso isso me deu a imensa esperança da alegria finalmente: a imagem inteira dele o maior esforço que já fiz não tinha a menor importância mas não tinha sido em vão era só um sonho meu corpo estava amarrado daquele jeito entre dois cavalos as estacas algumas sim eram de verdade estão lá até hoje presas para sempre naquele chão com a medida dos nossos braços estendidos e das nossas pernas bem abertas o abismo que me sugava — eu supunha — estava chegando em casa estava chegando devagar e se deslocava com passos firmes curtos miúdos como saltos num tambor vida sobre a areia um lagarto deslizando nas paredes mais íntimas de meu vestido eu tinha mandado construir um aquário! imaginar peixes dentro da minha cabeça vazia era o meu sonho de menina e quem ia colocar água lá nele? enfiava a mão no espaço vazio cheirava as algas imaginárias respirava fundo o mar como eu queria escorrendo pelos meus dentes mas não queria tanto assim eu temia o risco de me afogar uma vez que eu não sabia nadar eu já sentia a falta de ar eu afundava e me sufocava então preendi a respiração vivia naquele aquilo falando com o tempo madrinha mandou mergulhar santos de plástico no aquário seco que eu dizia os nomes olhando a cara deles com os dedos peixes azulados entrando e saindo de uma pequena igreja erguida no centro da areia lá do fundo — zé manézio que fazia a catedralzinha de cactos e uns bagrinhos de umas sobras de osso de cabeça das rês ressecada madrinha decidiu que aquele era o cômodo da devoção da adoração a mim mesmo eu devia agora ser a nova santa de todo os dias mas só ela via aquilo meus milagres gostava de imaginar como seria o

aquário da santa era um jardim de convento emparedado — onde ela e eu foi uma vez saracotear com o padre amasio dela no crato no fundo do mar com uma cela de monja singela simples com uma cama e uma mesa pura sozinha único sinal um missal da liturgia das horas que sabia de cor já podia recitar se abria num banquinho na frente da minha cama onde havia os pecados enumerados e nomeados ela torou seu cabelo com a faca da cozinha deu de usar uma toca de criança a mode de coifa de madre superiora daquelas que falam — minhas filhas uma beleza — na hora ela tirava a coifa eles dava de cara com a sua cara de pinto pelado marcada da bicheira da varíola oferecíamos madrinha e eu para prazer e devoção por qualquer meio tostão — naquela seca no meio do liso era uma fortuna! madrinha também labutava duro se precisasse fazia seus milagres e me oferecia para eles — os retirantes podiam devorar o meu corpo a saber e beber o meu sangue se tivessem fome e sede de vida na descida até o litoral o sofrimento da minha alma era angústia garantida alimentaria os destinos dos que morava nos outros corpos também cheios de muito mais sofrimento eles fiéis na realização do meu calvário cruento mergulhavam em mim diante do aquário iluminado por velas um fervor enlouquecido eu oferecia amor em danças de possessa e loucuras iguais às mulheres loucas que me contam das capitais imitando alguém ciganas de circo lendo as mãos aprendi sarabandas sujas de ouvido no fim eles ficavam limpos lavados dos involuntários crimes silenciosos dos nascimentos de outrora os meus fiéis me recomendavam a outros fiéis que não deixassem de passar por ali mesmo quando estivessem sofrendo a fome e a sede na fuga da morte seca e eterna tudo daria certo na sua caminhada se viessem visitar a puta cega milagreira da seca e sua tia empoeirada uma ruazinha de prazer e milagres perdida no chão do liso do jacarezão depois só precisava passar perto vinham me enxergar de longe para andar bem as coisa a madrinha só cobrava um dizimo um corrupto dinheiro por um milagre sem corrupção alguma uma visão distante — era eu menina puta e pura não pensava em nada e não via nada desse mundo porque era cega seja lá o que eu estivesse fazendo

fizesse por não saber estava livre do pecado era como se a minha falta de vontade própria o uso intenso do meu corpo pela criminalidade dos outros me perdoasse de tudo quem não sabe o que faz não pode ser punido pergunta o doutor? essa era a explicação teológica que madrinha dava para justificar a eficácia dos milagres a perfeição do serviço na cama eu — só esperava que tudo aquilo acabasse rápido os meus tremores de êxtases vinham sempre quase ao mesmo tempo que os milagres tudo aquilo dava surpreendente certo para todos para madrinha eu sempre fui uma personagem de uma página em branco que ela podia escrever livremente nas contas da imaginação da freguesia

treze de novembro lambo as migalhas que desabam calmamente enquanto escuto a chuva sorrateira escorrer pelos meu sovacos sem barbear copacabana! uh uh! minha filha afilhada em apartamento de debutante! viva a maquiagem da vaidade sou igual à menina que jogou o seu chapéu para o alto e ele nunca mais desceu olhando para a parte inferior da beleza do meu corpo ele costuma fumar um cubano puro eu envio sempre para a madrinha o dinheiro para comprar o pão de cada dia mudança de ar de paisagem obras do governo! lá na seca as obras continuam como sempre — todas inacabadas ela disse um bom cafetãozinho de olho verde é o que eu procuro agora depois do trabalho duro destroçada nós dois debruçado sobre a sobremesa no travesseiro o padre da paróquia me cavalgando sobre os panos de linho bordado com inscrições em latim — falações agudas durante o coito ele não calava a boca naquela língua de profetas o pior da vida as mesmas palavras mortas no meu ouvido todos os dias todas as vezes a mesma ladainha se eu falasse ninguém ia acreditar e ele tinha o poder de me comprar uma passagem paro o inferno na mesma hora depois me dava um pão duro duro como o dedo dele o pão de santo antônio que sempre voltava a encher a despensa da madrinha agora em copa eu dou porque quero e cobro o que quero o dinheiro ganho com o meu xibiu padre algum vai me fazer viver de esmola! já vai longe o tempo de pobre da seca das curras de sacristia dos abortos de

filho do coronel coroné-zinho e de milagres fajutos da monja descabelada da minha tia saboreio sofisticados alimentos farinhas grossas salaminho em fatias finas e aqueles franceses cardápio da burguesia — farofa de ovo e lasanha no domingo a revolução eram os fantasmas do passado “cada um com uma bala na testa” lasanha sim que é o prato que ele mais gosta antes e depois de invadir o meu pensamento mas alienada eu vivo agora vilipendiada e expulsa de mim exausta de saborear o molho de carne à bolonhesa lhe agradeço a gentileza doutor devolvendo em troca as minha embalagens de favores abertas de frios fatiados mas isso isso não não ousa isso doutor — de maneira nenhuma nada não vai me conseguir convencer de fazer isso pro senhor seu dinheiro é seu mas o meu corpo é meu!

Quatorze de novembro.

Salatiel voltou.

Brincamos novamente com as senhas do velho casarão.

Ele — Senha!

Eu — “Todo êxtase é sagrado!” (Para ele.) Contra senha!

Ele — “Todo governo é absurdo!”

Então ele entrou e saímos. Me trouxe a liberdade. E me disse que para ele eu também era a liberdade.

— “Não compartilhamos apenas misérias e dominações”, ele disse:

— “Ninguém é livre sozinho”, eu respondi.

Grão-Mogol

2015/2024.

À memória de Theo.

